

LUIS HENRIQUE ROLIM

**A CHAMA QUE ARDE EM NOSSOS CLUBES!**

**A CORRIDA DE REVEZAMENTO DO FOGO SIMBÓLICO DA PÁTRIA EM PORTO  
ALEGRE (1938-1947)**

Dissertação de Mestrado  
apresentada ao Programa de  
Pós-Graduação em Ciência do  
Movimento Humano da Escola de  
Educação Física da Universidade  
Federal do Rio Grande do Sul,  
como requisito parcial para a  
obtenção do título de Mestre em  
Ciência do Movimento Humano.  
Orientadora: Prof. Dra. Janice  
Zarpellon Mazo

Porto Alegre

2008

## AGRADECIMENTOS

A conquista de escrever uma dissertação de mestrado não se iniciou no dia em que fui aceito no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano. Essa conquista tem ares de caminhada e construção junto a pessoas que acreditam que nada se alcança sozinho. Quero expressar meus sinceros agradecimentos a todos que contribuíram, cada qual com seu modo, para a construção dessa dissertação.

Em especial, à Prof<sup>a</sup>. Dra. Janice Zarpellon Mazo, orientadora desse estudo, pelos ensinamentos e oportunidades que me proporcionou ao me aceitar como orientando. Sua dedicação e disciplina de estudos serão sempre uma referência acadêmica para mim.

Aos professores e colegas do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH/ESEF/UFRGS), especialmente, ao Prof. Alberto Reppold Filho e à Prof<sup>a</sup>. Silvana Vilodre Goellner, pelas oportunidades que me deram para conhecer novos horizontes teóricos e metodológicos.

Ao pessoal da biblioteca da ESEF/UFRGS e da secretaria do PPGCMH, especialmente, ao estimado André, pela atenção e disponibilidade sempre amigável e competente.

A CAPES pelo apoio financeiro, sem o qual, dificilmente teria condições de me dedicar exclusivamente para os estudos.

Aos companheiros do Grupo de Pesquisa em Estudos Olímpicos da PUCRS, especialmente, ao Prof. Dr. Nelson Schneider Todt, pelos ensinamentos formais e informais que me proporciona desde o ano de 2002 quando ainda estava na graduação.

Aos colaboradores do estudo, especialmente a família De Rose na figura de Marco Túlio De Rose e, aos 'clubistas' de Porto Alegre na figura de Henrique Felipe Bonnet Licht, pelas conversas, materiais e ensinamentos a cerca do tema de estudo escolhido.

Aos meus familiares que são a base de tudo que penso ser: Aldo (*in memoriam*) e Lígea, avós maternos mais parecidos com pais; Rosa e Ricardo, pais que sempre buscam o melhor acima das suas possibilidades; Julio, um tio que sabe coisas que

julgo aprender; Derik e Kelvin, irmãos unidos desde o nascimento e; ao Hilário (*in memoriam*) um pai que aprendeu junto ao filho o valor de ser pai.

A Rosane, namorada e companheira que me ensinou a colocar as pessoas e coisas que eu amo em primeiro lugar; entre elas, está a nossa 'filha' Vitória, uma cachorra vira-lata que muito ouviu nossas conversas durante longos passeios. Para essas duas eu digo: *Agora vai...*

*Dentro de cada um de nós, arde o mesmo fogo e fulgura a mesma Bandeira! O nosso  
Coração é a Pira da Pátria e o nosso sangue é o seu Fogo Sagrado!*

J. Antunes de Matos

## RESUMO

A 'Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria' – CFS – é uma prática cultural que marca o início das comemorações da 'Semana da Pátria' em Porto Alegre no final da década de 1930. A partir de 1938, a CFS foi editada anualmente pela Liga de Defesa Nacional (LDN) com o apoio de dirigentes esportivos porto-alegrenses. Foram esses dirigentes que idealizaram a CFS em Porto Alegre, após assistirem a "Corrida de Revezamento da Chama Olímpica" na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936. Este estudo busca compreender a participação dos clubes esportivos porto-alegrenses na construção de representações da identidade nacional brasileira através da invenção da 'Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria' no período de 1938 a 1947. Para tanto, utilizaram-se fontes impressas e orais. As fontes impressas primárias se restringem aos documentos e obras da LDN; entre as principais fontes impressas secundárias estão a Revista do Globo e o jornal Correio do Povo. Foram realizadas duas entrevistas que constituem as fontes orais. A Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria (1938-1947) foi uma tradição inventada em Porto Alegre, institucionalizada pela LDN com o apoio social feito pelos clubes esportivos. A justificativa de sua realização se deu através de ligações histórico-sagradas e sua fixação através da repetição anual nas cidades. A CFS buscava engendrar 'valores', associados à construção da identidade nacional brasileira. Dessa forma produziu no imaginário porto-alegrense a representação de coesão e unidade nacional em razão do formato de percorrer a nação e ter como ponto de culminância sempre a cidade de Porto Alegre. No contexto esportivo, produziu a representação de que os clubes esportivos identificados como 'estrangeiros' foram 'abrasileirados' devido à participação de dirigentes esportivos e atletas na CFS.

*Palavras-chave: Corrida de Revezamento. Fogo Simbólico. Clubes Esportivos. Tradição Inventada. Identidade Nacional. Jogos Olímpicos*

## ABSTRACT

The 'Nation Torch Relay' – NTR – it is a cultural practice that marks the beginning of the celebrations from 'Nation's Week' in *Porto Alegre* city by the 1930's end. From 1938, the NTR has annually been edited by the National Defense League (NDL) with *porto-alegrenses* sports leaders support. There were those leaders who idealized the NTR in Porto Alegre, after they watched the "Olympic Torch Relay" at Berlin Olympic Games opening ceremony in 1936. This study aims to understand the participation of *porto-alegrenses* sports clubs in the construction of representations from the Brazilian national identity through the invention of the 'Nation Torch Relay' in the period from 1938 to 1947. For this purpose, printed and oral sources were used. The printed primary sources are limited to NDL's documents and works; among the main printed secondary sources are *Globo's* Magazine and *Correio do Povo* newspaper. There were two interviews, which are the oral sources. The 'Nation Torch Relay' (1938-1947) was an invented tradition in *Porto Alegre* city, institutionalized by NDL with social support from the city's sports clubs. The justification of its achievement was made by historical and sacred's links and its fixation through annual repetition in the cities. The NTR aimed to pass 'values'; and they were associated to the construction of Brazilian national identity. Thus, it produced in the *porto-alegrense* imagination, the representation of national cohesion and unity because of the way it roams about the nation and has as a point of culmination *Porto Alegre* city. In the sports context, it produced the representation that sports clubs identified, as 'foreigners', were 'adopted Brazilian ways and manners' due to athletes and sports leaders participation in the NTR.

*Keywords: Torch Relay. National Flame. Sports Clubs. Invented Traditions. National Identity. Olympic Games*

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|  |     |
|--|-----|
| FOTOGRAFIA 1 - MAPA DO PERCURSO GERAL DA CHAMA OLÍMPICA EM 1936 (LIMPERT, 1936).....   | 43  |
| FOTOGRAFIA 2 - DETALHE DA TOCHA OLÍMPICA (LIMPERT, 1936) .....   | 44  |
| FOTOGRAFIA 3 - PRIMEIRO CORREDOR EM OLÍMPIA (LIMPERT, 1936) .....  | 45  |
| FOTOGRAFIA 4 - REVEZAMENTO CHEGA NO ESTÁDIO DE DELFOS (LIMPERT, 1936) .....  | 46  |
| FOTOGRAFIA 5 - CERIMÔNIA EM FRENTE A CATEDRAL DE SOFIA (LIMPERT, 1936).....  | 46  |
| FOTOGRAFIA 6 - PASSAGEM PELA IUGOSLÁVIA (LIMPERT, 1936) .....  | 47  |
| FOTOGRAFIA 7 - CHAMA OLÍMPICA ACESA NO TÚMULO DE UM SOLDADO EM BUDAPESTE (LIMPERT, 1936) .....                                     | 47  |
| FOTOGRAFIA 8 - DR. THEODOR SCHMIDT, MEMBRO AUSTRIACO DO COI, ACENDE A TOCHA NA DIVISA AUSTRO-HÚNGARA (LIMPERT, 1936) .....         | 48  |
| FOTOGRAFIA 9 - O ÚLTIMO CORREDOR DA <i>TCHecoslováquia</i> CUMPRIMENTA O PRIMEIRO CORREDOR ALEMÃO (LIMPERT, 1936) .....            | 48  |
| FOTOGRAFIA 10 - CERIMÔNIA EM <i>KÖNIGSUFER – DRESDEN</i> (LIMPERT, 1936) .....   | 49  |
| FOTOGRAFIA 11 - JOVENS CARREGAM A CHAMA OLÍMPICA DA TORRE DE <i>BISMARCK</i> PARA <i>MÜGGELBERG – GRÜNAU</i> (LIMPERT, 1936) ..... | 49  |
| FOTOGRAFIA 12 - CHAMA OLÍMPICA CHEGA EM BERLIM (LIMPERT, 1936) .....   | 50  |
| FOTOGRAFIA 13 - PIRA DA PÁTRIA (CP, 01/09/1938, P.16) .....  | 59  |
| FOTOGRAFIA 14 - ACENDENDO A CHAMA OLÍMPICA (RG, 08/08/1936) .....  | 89  |
| FOTOGRAFIA 15 - A PROCISSÃO NO TEMPLO (RG, 08/08/1936) .....   | 90  |
| FOTOGRAFIA 16 - A SAÍDA DA CHAMA OLÍMPICA (RG, 08/08/1936) .....   | 91  |
| FOTOGRAFIA 17- MENSAGEIROS DO FOGO SIMBÓLICO (CP, 01/09/1938, P.11) .....  | 100 |
| FOTOGRAFIA 18 - ACENDIMENTO DO ARCHOTE (CP, 01/09/1938, P.11) .....  | 101 |
| FOTOGRAFIA 19 – PRIMEIRO ATLETA A CONDUZIR O FOGO SIMBÓLICO (CP, 01/09/1938, P.11) .....   | 101 |
| FOTOGRAFIA 20 - PÔSTER DA CFS NO ANO DE 1938 (SAFADY, 1960) .....  | 109 |
| FOTOGRAFIA 21 - PÔSTER DA CFS NO ANO DE 1939 (SAFADY, 1960) .....  | 110 |
| FOTOGRAFIA 22 - PÔSTER DA CFS NO ANO DE 1940 (SAFADY, 1960) .....  | 111 |
| FOTOGRAFIA 23 - PÔSTER DA CFS NO ANO DE 1941 (SAFADY, 1960) .....  | 112 |
| FOTOGRAFIA 24 - PÔSTER DA CFS NO ANO DE 1942 (SAFADY, 1960) .....  | 113 |
| FOTOGRAFIA 25 - PÔSTER DA CFS NO ANO DE 1943 (SAFADY, 1960) .....  | 114 |
| FOTOGRAFIA 26 - PÔSTER DA CFS NO ANO DE 1944 (SAFADY, 1960) .....  | 115 |
| FOTOGRAFIA 27 - PÔSTER DA CFS NO ANO DE 1945 (SAFADY, 1960) .....  | 116 |
| FOTOGRAFIA 28 - PÔSTER DA CFS NO ANO DE 1946 (SAFADY, 1960) .....  | 117 |
| FOTOGRAFIA 29 - PÔSTER DA CFS NO ANO DE 1947 (SAFADY, 1960) .....  | 118 |
| FOTOGRAFIA 30 – ATLETAS PASSAM O FOGO SIMBÓLICO A GETÚLIO VARGAS (RG, 19/08/1944, P.41) .....                                      | 129 |
| FOTOGRAFIA 31 - MENSAGEIROS DO FOGO SIMBÓLICO EM 1944 (RG, 19/08/1944, P.40)...  | 129 |
| FOTOGRAFIA 32 - TULIO DE ROSE, ARNO FRANZEN E ERNESTO CAPELLI (CP, 02/09/1941, P.09).....  | 130 |
| FOTOGRAFIA 33 - CARLOS EUGÊNIO PINTO (CP, 01/09/1943, P.08) .....  | 130 |
| FOTOGRAFIA 34 – OTTO RITTER NA CFS EM 1942 (ACERVO MEMORIAL SOGIPA) .....  | 131 |

**LISTA DE QUADROS**

|   |     |
|---|-----|
| QUADRO 1 - PERCURSO GERAL DA CHAMA OLÍMPICA EM 1936 (LIMPERT, 1936) ..... | 42  |
| QUADRO 2 - EDIÇÕES DA CFS .....   | 107 |
| QUADRO 3 - ATLETAS QUE CARREGARAM A O FOGO SIMBÓLICO .....                | 128 |



## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>1. INTRODUÇÃO: ACENDENDO A IDÉIA DO FOGO SIMBÓLICO .....</b>   | <b>10</b>  |
| <b>2. CONDUTORES TEÓRICOS: OLHARES SOBRE A CORRIDA DE REVEZAMENTO DO FOGO SIMBÓLICO DA PÁTRIA .....</b>               | <b>15</b>  |
| 2.1. A HISTÓRIA CULTURAL: UM HORIZONTE PERCORRIDO.....  | 15         |
| 2.2. AS TRADIÇÕES INVENTADAS: PRIMEIRO DIÁLOGO NO PERCURSO .....  | 20         |
| 2.3. A IDENTIDADE NACIONAL: SEGUNDO DIÁLOGO DO PERCURSO.....  | 22         |
| <b>3. A CORRIDA DE REVEZAMENTO: DE BERLIM A PORTO ALEGRE .....</b>  | <b>35</b>  |
| 3.1. BERLIM 1936: CELEBRANDO OS JOGOS OLÍMPICOS.....  | 35         |
| 3.1.1. <i>De Olímpia a Berlim: o primeiro Revezamento da Chama Olímpica .....</i>                                     | <i>38</i>  |
| 3.2. PORTO ALEGRE 1930-1940: PERCORRENDO OS CAMINHOS DA CIDADE .....  | 52         |
| 3.2.1. <i>As administrações públicas da cidade: construindo um palco para o Fogo Simbólico da Pátria .....</i>        | <i>53</i>  |
| 3.2.2. <i>As festividades cívicas da cidade no Estado Novo (1937-1945): exaltando o patriotismo nos clubes .....</i>  | <i>60</i>  |
| 3.2.3. <i>A Liga de Defesa Nacional em Porto Alegre: controle e incentivo de eventos esportivos pela cidade .....</i> | <i>67</i>  |
| <b>4. PERCURSO METODOLÓGICO: CONSTRUINDO FONTES IMPRESSAS E ORAIS.....</b>  | <b>75</b>  |
| 4.1. AS FONTES IMPRESSAS .....  | 75         |
| 4.2. AS FONTES ORAIS.....   | 80         |
| <b>5. A CORRIDA DE REVEZAMENTO DO FOGO SIMBÓLICO DA PÁTRIA.....</b>   | <b>84</b>  |
| 5.1. INVENTANDO A TRADIÇÃO .....  | 84         |
| 5.2. PERCORRENDO A NAÇÃO, CONSTRUINDO UMA IDENTIDADE .....  | 105        |
| 5.3. CLUBES ESPORTIVOS ‘ESTRANGEIROS’ AGORA SÃO ‘BRASILEIROS’.....  | 124        |
| <b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: (RE)PASSANDO O FOGO SIMBÓLICO .....</b>   | <b>132</b> |
| <b>7. REFERÊNCIAS .....</b>   | <b>137</b> |
| <b>8. APÊNDICES .....</b>   | <b>148</b> |
| 8.1. APÊNDICE A – BANCO DE DADOS .....  | 148        |
| 8.2. APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO E DECLARAÇÃO DO ENTREVISTADO ...   | 183        |
| <b>9. ANEXOS.....</b>   | <b>185</b> |
| 9.1. ANEXO A – DIPLOMA DE PARTICIPAÇÃO .....  | 185        |
| 9.2. ANEXO B – REPORTAGEM ZERO HORA .....   | 186        |

## 1. INTRODUÇÃO: acendendo a idéia do Fogo Simbólico

A ‘Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria<sup>1</sup>’ (CFS) é uma prática cultural que marcava o início das comemorações da ‘Semana da Pátria’ em Porto Alegre (RS) no final da década de 1930 (AMARO Jr., 1944; LDN, 2006). Institucionalizada pela Liga de Defesa Nacional (LDN) em 1938, era repetida anualmente com o apoio dos clubes esportivos porto-alegrenses. Foram os dirigentes desses clubes que a idealizaram, após presenciarem a ‘Corrida de Revezamento da Chama Olímpica’, na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936. Para um entendimento melhor dessas afirmações e ao que este estudo se propõe, a seguir acenderemos a idéia do Fogo Simbólico seguindo a ‘linha do tempo’ dos acontecimentos.

Os Jogos Olímpicos realizados na Alemanha Hitleriana foram um marco na história das Olimpíadas da Era Moderna. O envolvimento político que cercava os Jogos de 1936 fez com que ele fosse marcado por investimentos em infra-estrutura e pela construção de elementos simbólicos. Um desses simbolismos foi a ‘Corrida de Revezamento da Chama Olímpica’, que pela primeira vez, partia do sítio arqueológico de Olímpia (Grécia) e chegava em Berlim (Alemanha) no dia da cerimônia de abertura dos Jogos.

O ineditismo do revezamento, culminado na chegada da Chama Olímpica e no acendimento da Pira Olímpica causaram um impacto nos milhares de espectadores presentes no Estádio Olímpico de Berlim. Em meio a essa multidão ansiosa para assistir a chegada do revezamento e a realização da abertura dos Jogos Olímpicos, estavam dirigentes de clubes esportivos porto-alegrenses. Eles realmente ficaram impressionados com toda a magnificência apresentada na cerimônia de abertura dos Jogos que apresentaram ao mundo a ‘Corrida de Revezamento da Chama Olímpica’.

Assim ao retornarem para o Brasil na cidade de Porto Alegre, decidiram pela realização de uma corrida semelhante nesta cidade. Na sua primeira edição em 1938, a

---

<sup>1</sup> Durante a realização deste estudo foram encontradas diversas formas de tratamento para a Corrida. Adotamos a nomenclatura “Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria” por se tratar da forma de tratamento utilizada nas obras da Liga de Defesa Nacional. As outras formas de tratamento que poderão ser encontradas ao longo da dissertação se devem às citações diretas das fontes consultadas.

'Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria' (CFS) partiu de Viamão que foi a primeira capital do Rio Grande do Sul e chegou a Porto Alegre. A chama foi conduzida por destacados atletas porto-alegrenses até a Pira da Pátria construída no Parque Farroupilha (conhecido como Redenção) para ser acesa à zero hora do dia 1º de Setembro (CP, 01/09/1938). Com o acendimento da Pira da Pátria iniciavam-se as comemorações da 'Semana da Pátria' em Porto Alegre. Os festejos perduravam até o dia 07 de Setembro, data oficializada para comemoração da 'Independência do Brasil' e dia de extinguir o Fogo Simbólico que ardia desde o dia 1º de setembro na Pira da Pátria.

A partir desses acontecimentos observamos que desde 1938 a CFS constituiu-se numa das principais atividades realizadas pela LDN, em parceria com os clubes esportivos, para comemorar a 'Semana da Pátria' em Porto Alegre, conforme sugere o título da reportagem: "A maior corrida do Brasil" (FONSECA, 1961, p.66-67). Percebeu-se, que rapidamente a CFS, atingiu grande destaque, não apenas local, mas também nacional. E, até o final do período do Estado Novo (1937-1945), a CFS extrapolou as fronteiras nacionais sendo considerada a "maior corrida do mundo" (CP, 01/09/1944 p.10).

Assim estava se constituindo uma tradição com caráter patriótico que, inicialmente, restrita ao Rio Grande do Sul, posteriormente, extrapolou as fronteiras do Estado e do país, atravessando muitas cidades brasileiras numa 'exaltação cívica' que sempre culminava na capital do Estado do Rio Grande do Sul: Porto Alegre.

Embora a CFS seja realizada até os dias atuais, neste estudo nos propusemos a investigar o período de 1938 a 1947. Esse recorte temporal compreende o ano de realização da primeira corrida em 1938 até a sua décima edição em 1947, quando há indícios de construção de novas práticas culturais voltadas a afirmação de uma identidade regional (BILHAR, 2006; PAIXÃO CORTES, 1994). A partir de 1947, o chamado posteriormente de Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), começou a realizar em Porto Alegre a 'Ronda Gaúcha'<sup>2</sup>. Esse fato indica uma mudança no estado

---

<sup>2</sup> Em carta enviada a Liga de Defesa Nacional no dia 04 de setembro de 1947, o Grêmio Estudantil do Colégio Julio de Castilhos, oficializou a fundação do 'Departamento de Tradição Gaúcha'. Nesse mesmo documento revelava o interesse de transportar uma 'centelha' do Fogo Simbólico a uma Pira localizada no interior do Colégio Julio de Castilhos. Essa iniciativa foi chamada de 'Ronda Gaúcha', pois essa

anímico porto-alegrense em contraposição ao de construção de uma identidade nacional que havia encerrado politicamente em 1945 com o fim do Estado Novo. Outro indicativo que reforçou essa mudança foi encontrado nas reportagens publicadas pelo jornal 'Correio do Povo' em setembro de 1947. Este jornal registrava manchetes como: "A 'Semana da Pátria' iniciou **friamente**<sup>3</sup> em alguns municípios gaúchos" (CP, 04/09/1947). A reportagem sugere o enfraquecimento das grandes comemorações alusivas a 'Semana da Pátria' em Porto Alegre.

Tendo em vista o envolvimento dos dirigentes esportivos porto-alegrenses na construção da CFS e, sendo Porto Alegre sempre o ponto final da Corrida, ou seja, o local de sua culminância, o recorte espacial do estudo delimita-se a esta cidade.

Este estudo situa-se na dimensão da História Cultural (CHARTIER, 2000), no qual buscamos dialogar com diferentes conceitos, como Tradições Inventadas (HOBBSAWM, 1988) e Identidade Nacional (SMITH, 1997).

Tendo como referência essas perspectivas, este estudo tem como objetivo: Compreender a participação dos clubes esportivos porto-alegrenses na construção de representações da identidade nacional brasileira através da invenção da 'Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria' no período de 1938 a 1947.

A partir desse objetivo emergem as seguintes questões norteadoras do estudo:

- a) Qual o contexto sócio-cultural que permitiu a construção e consolidação de uma tradição como a 'Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria' na cidade de Porto Alegre entre 1938 a 1947?
- b) Como a 'Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria' contribuiu para a construção da identidade nacional brasileira no imaginário porto-alegrense entre 1938 a 1947?
- c) Que representações da identidade nacional brasileira os clubes esportivos construíram no imaginário porto-alegrense ao se associarem a 'Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria' no período de 1938 a 1947?

Para responder esses questionamentos foram produzidas fontes impressas e orais. As fontes impressas foram organizadas primeiramente numa Base de Dados para

---

chama perduraria acesa do dia 7 a 20 de setembro, sendo este último dia escolhido para comemorar os 112 anos da Revolução Farroupilha (PAIXÃO CORTES, 1994).

<sup>3</sup> Grifo nosso.

facilitar o entendimento das informações. As fontes impressas primárias foram os documentos e obras da LDN; as principais fontes impressas secundárias foram a Revista do Globo e o jornal Correio do Povo. Foram realizadas duas entrevistas que se constituíram nas fontes orais do estudo.

A partir dessas considerações iniciais apresentamos a estrutura dessa dissertação. Além desse primeiro segmento – INTRODUÇÃO: acendendo a idéia do Fogo Simbólico – existem outros cinco capítulos subdivididos que compõem o estudo.

O primeiro capítulo – Condutores Teóricos: olhares sobre a Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria – pretende apresentar os pressupostos teóricos que nortearam a análise do objeto de estudo. Ele está dividido em três sub-capítulos. No primeiro é revisitado o horizonte teórico do estudo, baseado na perspectiva da História Cultural. O segundo e terceiro abordam os diálogos interdisciplinares utilizados no estudo: o conceito de Tradições Inventadas e Identidade Nacional.

O segundo capítulo – A Corrida de Revezamento: de Berlim a Porto Alegre – buscamos nos aproximar dos contextos que permearam o objeto de estudo. Ele está dividido em dois sub-capítulos. No primeiro sub-capítulo, vamos abordar os Jogos Olímpicos de Berlim realizados no ano de 1936 na Alemanha, voltando nosso olhar para a Corrida de Revezamento da Chama Olímpica e a sua chegada na Cerimônia de Abertura desses Jogos. No segundo sub-capítulo, buscamos nos direcionar para o contexto local do estudo: a cidade de Porto Alegre (RS) e seu processo de modernização nos anos 1930 e 1940; voltamos nosso olhar especificamente para o período do Estado Novo (1937-1945) e os conflitos de identidades, que se acentuaram na cidade; além disso, a criação das instituições patrióticas e a emergência de práticas cívico-esportivas.

O terceiro capítulo – Percurso Metodológico: entre fontes impressas e orais – irá tratar das questões metodológicas do estudo. Ele está dividido em duas partes. Na primeira parte descrevemos o tratamento dado às fontes impressas, bem como os locais de pesquisa e as principais fontes históricas. Na segunda parte desse capítulo abordamos o tratamento que foi dado às fontes orais e a técnica da História Oral utilizada para coleta de depoimentos dos entrevistados.

No quarto capítulo – A Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria – apresentamos a análise do nosso objeto de estudo através do diálogo com as categorias do quadro teórico a partir das fontes impressas e orais. Ele está dividido em três sub-capítulos. No primeiro sub-capítulo, observamos a Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria (1938-1947) enquanto uma tradição que foi inventada. No segundo procuramos demonstrar que os ‘valores’ que essa tradição inventada engendrava estavam ligados à construção de representações da identidade nacional brasileira. No terceiro passamos a focalizar a participação dos clubes esportivos porto-alegrenses na Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria (1938-1947).

No quinto e último capítulo – CONSIDERAÇÕES FINAIS: (re) passando o Fogo Simbólico – será apresentado um fechamento do estudo através de algumas considerações finais. Além disso, pretende-se apontar algumas limitações do estudo, bem como algumas sugestões de futuros trabalhos.

## **2. CONDUTORES TEÓRICOS: olhares sobre a Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria**

Neste capítulo vamos abordar os ‘condutores teóricos’ utilizados para conduzir nosso olhar sobre o objeto de estudo. Nesse sentido, estamos dentro do que podemos chamar de ‘campo historiográfico’ e nos situamos na dimensão da chamada História Cultural, mais especificamente no horizonte teórico do francês Roger Chartier. Também denominada por alguns autores de ‘nova’ História Cultural, procuramos no primeiro sub-capítulo enfatizar esse horizonte não apenas pelo olhar de Roger Chartier, mas também através de autores cujas interpretações sobre a História Cultural nos ajudam a entender as noções que serão utilizadas neste estudo. No segundo e terceiro sub-capítulos serão tratados os diálogos interdisciplinares que foram necessários para analisar o objeto de estudo. Assim serão abordados ‘condutores teóricos’ que envolvem os conceitos sobre Identidade Nacional e sobre as Tradições Inventadas.

### **2.1. A História Cultural: um horizonte percorrido**

Neste sub-capítulo serão abordadas as noções que compõem a perspectiva da História Cultural. De acordo com Barros (2005) o uso de termo ‘noções’, não é por acaso. As ‘noções’ são ‘quase conceitos’, mas que ainda funcionam como tateamentos na elaboração do conhecimento científico, porém deixando claro que ainda não se acham suficientemente delimitadas. Dessa forma, as noções de ‘práticas’, ‘representações’, ‘apropriação’ e ‘imaginário’ serão abordadas neste sub-capítulo a partir da perspectiva da História Cultural.

O objetivo da História Cultural é identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler. Para tanto, a cultura é entendida enquanto prática que está associada as categorias de representação e apropriação (CHARTIER, 2000). Barros (2005) explica que as noções de representações, práticas e apropriação estão mais habitualmente acopladas ao termo “cultura” e constituem o universo de abrangência da História Cultural. Para Pesavento (2004), a “instância cultural”, pode ser entendida como a produção de

sentidos sobre o mundo construído pelos homens do passado. De acordo com esta autora:

*Representação e imaginário, o retorno da narrativa, a entrada em cena da ficção e a idéia das sensibilidades* levam os historiadores a repensar não só as possibilidades de acesso ao passado, na reconfiguração de uma temporalidade, como colocam em evidência a *escrita* da história e a *leitura* dos textos (PESAVENTO, 2004, p.58).

Voltamos nosso olhar à perspectiva complementar de Chartier (2000) sobre ‘representações’ e ‘práticas’. Segundo o autor, as representações do mundo social são também componentes da realidade social e toda representação se apresenta como representação de alguma coisa. Segundo Barros (2005) essa noção complementar foi uma contribuição decisiva de Chartier para a História Cultural. O autor segue afirmando que o horizonte teórico trabalhado por Chartier tem o termo “cultura” (ou as diversas formações culturais) trabalhado no âmbito da relação interativa entre as noções de ‘representações’ e ‘práticas’. Assim as ‘práticas’ geram ‘representações’ e, as suas ‘representações’ geram ‘práticas’, em um emaranhado no qual não é possível distinguir se o começo está, em determinadas ‘práticas’ ou em determinadas ‘representações’.

No sentido de justificar possíveis dificuldades no entendimento dessas noções, Vainfas (1997) nos lembra que a ‘nova história’ demorou muito a penetrar na historiografia brasileira, só fazendo isso a partir de meados da década de 1980. Na tentativa de clarificar essas noções, Burke (2005) refere que o estudo das ‘práticas’ é um dos ‘paradigmas<sup>4</sup>’ da chamada Nova História Cultural, pois graças a essa virada em direção às ‘práticas’, a história do esporte, que antes era tema de amadores, tornou-se profissionalizada e um campo científico com suas próprias revistas.

Pesavento (1995) refere que as ‘representações’ podem ser vistas como uma re-apresentação de algo que se encontra ausente no tempo e no espaço. Sendo assim, as ‘representações’ e ‘práticas’ advindas de qualquer objeto de estudo podem ter seu entendimento prejudicado. Isto pode ocorrer, segundo Pesavento (2004), porque a

---

<sup>4</sup> Quando estava desenvolvendo sua tese, Thomas Kuhn buscava entender através do processo histórico a fonte das diferenças entre as áreas sociais/humanas e matemáticas/biológicas e, por conseqüência, o papel da pesquisa científica. Esse processo possibilitou a definição de ‘paradigma’ enquanto “as realizações científicas universalmente conhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência” (KUHN, 2003, p.13).



proposta da História Cultural em decifrar a realidade por meio de suas representações é um processo complexo na medida em que o historiador irá tentar uma leitura de outro tempo e, esse outro tempo, poderá se mostrar incompreensível para ele, devido aos filtros que o passado poderá interpor.

Para fugir dessa 'armadilha' devemos procurar entender os contextos que envolvem seu objeto de estudo, pois as influências desse outro tempo poderiam estar gerando um objeto enquanto 'prática' ou 'representação'. Este seria, contudo, o nosso grande desafio: chegarmos até um reduto de sensibilidades e de investimentos de construção do real que não são os nossos do presente. A rigor, estaríamos lidando com uma temporalidade escoada, com o não-visto, o não-vivido, que só se torna possível acessar através de registros e sinais do passado que chegam até nós (PESAVENTO, 2004).

Buscamos fazer da História também uma narrativa de representações do passado, formulando uma versão, compreensível, plausível, verossímil, sobre nosso objeto de estudo enquanto experiência que se passa por fora do vivido. Então, aliando nosso objeto de estudo as noções da História Cultural na perspectiva de Chartier (2000), estaríamos fazendo dele uma representação que resgata representações, com a incumbência de construir uma representação sobre o que já foi representado (PESAVENTO, 2004).

Conforme Cardoso (1992) a História tem os seus elementos a contribuir à compreensão das estruturas atuais e ao planejamento das do futuro. Além disso, os processos históricos são sempre únicos, mas iluminam em perspectiva as condições comuns a todos eles, ou a certo número. E, pensando no caso brasileiro, o autor diz que a chamada 'nova' História, com seu enfoque globalizante ou estrutural, com sua ênfase no coletivo, no social, seria muito mais necessária dentro do nosso país do que a 'velha' História, narrativa, patriótica, enaltecida de falsos heróis e criadora de mitos que cumprem exatamente uma função preservadora das estruturas em vigor, através dos mecanismos de hegemonia ideológica.

Chartier (2000) afirma que as representações se inserem em um campo de concorrências e de competições, cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. Nesse campo existem verdadeiras 'lutas de representações' que geram

inúmeras ‘apropriações’ possíveis dessas representações. Isso se daria conforme interesses sociais, resistências políticas e, de maneira geral, com as motivações e necessidades que se confrontam no mundo humano.

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as forjam. Assim as ‘lutas de representações’, afirma Chartier (2000) têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus e o seu domínio.

Para considerar o objeto de estudo como um ato concreto de construção de representações se faz necessário um duplo sentido: por um lado, pessoas dotadas de competências específicas, identificadas pelas suas posições e disposições, caracterizadas pela prática e, por outro lado, uma prática cujo significado encontra-se dependente de dispositivos discursivos e formais específicos para ela (CHARTIER, 2000). Portanto, a apropriação dessas representações deve ser vista em cada elemento constitutivo de uma sociedade em questão. A ‘apropriação’ encaminha a nós a interação entre cultura e poder (BARROS, 2005).

O presente estudo não pretende abordar esse aspecto, devido à pluralidade de elementos e a delimitação proposta. O uso de “signos de poder” por um Estado bem como as representações advindas dele se encontram no cerne da discussão. Nesse sentido ressaltamos o entendimento da noção de ‘representação’ como foco do estudo.

Conforme Chartier (2000) a noção de representação permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através da qual a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; em segundo lugar, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; em terceiro, as formas institucionalizadas e objetivadas graças às quais uns representantes (instâncias coletivas ou pessoas singulares) marcam uma forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade.

A História Cultural é uma análise do trabalho de representação, isto é, das classificações e das exclusões, que constituem, na sua diferença radical, as configurações sociais e conceituais próprias de um tempo ou de um espaço. As estruturas do mundo social não são um dado objetivo, mas sim historicamente produzidas pelas práticas articuladas. Portanto, as representações estão inscritas nas práticas específicas que as produzem.

À medida que as representações são difundidas tornam-se consensos coletivamente aceitos de forma a homogeneizar. Neste sentido, a noção de imaginário também deve ser pensada enquanto fundamental para olhar o objeto de estudo. Segundo Pesavento (2004) imaginário é “um sistema de idéias e imagens de representação coletiva que os homens, em todas as épocas, construíram para si, dando sentido ao mundo” (p.43).

A mesma autora amplia sua definição dizendo que:

As práticas sociais podem valer como discursos, silêncios falam, ausências revelam presenças, coisas portam mensagens, imagens de segundo plano revelam funções, canções e músicas revelam sentimentos, piadas e caricaturas denunciam irreverência, senso de humor deboche (PESAVENTO, 2004 p.119).

Baczko (apud PESAVENTO, 2004) atribui a noção de imaginário características de historicidade. Segundo o autor o imaginário é histórico e datado, ou seja, em cada época os homens constroem representações para conferir sentido ao real. Essa construção de sentido é ampla e pode ser expressa por palavras/discursos/sons, por imagens, coisas, materialidades e por práticas, ritos, performances. Além disso, o imaginário comporta crenças, mitos, ideologias, conceitos, valores é construtor de identidades e exclusões, hierarquiza, divide, aponta semelhanças e diferenças no social. Ele é um saber/fazer que organiza o mundo, produzindo a coesão ou o conflito.

Para a análise de qualquer objeto de estudo dentro da dimensão da História Cultural se faz necessário dialogar com outras disciplinas. Através desses diálogos a História Cultural tornou-se ‘nova’ e possibilitou a emergência de diferentes estudos (BURKE, 2005). Nesse sentido, apresentamos nos sub-capítulos seguintes, os diálogos interdisciplinares utilizados para analisar nosso objeto de estudo.

## 2.2. As Tradições Inventadas: primeiro diálogo no percurso

Neste sub-capítulo buscamos abordar o conceito de ‘tradições inventadas’ elaborado por Eric Hobsbawm (1984; 1988). O autor oriundo da Escola Inglesa do Marxismo tem contribuído para a desconstrução da idéia de sociedade como reflexo da infra-estrutura econômica. Para Barros (2005) os autores dessa Escola vêem o mundo da cultura como parte integrante do ‘modo de produção’.

Hobsbawm (1988) refere que as tradições geralmente tidas como antigas são bem recentes e, na maioria das vezes, inventadas. Para este autor:

O termo tradição inventada é utilizado num sentido mais lato, mais preciso. Engloba as tradições verdadeiramente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas e aquelas que emergem de uma forma mais dificilmente reconhecível dentro de um período breve e datável – uma questão de poucos anos – e se fixaram rapidamente [...] É evidente que nem todas são igualmente estáveis, mas o que nos interessa principalmente é o seu aparecimento e fixação, mais do que as suas hipóteses de sobrevivência (p.3-4).

Essas tradições inventadas procuram inculcar valores e normas de comportamento através da repetição, o que geralmente, implica em uma continuidade em relação ao passado. Para atingir esse objetivo, Hobsbawm (1984) afirma que são um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas, sendo essas práticas de natureza ritual ou simbólica.

Um aspecto relevante citado por Hobsbawm (1984) se refere à diferenciação entre tradições inventadas, costume e rotina. O costume, vigente nas ditas sociedades tradicionais, normalmente muda, pois precisa acompanhar o processo de evolução, embora as modificações devam sempre parecer compatíveis ou idênticas com o costume anterior. Já as tradições tidas como inventadas tem como característica a invariabilidade, sempre se referem ao passado construído e, necessariamente, seguem uma repetição formalizada ou não.

Na diferenciação com rotina ou convenção o autor define que normalmente elas não possuem uma função simbólica ou ritual importante. Geralmente adquirem certo grau de repetição, porém no sentido de eficiência e economia de gestos, como por exemplo, nos processos industriais ou burocráticos. O procedimento fixo é geralmente

considerado o mais eficiente, porém gera transtornos no que tange a improvisação ou criatividade para resolução de problemas. Dessa forma, não são tradições inventadas, pois suas justificativas são técnicas e não ideológicas. (HOBBSAWM, 1984).

Outro aspecto interessante para estabelecer as tradições inventadas no tema estudado é a relação com o passado. Hobsbawm (1988) afirma que

A utilização de materiais antigos na construção de tradições inventadas de um tipo novo e com objetivos totalmente diferentes, é ainda, mais interessante. Grandes quantidades de tais materiais acumularam-se no passado de qualquer sociedade e, uma linguagem elaborada de prática e comunicação simbólica está sempre disponível (p.08-9).

Dessa forma podemos classificar as tradições inventadas em três categorias: a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, *status* ou relações de autoridade; c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento (HOBBSAWM, 1984).

Para deixar nítida a diferença entre as práticas antigas e as inventadas o autor lembra que as primeiras eram práticas sociais específicas e altamente coercivas, enquanto as últimas tendem a ser bastante gerais e vagas quanto à natureza dos valores, direitos e obrigações que procuravam inculcar nos membros de um determinado grupo: “patriotismo, lealdade, dever, as regras do jogo, o espírito escolar e assim por diante” (HOBBSAWM, 1984, p.19). Além dessa diferença, Hobsbawm (1984) refere que as pessoas tomam consciência da sua cidadania a partir de símbolos e práticas semi-rituais (por exemplo, à eleição) que em sua maioria são historicamente originais e livremente inventadas (bandeira, imagens, cerimônias e músicas).

Hobsbawm (1984) lembra que os historiadores ainda não estudaram, adequadamente, o processo exato pelo qual tais complexos simbólicos e rituais são criados. O motivo, segundo o autor, pode estar no fato de que é mais fácil ter acesso a fontes de uma tradição inventada ou estruturada por um único iniciador. Quando a tradição é inventada por grupos fechados ou desconhecidos, podem faltar fontes e, além disso, a técnica para a investigação deve estar associada a outras especializadas em rituais e simbolismos.

Se os historiadores possuem dificuldades para estudar as tradições inventadas de maneira mais complexa, o autor afirma que existem ganhos em estudá-las, pois elas são indicadores de problemas e sintomas importantes de um determinado tempo. Assim os estudos de tais tradições não devem estar fora de contexto, pois ele é que determina a construção da tradição (HOBBSAWM, 1984).

Os estudos sobre as tradições inventadas são altamente aplicáveis no caso de uma inovação histórica recente: a nação. E seus fenômenos associados: o nacionalismo, o Estado nacional, os símbolos nacionais e as interpretações históricas. Assim o fenômeno nacional não deve ser adequadamente investigado sem se preocupar com as tradições inventadas. Porém, Hobsbawm (1984) alerta:

Não nos devemos deixar enganar por um paradoxo curioso, embora compreensível as nações modernas, com toda sua parafernália, geralmente afirmam ser o oposto do novo, ou seja estar enraizadas na mais remota antiguidade, e o oposto do construído, ou seja, ser comunidades humanas, “naturais” o bastante para não necessitarem de definições que não a defesa dos próprios interesses (p.22).

De acordo com Avancini (2000) a obra que trata das tradições inventadas parece explicitar mais a questão do imaginário social. Esta obra se refere ao estabelecimento de práticas de natureza simbólica ou ritual, que em sua última instância possui a finalidade de inculcar valores e normas de comportamento. Através da repetição das práticas simbólicas busca-se estabelecer uma continuidade com relação ao passado.

Nesse sentido a preservação e afirmação de identidades podem ser privilegiadas pelas tradições inventadas. Assim, no próximo sub-capítulo procuramos abordar os conceitos relacionados à identidade nacional.

### **2.3. A Identidade Nacional: segundo diálogo do percurso**

Neste sub-capítulo vamos abordar o conceito de Identidade Nacional através de alguns autores que partilham da idéia da construção da nação a partir de elementos da cultura. Smith (1997) é um desses autores e nos auxilia definindo o que é uma nação. Segundo o autor uma nação pode ser compreendida como uma determinada população humana, que partilha um território histórico, mitos e memórias comuns, uma cultura

pública de massas, uma economia comum e, direitos e deveres legais comuns a todos os membros.

[...] A identidade nacional e a nação são construções complexas, compostas por uma série de componentes interligadas – étnica, cultural, territorial, econômica e político-legal. Estas exprimem os laços de solidariedade entre membros de comunidades, unidos por memórias, tradições e mitos partilhados que podem ou não ter expressão nos seus próprios estados, mas totalmente diferentes dos laços puramente legais e burocráticos do estado. Conceitualmente, a nação acabou por fundir dois conjuntos de dimensões, uma cívica e territorial e outra, étnica e genealógica, em diferentes proporções segundo cada caso particular (SMITH, 1997, p.31).

O conceito de nação tem sido discutido basicamente em duas direções: “relacionado a diferentes definições eruditas, ou como uma forma de identidade que compete com outros tipos de identidades coletivas” (HUTCHINSON & SMITH, 1994, p.04). Na perspectiva de Hobsbawm (1990, p.27) o termo nação “não é natural, fundamental ou permanente, mas fruto da modernidade”<sup>5</sup>. É um conceito inventado ora para legitimar a dominação de uma etnia sobre as demais, ora para criar um denominador sócio-cultural comum suficientemente homogêneo para poder funcionar como base social adequada à obrigação política geral e universal exigida pelo Estado, autodesignado assim como Estado-Nação.

A nação é uma entidade social e política que está ligada a uma forma de Estado territorial moderno denominado “Estado-Nação”. É um fenómeno inserido tanto na esfera política quanto na cultural, que se legitima a partir da coesão política dos seus cidadãos, mas também, quando se afirma no campo cultural construindo sua identidade. O Estado-Nação tem por base um sentimento existente de pertencimento ou a promoção intencional da ideia de coesão cultural.

O projeto de nação pressupõe uma cultura comum entre os membros de um Estado. É o Estado que faz a nação e define os padrões de cidadania (pertencimento à comunidade), língua padrão e o território (HOBBSAWM, 1990, p.56)<sup>6</sup>. A nação é uma

<sup>5</sup> Outros autores (Gellner, 1993; Renaut, 1993; Miller, 1997), também tecem críticas a concepção da nação como algo natural e acabado.

<sup>6</sup> Guibernau (1997, p.53) questionou as categorias comumente usadas para definir a nação, como a língua, território, história e traços culturais comuns. Referiu que as “nações sem estado” são grupos étnicos dotados de língua, cultura e tradições comuns e não se constituem em Estado Nacional.

“comunidade política imaginada”, que deve ser compreendida em associação com os sistemas culturais que a precedem (ANDERSON, 1989, p.14)<sup>7</sup>.

Smith (1997) refere que devem existir “elos de ligação” entre os indivíduos e as classes para a construção da nação. Alguns rituais e cerimônias fornecem aos pertencentes da nação memórias comuns, como aspectos históricos e características culturais semelhantes. A constituição do “elo” se dá através de um sentimento fortalecido e exaltado pela sensação de identidade e pertencimento comum. Assim a “nação torna-se um grupo de obra de fé, capaz de ultrapassar obstáculos e adversidades” (p.31).

Segundo Smith (1997) “a nação é uma comunidade de mitos e memórias comuns, tal como o é uma etnia” (p.58).

As nações têm vindo a ser formadas, em vários estados, através de uma tentativa de fusão das culturas de sucessivas vagas de imigrantes [...] Na realidade, à medida que a formação da nação se foi desenrolando, achou-se necessário dar forma a uma cultura caracteristicamente mexicana, chilena, boliviana, etc., e salientar as características específicas - em termos de diferenças de símbolos, valores, memórias, etc. - de cada futura nação (SMITH, 1997, p.59).

As nações se constituíram ou tomaram consciência de sua existência através do nacionalismo. Conforme Smith (1997, p.176) o mundo está dividido, “primeiro e acima de tudo, em ‘estados-nação’ – estados que alegam ser nações”, o que demonstra a capacidade de penetração do nacionalismo. O nacionalismo é uma invenção, que cria ou inventa nações (SMITH, 1997).

Para Hobsbawm (1990, p.18), o nacionalismo é “fundamentalmente um princípio que sustenta que a unidade política e nacional deve ser congruente”. Além do seu caráter político em busca da harmonia entre o Estado e a nação, o nacionalismo é um princípio imprescindível para a existência da nação na busca da identificação emocional. A difusão do nacionalismo é impulsionada pela “carga emocional que os indivíduos investem em sua terra, língua, símbolos e crenças, enquanto desenvolvem sua identidade” (GUIBERNAU, 1997, p.86). Um atributo do nacionalismo é sua

---

<sup>7</sup> Hobsbawm (1990, p.63) concorda com Anderson quando afirma que a nação moderna é uma comunidade imaginada, “e não há dúvida de que pode preencher o vazio emocional causado pelo declínio ou desintegração, ou a inexistência de redes de relações ou comunidades humanas reais”.



capacidade de prover identidade para os indivíduos que vivem no mesmo território e sentem-se ligados por laços culturais comuns.

O termo nacionalismo tem sido utilizado de formas variadas. De acordo com Smith (1997, p.95-96) pode significar:

- a) Todo o processo de formação e conservação de nações ou de estados-nação.
- b) Uma consciência de pertença à nação, unida a sentimentos e aspirações pela sua segurança e prosperidade.
- c) Uma linguagem e um simbolismo da nação e do seu papel.
- d) Uma ideologia, incluindo uma doutrina cultural das nações, e a vontade nacional e as prescrições para a realização das aspirações nacional e da vontade nacional.
- e) Um movimento social e política para alcançar os objetivos da nação e realizar a sua vontade nacional.

O conteúdo do nacionalismo foi tomando outras formas e, inclusive, deslocou-se para uma concepção política, especialmente entre os anos de 1880 a 1914, quando a política imperialista dos Estados atingiu seu auge. No final da Primeira Guerra Mundial, num contexto caracterizado pela predominância do populismo e pela lógica do capitalismo, o Estado passou a centralizar funções sociais com vistas a formatação de um modelo político-econômico, que permitisse a competitividade no mercado internacional e a construção da identidade nacional.

O sistema capitalista impôs uma nova ordem social, na qual o Estado passou a simbolizar o coletivo. O Estado, sob a ótica do capitalismo, foi sacralizado e tornou-se depositário da fé e obediência dos cidadãos. Segundo Hobsbawm (1995), a unidade nacional tornou-se um valor que rege todos os demais. A busca da unidade nacional é uma tentativa de recuperar as formas de vidas comunitárias, como a família e a religião predominantes no período anterior ao capitalismo.

O nacionalismo impeliu as pessoas a posicionar a nação como valor central de suas vidas. Os cidadãos foram compelidos pelo Estado e “por sua própria consciência e seus próprios ideais a subordinar suas necessidades pessoais às da coletividade, do país ou da nação, e a doar-lhes a própria vida, se necessário” (ELIAS, 1997, p.140). Existe uma estreita relação do nacionalismo com um programa político, sem o qual

perde seu significado. O período entre guerras representou a culminância desse processo. O Estado desenvolveu políticas e mecanismos em busca de sua legitimação, através da coerção e inculcação do sentimento de pertencimento.

O desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, a alfabetização em massa, e a promoção de competições esportivas foram algumas das estratégias adotadas pelo Estado para a formação da identidade nacional. O nacionalismo, através das suas dimensões cognitiva e expressiva atinge não apenas a elite econômica, mas também, os estratos mais alargados da população. Smith (1997, p.148) observou que com frequência “os regimes de estados novos embarcam em campanhas de alfabetização e pela educação básica de toda a população, e por vezes pela educação secundária”.

Esta doutrina cultural depende, por sua vez, da introdução de novos conceitos, linguagens e símbolos. O nacionalismo, como já demonstrei, é um movimento ideológico para alcançar e manter a autonomia, a unidade e a identidade de uma nação [...] Uma interpretação fácil do conceito de identidade é, por exemplo, a uniformidade [...] Este padrão de semelhança associada à diferença é um dos sentidos de identidade nacional (SMITH, 1997, p.98-99).

As práticas que ganham relevância devem aspirar essa doutrina cultural, pois conceitos como autonomia, identidade, gênio nacional, autenticidade, unidade e fraternidade devem fazer parte da linguagem ou dos discursos interligados a elas. Assim ganham força enquanto cerimônia por transformar conceitos abstratos do nacionalismo em concretos e palpáveis pela população, construindo o elo de pertencimento a doutrina cultural central. Além disso,

[...] suscitam reações emocionais instantâneas de todos os estratos da comunidade [...] a sua divindade é a própria nação [...] Por via de cerimônias, costumes e símbolos, todo o membro de uma comunidade participa na vida, nas emoções e nas virtudes dessa mesma comunidade, reconsagrando-se, ele ou ela, através deles, ao destino desta. Ao articular e ao tornar tangível a idéia de nacionalismo e os conceitos de nação, cerimonial e simbolismo ajudam a garantir a continuidade de uma comunidade abstrata de história e destino (SMITH, 1997, p.102).

No caso brasileiro e, considerando o contexto histórico do qual emerge o objeto de estudo – o Estado Novo –, podemos entender a configuração do nacionalismo, de acordo com Smith (1997), em movimento pós-independência subdividido em dois tipos:

- a) Nacionalismo territorial: neste tipo o conceito de nação continua basicamente cívico e territorial, procurando-se unir e integrar, numa nova comunidade política, populações freqüentemente díspares e criar uma nova nação territorial fora do velho estado colonial; são os nacionalismos de integração.
- b) Nacionalismo étnico: neste o conceito de nação é basicamente étnico e genealógico, procurando-se expandir, incluindo parentes étnicos fora dos limites atuais da etnonação e das terras que habitam, ou formando um estado etnonacional muito mais vasto, através da união de estados etnonacionais, cultural e etnicamente semelhantes; são os nacionalismos irredentistas e pan.

Porém devemos lembrar que os nacionalismos fascistas integrais e econômicos protecionistas e os nacionalismos raciais constituem subvariedades de nacionalismos irredentistas ou de integração pós-independência. Além disso, o entendimento com base nas categorias apresentadas não deve ser pensado em forma de generalização, pois está claro que a doutrina central é feita a partir de uma doutrina específica para cada contexto a ser estudado. Incluímos aqui o caso brasileiro por pensarmos ser o mais adequado devido ao contexto espacial estudado.

São as idéias e as doutrinas específicas que fornecem o simbolismo e o cerimonial que despertam as mais profundas emoções e aspirações populares – em particular, quando entrelaçadas com símbolos e cerimoniais muito mais antigos (SMITH, 1997, p.108).

Nesse sentido convém lembrar que a instalação dessa doutrina específica atrelada a doutrina cultural central se dá através das instituições e pessoas ligadas a ela. Nesse sentido, a nação e a identidade nacional devem ser vistas como uma criação do nacionalismo e dos seus patrocinadores, sendo a sua expressão e celebração, também elas, obra de nacionalistas (SMITH, 1997, p.118).

Dessa forma identificamos o contexto espaço-temporal do estudo como inserido em uma das características usadas pelas sociedades políticas que iniciaram os

processos de formação de nações. Essa característica utiliza, freqüentemente, o nacionalismo institucional e oficial.

De forma a consolidar o seu domínio e a homogeneizar a população numa nação compacta, a classe dirigente procura assimilar minorias étnicas através de um programa educacional de nacionalismo, apoiado por instituições influentes. Com este objetivo, fomentam idéias de colonização e imagens oficiais da nação as quais toda a gente se deve ajustar, e que impossibilitam o aparecimento de quaisquer outras idéias, símbolos ou imagens mentais (SMITH, 1997, p.128-129).

O conceito de nacionalismo se amplia, quando analisado enquanto doutrina cultural, que introduz novas linguagens, símbolos e os conceitos de unidade, autonomia e identidade. Para a compreensão da atuação do nacionalismo na formação da identidade nacional é necessário enfocá-lo como uma forma de cultura e identidade. A cultura torna-se um elemento fundamental na criação da identidade nacional, ao subsidiar a produção do sentimento de pertencimento à nação.

Nessa perspectiva, o nacionalismo, inicialmente, preocupa-se em formar “um mundo de identidades culturais coletivas ou de nações culturais” (SMITH, 1997, p.125). Para tanto, o movimento “abarca as dimensões cognitiva e expressiva, associando-se a aspirações e sentimentos mais gerais, tanto entre elites como entre estratos mais alargados” (SMITH, 1997, p.97). A nacionalidade se tornou uma verdadeira rede de relações pessoais e não uma comunidade imaginária ao ultrapassar as próprias fronteiras nacionais, encontrando forças fora do âmbito do domínio territorial de cada Estado.

Assim a utilização de cerimônias faz parte de um reforço ao ideal a ser alcançado. O seu caráter repetitivo serve para recordar os seus cidadãos dos seus laços culturais e seu parentesco político, reafirmando a identidade e a unidade. Além disso, o êxito das cerimônias na construção da identidade cultural, também está ligado as questões estéticas que ela promove, onde os sentimentos de beleza, de variedade, de dignidade e de ternura suscitados pela hábil disposição de formas, massas, sons e ritmos, podem evocar o espírito distinto da nação (SMITH, 1997).

A identidade nacional (o sentimento de pertencimento à nação) é um conceito multidimensional que inclui sentimentos, simbolismo e uma linguagem específica.

Conforme Smith (1997, p.126), a identidade nacional “compreende tanto uma identidade cultural como uma identidade política, e localiza-se quer numa comunidade política, quer numa comunidade cultural”. É um fenômeno cultural coletivo.

A identidade nacional penetra em quase todas as esferas da vida das comunidades e dos indivíduos. Na esfera social, determina as fronteiras nas relações sociais distinguindo os limites entre aqueles que fazem parte da comunidade e os estrangeiros. No plano político, determina e legitima os objetivos, assim como, os sistemas administrativos que regulamentam o cotidiano dos cidadãos. No âmbito cultural, “a identidade nacional revela-se em toda uma variedade de pressuposições e de mitos, de valores e de memórias, bem como na linguagem, nas leis, em instituições e cerimônias” (SMITH, 1997, p.177).

A identidade nacional é considerada a mais inclusiva de todas as identidades sociais. Outros tipos de identidade social podem sobrepor-se ou conjugar-se à identidade nacional influenciando sua direção, mas dificilmente abalando sua influência. O Estado moderno tende à identidade exclusiva. Embora, a identificação nacional de um grupo de indivíduos não exclui outras formas de identificação social. Contudo, o Estado reconhece apenas uma identidade cultural para definir a identidade nacional ou opta pela escolha de uma identidade de referência considerada a única legítima.

O Estado atua negando ou desvalorizando as identidades dos grupos ou comunidades minoritárias, que por sua vez reagem e reivindicam suas identidades. A centralização e a burocratização do poder impelem o Estado na busca de uma única identidade cultural. Os grupos excluídos da identidade atribuída pelo Estado procuram recuperar os meios de definir sua identidade, conforme seus próprios critérios para não se apropriar de uma identidade concedida pelo grupo dominante. A discriminação de um grupo minoritário gera um forte sentimento de vinculação à coletividade. Cuche (1999, p.190) alerta que “a exaltação da identidade nacional pode levar somente a uma tentativa de subversão simbólica contra a afirmação da identidade”.

Outra possibilidade no âmbito da formação da identidade nacional é a identidade mista ou “dupla identidade”. Esta não significa a existência de duas identidades opostas, mas de uma identidade cujos pólos de referência diferenciados estão situados no mesmo nível. De acordo com Cuche (1999, p.193) algumas abordagens

desconsideram o misto cultural e desqualificam esse tipo de identidade, atribuindo uma explicação baseada no “medo obsessivo de uma dupla lealdade que é veiculada pela ideologia nacional”.

A concepção negativa da “dupla identidade” permite que as populações vindas da imigração sejam desqualificadas socialmente. Entretanto, Cuche (1999) entende que não existe uma identidade dupla; existe sim uma identidade sincrética que significa a atribuição de duas identidades para a mesma pessoa. A pessoa constrói sua própria identidade a partir de uma síntese das várias culturas. Os fenômenos de identidade sincrética multiplicaram-se com as migrações internacionais.

A gestação da identidade ocorre, à medida que se organiza o imaginário da nação. Thiesse (2000, p.234) alerta que “as grandes referências identitárias nacionais são flanqueadas com uma série de declinações locais, secundárias, que as coroam”. A construção coletiva das identidades nacionais não seguiu um modelo único. A partir de categorias elementares foram realizadas diferentes montagens em momentos históricos diferenciados. Entretanto, provém do mesmo modelo, cujo aperfeiçoamento se efetuou no âmbito de intensas permutas internacionais.

O processo de construção de identidades nacionais é orientado por um conjunto de elementos simbólicos e materiais que caracterizam a nação. Os requisitos necessários para uma identidade nacional se estabelecem através da construção de uma história que mantenha uma continuidade com os ilustres antepassados, heróis modelos das virtudes nacionais, uma língua, monumentos culturais, um folclore, locais eleitos para simbolizar fisicamente (geografia) a nação e paisagens típicas, uma determinada mentalidade da nação, representações oficiais – hino e bandeira – e identificações pitorescas – trajes, especialidades culinárias ou um animal emblemático.

Existem estratégias representacionais que são acionadas para construir o sentimento de pertencimento a uma nação ou da identidade nacional (HALL, 1997). A primeira é a elaboração da narrativa da nação que relata a experiência a ser partilhada por todos. É contada pela história, pela literatura nacional, pela cultura popular e pela mídia, que divulga imagens de lugares, eventos históricos, símbolos e rituais que dão sentido a nação. A segunda estratégia caracteriza-se pela configuração de uma tradição e o estabelecimento de elos de continuidade, para que a identidade nacional

seja naturalizada. A terceira é a criação de práticas rituais ou simbólicas, cuja repetição atualiza constantemente a adesão imaginária do indivíduo à sociedade.

Segundo Smith (1997), os símbolos nacionalistas, a linguagem e a sua ideologia assentam-se basicamente em três elementos: o território, a história e a comunidade. Os atributos de uma nação, os costumes, hábitos, estilos e formas de agir e de sentir distintos de uma comunidade expressam esses elementos. Os aspectos mais visíveis de uma nação são as “bandeiras, hinos, paradas, moedas, capitais, juramentos, costumes populares, museus de folclore, memoriais de guerra, cerimônias de memórias aos mortos nacionais, passaportes e fronteiras” (p.102).

Os símbolos e cerimoniais expressam elementos de identificação com a nação, porém de forma menos visível. Eles estão impregnados no cotidiano das pessoas, o que possivelmente conduz a desvalorização de muitos atributos. Os atributos da nação em geral ocultados são as “recriações nacionais, regiões rurais, heróis e heroínas populares, contos de fadas, formas de etiqueta, procedimentos legais, práticas educacionais e códigos militares” (SMITH, 1997, p.101).

A construção de uma identidade nacional supõe a criação de uma imagem simbólica do nacional, regional ou local. As sociedades sentem necessidade de conservar e reforçar em intervalos regulares, os sentimentos e as idéias coletivas que fazem sua unidade e sua personalidade. Os atributos básicos da identidade nacional precisam de reafirmações coletivas periódicas para manter sua continuidade no tempo diferenciando-se dos outros. A diferenciação provém do sentimento de pertencimento a um grupo ou comunidade compartilhada. A continuidade do sentimento de pertencimento responde pela busca de enraizamento e projeção de um futuro.

O sentimento de pertencimento à nação é viabilizado por ações performativas e pedagógicas. Nas ações performativas, o povo passa a ser sujeito do discurso que promove a reinterpretação dos símbolos nacionais e reforça sua origem comum. Na ação pedagógica, o povo torna-se objeto dos discursos nacionais que reafirmam sua origem comum e os laços de união das pessoas.

O sucesso da nação é fruto da construção de um saber coletivo que ensina os indivíduos o que são, obriga-os a conformarem-se e incita-os a difundir, por sua vez, esse saber coletivo. O sentimento nacional só é espontâneo quando já está totalmente

interiorizado, por isso tem de ser ensinado previamente. Thiesse (2000, p.18) afirma que “a nação só se mantém viva com adesão coletiva a essa ficção”. A falta de envolvimento real do povo ao projeto da nação leva à tentativa de compensação, por meio da mobilização simbólica.

O Estado visa inculcar o sentimento de pertencimento à nação usando diferentes estratégias pedagógicas. A educação das massas faz parte do plano de nacionalização do Estado. A escola é uma instituição fundamental na educação para o nacional, pois além da língua, história e a geografia da nação, ela atua na educação moral ensinando “como ser e pensar nacionalmente” (THIESSE, 2000, p.234). Entretanto, a escola não é o único lugar de educação para o nacional, as atividades de lazer da população são um meio significativo, mesmo nos países que promoveram ampla escolarização da população.

As estratégias pedagógicas e performativas constroem uma comunidade nacional imaginada (BHABHA, 1990). As datas comemorativas, os heróis, os monumentos<sup>8</sup>, os fatos simbólicos precisam adquirir significados históricos. As pessoas necessitam sentir-se parte da realidade nacional e compartilhar memórias. Assim é preciso criar “lugares de memória” (LE GOFF, 1994) para reforçar a nacionalidade.

No século XIX, as exposições internacionais eram “lugares por excelência de exibição identitária” e ocasiões privilegiadas para o comércio simbólico. Na Polônia, em 1981, uma das primeiras preocupações do Sindicato Solidariedade foi a construção de monumentos que lembrassem grandes momentos ou grandes personagens da história nacional que tinham sido proibidos ou ocultados pelo regime comunista (TOURAINÉ, 1992, p.351).

A memória do pacto original é celebrada nas performances comemorativas, cerimônias e outros rituais de caráter simbólico. Nos Estados Unidos, desde o século XIX, as paradas são um típico gênero de solenidade cívica. Os cidadãos americanos desfilavam para comemorar datas significativas para o povo norte-americano como a comemoração do “4 de Julho, o aniversário de Washington, as datas locais, a

---

<sup>8</sup> A análise da origem etimológica da palavra monumento remete a vários significados: “memória”, “fazer recordar”, “iluminar”, “instruir” (LE GOFF, 1994, p.227).



comemoração de benfeitorias públicas, a colocação de monumentos em praças públicas e o acompanhamento de ocasiões de luto” (RYAN, 1992, p.178).

Os desfiles produzem um espetáculo que traduz as grandes referências identitárias nacionais de forma ordenada e harmoniosa. A parada representa a história que um povo conta sobre si mesmo. Os desfiles cívicos e as paradas criam um senso de comunidade ao expressarem linhas de divisão social e de gênero. Nestas cerimônias figuram “os diversos componentes do conjunto nacional – identificados, nomeadamente, pelos trajés regionais – sob a égide de representantes do Estado e de eleitos da nação” (THIESSE, 2000, p.234). As cerimônias dos Jogos Olímpicos, as festividades que acompanham a visita de um chefe de Estado estrangeiro, a iconografia postal e monetária e a publicidade turística também são formas de contar a história nacional.

Os eventos comemorativos têm um caráter performático, mas também apresentam um aspecto pedagógico. Conforme Ozouf (1976) as festas da Revolução Francesa tornam-se “professora da nação” tendo em vista o caráter institucional da quantidade de relatórios, discursos, projetos e propostas produzidas. A festa revolucionária e os cultos pátrios evidenciam a busca de uma ligação entre o religioso e o político, o sagrado e a organização da cidade. Existe um forte apelo à reunião, à unificação, à eliminação dos fatores de diversidade da nação (GIRARDET, 1987, p.150).

Para Durkheim (1978, p.230) estas cerimônias não “diferem em natureza das cerimônias propriamente religiosas”, pelos resultados que produzem, pelos procedimentos que nela são empregados e pelo seu objeto. Os cidadãos, ao identificar a nação como algo acima de suas individualidades, se comportam do mesmo modo que os fiéis na prática de cerimônias religiosas. O patriotismo se converteu numa espécie de “religião laica”, com seus “deuses” - heróis, “sacerdotes” - dirigentes, “templos” - as praças e os estádios, “imagens” - os monumentos e “ritos” - festas cívicas (HOBBSAWM, 1990, p.23).

As cerimônias e outros rituais são manifestações que supõe a formação de elos de identificação à nação, que em muitos níveis são os aspectos mais duradouros e poderosos. Pois, encarnam os conceitos básicos do nacionalismo, “tornando-os visíveis

e distintos para todos os membros, transmitindo os princípios de uma ideologia abstrata em termos palpáveis e concretos, que suscitam reações emocionais instantâneas de todos os estratos da comunidade” (SMITH, 1997, p.102). Para Elias (1997, p.140) a força da crença na comunidade nacional é “uma das mais poderosas, talvez a mais poderosa das crenças sociais dos séculos XIX e XX”.

No caso dos imigrantes recém-chegados à nação, as estratégias de integração social não são suficientes para despertar o sentimento nacional. Faz-se necessário à participação dos imigrantes na memória coletiva, que para desempenhar o papel de integradora, deve estar em constante transformação. Caso contrário impõe-se aos imigrantes uma memória caracterizada como mitologia nacionalista, que não tem significação real e a formação de uma identidade artificializada (TOURAINÉ, 1992, p.354).

Thiesse (2000, p.16) observa que “o processo de formação identitária consiste em determinar o patrimônio de cada nação e difundir o seu culto”. Para a constituição da identidade da nação é necessário recuperar os traços culturais e as tradições, sejam elas reais ou inventadas, e fazer um inventário das suas heranças, mas também é necessário inventá-las.

Portanto, a perspectiva teórica adotada neste estudo é considerar as identidades nacionais como construções históricas afirmadas e negociadas, situacional e relacionalmente no terreno da cultura. A cultura é entendida como espaço que orienta comportamentos e condutas ao mesmo tempo em que é um lugar contestado em permanente luta para a afirmação de significados. Sendo assim no próximo capítulo vamos apresentar o contexto histórico-cultural em que a Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria estava inserida.

### **3. A CORRIDA DE REVEZAMENTO: de Berlim a Porto Alegre**

A Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria (CFS) realizada na cidade de Porto Alegre (RS) em 1938 possui uma ligação estreita com a Corrida de Revezamento da Chama Olímpica realizada por ocasião dos Jogos Olímpicos em Berlim (Alemanha) no ano de 1936. Nesse sentido, buscamos nesse capítulo nos aproximarmos dos contextos que permeavam esses momentos.

Assim, no primeiro sub-capítulo vamos abordar os Jogos Olímpicos de Berlim no ano de 1936 na Alemanha, voltando nosso olhar para a Corrida de Revezamento da Chama Olímpica e a sua chegada na Cerimônia de Abertura desses Jogos. No segundo sub-capítulo, buscamos nos direcionar para o contexto local do estudo: a cidade de Porto Alegre (RS) e seu processo de modernização nos anos 1930 e 1940; voltamos nosso olhar especificamente para o período do Estado Novo (1937-1945) e os conflitos de identidades, que se acentuaram na cidade; além disso, a criação das instituições patrióticas e a emergência de práticas cívico-esportivas.

#### **3.1. Berlim 1936: celebrando os Jogos Olímpicos**

Os Jogos Olímpicos de Berlim, muito lembrados pela celebração da Corrida de Revezamento da Chama Olímpica, foram realizados na Alemanha nazista em 1936. Antes de abordarmos alguns aspectos sobre esses Jogos, convém lembrar que foi no XXVIII Congresso do Comitê Olímpico Internacional (COI) em Berlim no período de 25 a 30 de maio de 1930, que foram conhecidas as cidades que almejavam a candidatura dos Jogos Olímpicos da XI Olimpíada. Nada menos do que 11 cidades concorreram e, dentre elas, quatro eram alemãs: Nüremberg, Colônia, Frankfurt e Berlim. As restantes eram Alexandria, Budapeste, Buenos Aires, Dublin, Helsinque, Roma e Barcelona. O interesse em sediar os Jogos mostrava o prestígio que este concedia a cidade sede e sua nação desde esta época.

A escolha da cidade sede ocorreu através de votação por meio de correspondência, sendo 13 votos favoráveis a Berlim contra 16 para Barcelona, além de 08 abstenções (ASIN FERNÁNDEZ, 1998). Assim Berlim ganhava a chancela do COI

para sediar os Jogos Olímpicos. Cardoso (2000) refere-se da seguinte forma a esses Jogos: “A Olimpíada em Berlim era uma coisa. A Olimpíada em Berlim com Hitler no poder era outra coisa completamente diferente” (p.165). E realmente foi.

Na “Berlim com Hitler” foi celebrado um evento olímpico até então jamais visto. Cardoso (2000) lembra que o dinheiro não era o problema, pois Hitler afirmava que as obras construídas para os jogos seriam para a nação. Esse discurso favoreceu a construção de imponentes obras como um estádio com mais de 100 mil lugares e muitas outras facilidades como, por exemplo, os mais de mil trens disponíveis para locomover os espectadores aos locais dos Jogos. Os Jogos de Berlim se transformava em uma grande vitrine para a Alemanha nacionalista-socialista.

O discurso ideológico presente era ‘camuflado’ diante da magnificência dos Jogos. Havia campanhas do governo para educar a população para o evento e as crianças aprendiam na escola lições sobre os Jogos Olímpicos. Um filme estava sendo montado para o mundo pela cineasta Leni Reifenstahl<sup>9</sup>, encarregada de gravá-lo. O filme *Olympia*<sup>10</sup> e os Jogos de 1936, conforme Melo (2005) marcam definitivamente o fim das pretensões de Pierre de Coubertin<sup>11</sup> em deixar os acontecimentos políticos e sociais a margem dos Jogos. Os princípios do Olimpismo, instituídos por Coubertin, deveriam superar tudo isso, mas não foi o que ocorreu. Conforme Carravetta (1997), os Jogos de Berlim seriam um exemplo de que, o esporte, não pode ser considerado neutro, apolítico.

O Conselho Europa (1986) afirma que o eixo triunfou em Berlim, pois a Alemanha nazista dominou os habituais vencedores, os Estados Unidos; a Itália

---

<sup>9</sup> Leni conheceu Hitler em 1932 e foi convidada a filmar diversos eventos do Partido Nazista. Sempre contando com grandes orçamentos e fartura de recursos técnicos, filmou 250 horas dos Jogos de Berlim. Assim, demorou dois anos para concluir seu trabalho, o filme *Olympia*. Dividiu em duas partes e teve seu lançamento em 1938 (MELO, 2005).

<sup>10</sup> Almeida (2006) refere que a partir do estudo do filme *Olympia* pode-se perceber intimamente a feitura de um programa político visual e seu movimento de construção e reconstrução da memória coletiva em momento privilegiado como os Jogos Olímpicos.

<sup>11</sup> Pierre de Coubertin foi o idealizador dos Jogos Olímpicos da Era Moderna. Além de resgatar os Jogos da Antiga Grécia, elaborou a filosofia que deveria reger todos os Jogos Olímpicos: o Olimpismo. “Olimpismo é uma filosofia de vida que exalta e combina em equilíbrio as qualidades de corpo, espírito e mente, combinando esporte com cultura e educação. O Olimpismo visa criar um estilo de vida baseado no prazer encontrado no esforço, no valor educacional do bom exemplo e no respeito aos princípios éticos fundamentais universais” (IOC, 2003, p.09).

fascista teve mais medalhas que a França; o Japão foi largamente superior à Grã-Bretanha. Com isso, circulava o seguinte comentário:

[...] o fascismo, o nazismo, são incontestáveis catalisadores de energia e de potencial humanos. As democracias amoleceram; demasiado intelectualizadas ver-se-ão dominadas por ditadores jovens e vigorosos (CONSELHO EUROPA, 1986 p.30).

Cardoso (2000) lembra que Hitler ainda cedeu a algumas exigências olímpicas: retirou um cartaz da entrada da Vila Olímpica que dizia “proibida a entrada de cachorros e judeus” e apenas proferiu na cerimônia de abertura “declaro aberto os Jogos de Berlim”. Porém, essas concessões, serviam para desfazer as suspeitas que havia em torno das ações anti-semitas que estavam sendo realizadas.

A delegação brasileira que foi a Berlim refletia a divisão política do esporte brasileiro. Segundo Rubio (2005) os Jogos Olímpicos de Berlim em 1936 foi um dos principais episódios das diferenças entre duas instituições brasileiras: o Comitê Olímpico Brasileiro e a Confederação Brasileira de Desportos.

Nos Jogos de 1936 duas delegações chegaram a Berlim: uma do Comitê Olímpico Brasileiro, reconhecida pelo Comitê Olímpico Internacional, que era chamada de oficial e outra da Confederação Brasileira de Desportos, apoiada pelo governo brasileiro. Somente foi possível inscrever os atletas brasileiros com a intermediação das autoridades olímpicas em território alemão.

Com um total de 72 atletas o Brasil não conquistou nenhuma medalha. Vale destacar a presença da nadadora Maria Lenk na delegação brasileira destes Jogos Olímpicos. Lenk era uma brasileira ‘de origem alemã’ e apresentou nesses Jogos uma inovação de estilo que mais tarde seria reconhecido como nado borboleta (CARDOSO, 2000).

Entretanto a inovação do estilo de nado feito por Lenk não seria o destaque performático desses Jogos. Jesse Owens<sup>12</sup> pode ser pensado como o atleta de destaque e a Cerimônia de Abertura como um cerimonial de impacto.

---

<sup>12</sup> Atleta norte-americano vencedor dos 100m e 200m rasos, do salto em distância e do revezamento 4x100m (IOC, 2006). Ficou conhecido por ser de descendência afro-americana e desmistificar a teoria da superioridade da raça ariana proposta por Hitler.

O cerimonial de abertura dos Jogos de 1936 foi revisto cuidadosamente, sendo incorporados a cada um deles elementos de grandiosidade. Cardoso (2000) lembra da construção de um sino de quatorze toneladas, onde era possível ler o seguinte verso: 'Convoco a juventude do mundo'. O mesmo autor fala da composição de um hino olímpico especialmente para a ocasião por Richard Strauss.

Mas a contribuição que ganhou relevância como símbolo olímpico até os dias de hoje foi a Corrida de Revezamento da Chama Olímpica. A Chama Olímpica já havia aparecido em outros Jogos, mas um revezamento saindo das ruínas de Olímpia e chegando no local de realização dos Jogos era algo inédito.

### **3.1.1. De Olímpia a Berlim: o primeiro Revezamento da Chama Olímpica**

Partiremos agora neste sub-capítulo para um aprofundamento sobre a primeira Corrida de Revezamento da Chama Olímpica saindo de Olímpia para chegar na Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936. Cousineau (2004) afirma que essa Corrida de Revezamento foi realmente à única inovação importante desses Jogos. Segundo o autor, foi Carl Diem que trouxe a idéia de *glamurizar* os Jogos Olímpicos com uma aura antiga.

Carl Diem foi o secretário geral do comitê organizador dos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936. Borgers (1996) e Lennartz (2005) lembram que em 1931 Diem já havia concebido a idéia de uma corrida de revezamento, porém somente em 1934 que Coubertin e Baillet-Latour<sup>13</sup> apresentaram a idéia para os membros do Comitê Olímpico Internacional (COI).

Segundo Pouret (1968; 1974) foi em maio de 1934 que os amigos Carl Diem e Jean Ketseas<sup>14</sup> se encontraram em Atenas (Grécia) e discutiram sobre a idéia de uma corrida de revezamento. Esse encontro ocorreu a caminho de Olímpia pela estrada de

---

<sup>13</sup> O Belga, Conde Henri de Baillet-Latour, foi o sucessor de Coubertin na presidência do Comitê Olímpico Internacional. Seu mandato foi de 1925 a 1942; sofreu as conseqüências da guerra e de dar uma 'benção tácita' aos Jogos Olímpicos de 1936 (BIANCHI, 2005).

<sup>14</sup> Pouret (1974) reforça a idéia de que a corrida de revezamento proposta por Diem teve maior aceitação devido ao aval de Jean Ketseas, pois esse era membro do *International Olympic Committee for Greece* e profundo conhecedor dos Jogos Olímpicos da Antigüidade.

*Tripolis*, passando pelo vilarejo de *Tegea*, onde almoçaram e discutiram sobre os desenvolvimentos futuros para os Jogos Olímpicos de 1936.

Os conhecimentos de Diem sobre os possíveis rituais realizados na Antigüidade deram o suporte para a criação da corrida de revezamento. Na antiguidade a tocha olímpica simbolizava um ritual de reverência aos deuses, sendo que as corridas com tochas (*Lampadedromía*<sup>15</sup>), eram organizadas para homenagear algum deus ou simplesmente destacar o heroísmo daquele que seria o mais rápido a levar a tocha ao seu destino. Eram competições de equipes e, através de toda a história, a corrida permaneceu como a primeira e principal cerimônia religiosa cujo aspecto ritual tinha primazia sobre o seu caráter competitivo (YALOURIS, 2004).

Em Atenas a chamada *lampadedromia* era organizada em honra a certos deuses, incluindo Prometeu<sup>16</sup>. As corridas em homenagem a esse deus tinham como caráter comemorativo o fato de Prometeu ter roubado o fogo dos deuses e ter trazido sabedoria e conhecimento ao homem. A chama era transmitida por corredores e o primeiro competidor a chegar no altar do deus tinha honra de reacender essa chama mitológica (POURET, 1974; IOC, 2002a).

Barney e Bijkerk (2005) defendem a idéia que Diem teve a inspiração de realizar o revezamento a partir da experiência da Chama Olímpica realizada em 1928 nos Jogos Olímpicos de Amsterdã. Além disso, Diem já havia testemunhado uma corrida de revezamento em 1922, realizada por estudantes alemães da *Deutsche Hochschule fur*

---

<sup>15</sup> Também chamadas de *Lampadoforias*. São festas gregas, celebradas em honra a três divindades: Minerva [Palas Atenas], por haver oferecido o azeite aos homens; Vulcano, por ter inventado a lâmpada; e, Prometeu, por haver roubado o fogo do céu para oferecer à humanidade. Durante estas festas acendia-se grande número de lâmpadas. Realizavam-se os jogos *Lampadodromios*, nos quais os atletas disputavam uma corrida carregando archotes nas mãos (CIVITA, 1973 p.105).

<sup>16</sup> Prometeu era um dos titãs, uma raça gigantesca que habitou a Terra antes do homem. Ele e seu irmão Epimeteu foram incumbidos de fazer o homem e assegurar-lhe, e aos outros animais, todas as faculdades necessárias à sua preservação. Epimeteu encarregou-se da obra e Prometeu, de examiná-la, depois de pronta. Assim, Epimeteu tratou de atribuir a cada animal seus dons variados, de coragem, força, rapidez, sagacidade; asas a um, garras a outro, uma carapaça protegendo um terceiro etc. Quando, porém, chegou à vez do homem, que tinha de ser superior a todos os outros animais, Epimeteu gastara seus recursos com tanta prodigalidade que nada mais restava. Perplexo, recorreu a seu irmão Prometeu, que, com a ajuda de Palas Atenas, subiu ao céu e acendeu sua tocha no carro do sol, trazendo o fogo para o homem. Com esse dom, o homem assegurou sua superioridade sobre todos os animais. O fogo lhe forneceu o meio de construir as armas com que subjugou os animais e as ferramentas com que cultivou a terra; aqueceu sua morada, de maneira à torna-se relativamente independente do clima, e, finalmente, criou a arte da cunhagem das moedas, que ampliou e facilitou o comércio (BULFINCH, 1999).

*Leibesübungen* (Instituto Esportivo Nacional Alemão), em comemoração a abertura do *Deutsche Kampfspiele*<sup>17</sup> e do 40º aniversário de Diem.

Lennartz (1997) ressalta o encontro em *Tegea* como o ponto inicial da idéia de uma corrida de revezamento, porém dá autoria da mesma ao Duque de *Magdeburg*. O autor faz essa afirmação com base no seguinte discurso proferido pelo Duque:

Gentlemen, One hundred years ago, a member of my family came to Greece and died fighting for its freedom. I, who have come here one hundred years later, after getting to know the place and its people can truly say that any sacrifice would be justified for such a nation. Participants, A thought has just come to my mind and I swear before you that I shall implement it before the beginning of the next 11<sup>th</sup> Olympiad to be celebrated, in 1936, in my hometown, Berlin. I want to organize a grandiose relay race between adjacent states during which athletes from these countries will carry to our Stadium the Olympic Light from the sanctuary of Olympia. It is only right that Greece should once again bring the light to the West (LENNARTZ, 1997 p.10)<sup>18</sup>.

Ainda segundo Lennartz (1997) o livro de visitas de *Tegea* é um documento que autentica a veracidade desse fato. Além disso, a fala a favor de um *Kindling and relay* para os Jogos de Berlim em 1936 do Duque de Magdeburg foi tão exaltada que a Associação de *Tegea* construiu uma placa em mármore para comemorar esse dia.

Sabemos que, desde a celebração dos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna em Atenas em 1896, Coubertin sempre buscou elementos para tornar os Jogos Olímpicos diferentes de outros campeonatos esportivos. E, segundo Pouret (1968), Coubertin viu na idéia de Diem o nascimento de um símbolo diferenciado, que significaria a união entre o passado e presente, através da união da histórica cidade de Olímpia com a cidade que tivesse a honra de organizar os Jogos Olímpicos modernos.

<sup>17</sup> Jogos Nacionais Alemães. Foram realizados para preencher a temporária desqualificação dos alemães dos Jogos Olímpicos de 1920 e 1924 (BORGERS, 1996).

<sup>18</sup> Cavalheiros, há cem anos atrás um membro de minha família veio para a Grécia e morreu lutando pela sua liberdade. Eu, que cheguei aqui cem anos mais tarde, tendo depois conhecido esse local e suas pessoas posso verdadeiramente dizer que qualquer sacrifício seria justificado por tal nação. Participantes, um pensamento apenas vem em minha mente e eu juro perante a vocês que eu implementarei isso antes do início da XI Olimpíada para ser celebrada, em 1936, na minha cidade natal, Berlim. Eu quero organizar uma grandiosa corrida de revezamento entre estados adjacentes durante os quais atletas destes países carregarão para nosso estádio a Chama Olímpica do santuário de Olímpia. É somente certo que a Grécia deve, mais uma vez, trazer a chama do Oeste (tradução nossa).



Todt (2005) amplia essa idéia dizendo que Coubertin cuidou com especial atenção das cerimônias e símbolos olímpicos. Pouret (1974) lembra que para Pierre de Coubertin a idéia de Diem ia ao encontro da noção que ele possuía sobre os símbolos. Para ele os símbolos, como a bandeira olímpica que possuía o fundo branco com os cinco anéis interligados, imprimiam força ao Olimpismo na medida que são uma linguagem abstrata que “fala” por si só em um plano mundial.

Não pretendemos analisar os motivos e as influências<sup>19</sup> pela qual Diem estava inspirado no momento de conceber a idéia da Corrida de Revezamento. Especificamente no dia 18 de maio de 1934 Carl Diem apresentou a idéia de trazer a Chama através de um revezamento para o estádio de Berlim. O COI aprovou a idéia e, no dia 20 de julho de 1936, 14 gregos se reuniram em torno do templo de Zeus em Olímpia e, usando apenas um recipiente para captar os raios do sol, acenderam a ‘chama sagrada’ (MALLON, 1984).

Entretanto, a primeira Corrida de Revezamento da Chama Olímpica não passou impune a alguns percalços (IOC, 2002a):

- a) O sítio arqueológico de Olímpia tinha difícil acesso e as estradas tiveram que ser construídas especialmente para o revezamento;
- b) O planejamento do itinerário necessitou de muitas viagens, principalmente para que o período fosse no tempo previsto;
- c) Com a ausência de produtos adequados (como a tocha, a pira, etc.) muitas pesquisas foram feitas junto a especialistas em tecnologia, assim como muitos testes com os raios solares em diferentes instrumentos ópticos.

O percurso geral que seguiu o revezamento após o acendimento da Chama Olímpica está descrito no quadro 1 e na ilustração 1.

---

<sup>19</sup> No contexto olímpico da Era Moderna a chama e o revezamento foram utilizados nas seguintes ocasiões: Em Paris (1894) uma corrida com tochas foi organizada durante o *International Congress for the Restoration of the Olympic Games*; em Amsterdã (1928) o fogo foi aceso na torre do estádio durante os Jogos Olímpicos, sendo a torre construída especialmente para esse propósito pelo arquiteto do estádio, Jan Wils; nos Jogos de Los Angeles (1932) a chama ficou acesa no estádio e, durante a cerimônia de encerramento, a seguinte citação de Coubertin apareceu no placar do estádio: “*May the Olympic Torch follow its course throughout the ages for the good of a humanity ever more ardent, courageous and pure*” (IOC, 2002a; KIDANE, 2000). Tomara que a tocha olímpica siga seu curso através dos tempos para o bem de uma humanidade ainda mais ardente, corajosa e pura (tradução nossa).

| <b>País</b>     | <b>Cidades</b>               | <b>Km percorridos</b> |
|-----------------|------------------------------|-----------------------|
| Grécia          | Olímpia; Atenas; Saloniki    | 1.108 km              |
| Bulgária        | Sofia; Zaribrod              | 238 km                |
| Iugoslávia      | Nis; Belgrado; Novisad       | 575 km                |
| Hungria         | Szeged; Budapeste; Oroszavar | 386 km                |
| Áustria         | Karlbud; Viena; Waidhofen    | 219 km                |
| Tchecoslováquia | Tabor; Praga; Teplice        | 282 km                |
| Alemanha        | Dresden; Liebenwerda; Berlim | 267 km                |

**Quadro 1 - Percorso Geral da Chama Olímpica em 1936 (LIMPERT, 1936)**



A tocha usada em Berlim era parecida como uma vara de metal onde as mãos eram protegidas por metal redondo. Este modelo foi concebido por Diem, executado pelo artista Lemeke e manufaturado gratuitamente por *Krupp*. Ela pesava em torno de um quilo. Na parte superior continha um composto de magnésio que servia como combustível para dois vimes prontos para serem inflamados. Esses produtos tinham sido testados em situação crítica de temperaturas, ventos e água. Além disso, cada atleta possuía um kit de reparo para emergências. As tochas tinham no seu corpo o roteiro a ser percorrido e as seguintes palavras: 'agradecimentos ao condutor', pois cada condutor poderia ficar com a tocha ao final do seu trecho, onde também receberia um diploma de agradecimento (DURANTEZ, 1985).

Na fotografia 2 a tocha olímpica sem o vime e seus detalhes comentados.



**Fotografia 2 - Detalhe da Tocha Olímpica (LIMPERT, 1936)**

Para cada pausa ou parada do revezamento nas diferentes cidades da rota estabelecida, foi planejado duas horas de atividades ao ar livre fazendo uma efetiva

introdução aos Jogos Olímpicos. As atividades incluíam danças, cantos, exhibições de ginástica, competições esportivas, concertos e outros eventos de caráter festivo. Um modelo de programa geral foi enviado para cada cidade. Este programa tinha a seguinte seqüência: chegada do corredor; acendimento do Fogo Olímpico; cantar o hino *Burn, Olympic Flame* endereçado por um Chefe de Estado; cantos gerais; exercícios de ginástica feitos por homens, mulheres e crianças; demonstrações de esportes; cantar o hino Olímpico; festividades direcionadas aos Jogos Olímpicos; danças folclóricas; canções folclóricas; preparação do próximo corredor do revezamento; discurso; cantar o hino nacional; saída do corredor e; tocar de sinos (LIMPERT, 1936; DURANTEZ, 1985).

Durante esse período de festividades a Chama Olímpica deveria ficar em local privilegiado construído especificamente para a ocasião, assim no momento da chegada do revezamento era aceso este local e as festividades planejadas iniciavam. O privilégio de comandar essa cerimônia era geralmente concebido aos prefeitos das cidades. Durante toda a jornada da Chama Olímpica o sistema de alto-falantes do *City Hall* em Berlim anunciava boletins e incidentes ocorridos até a chegada na cidade que teve a duração de 11 dias e 12 noites (DURANTEZ, 1985).

A seguir fotografias que ilustram as festividades nas diferentes cidades ao longo do percurso do Revezamento da Chama Olímpica até Berlim:



**Fotografia 3 - Primeiro corredor em Olímpia (LIMPERT, 1936)**



Fotografia 4 - Revezamento chega no estádio de Delfos (LIMPERT, 1936)



Fotografia 5 - Cerimônia em frente a Catedral de Sofia (LIMPERT, 1936)



**Fotografia 6 - Passagem pela Iugoslávia (LIMPERT, 1936)**



**Fotografia 7 - Chama Olímpica acesa no túmulo de um soldado em Budapeste (LIMPERT, 1936)**



Fotografia 8 - Dr. Theodor Schmidt, membro austríaco do COI, acende a tocha na divisa austro-húngara (LIMPert, 1936)



Fotografia 9 - O último corredor da *Tchecoslováquia* cumprimenta o primeiro corredor alemão (LIMPert, 1936)

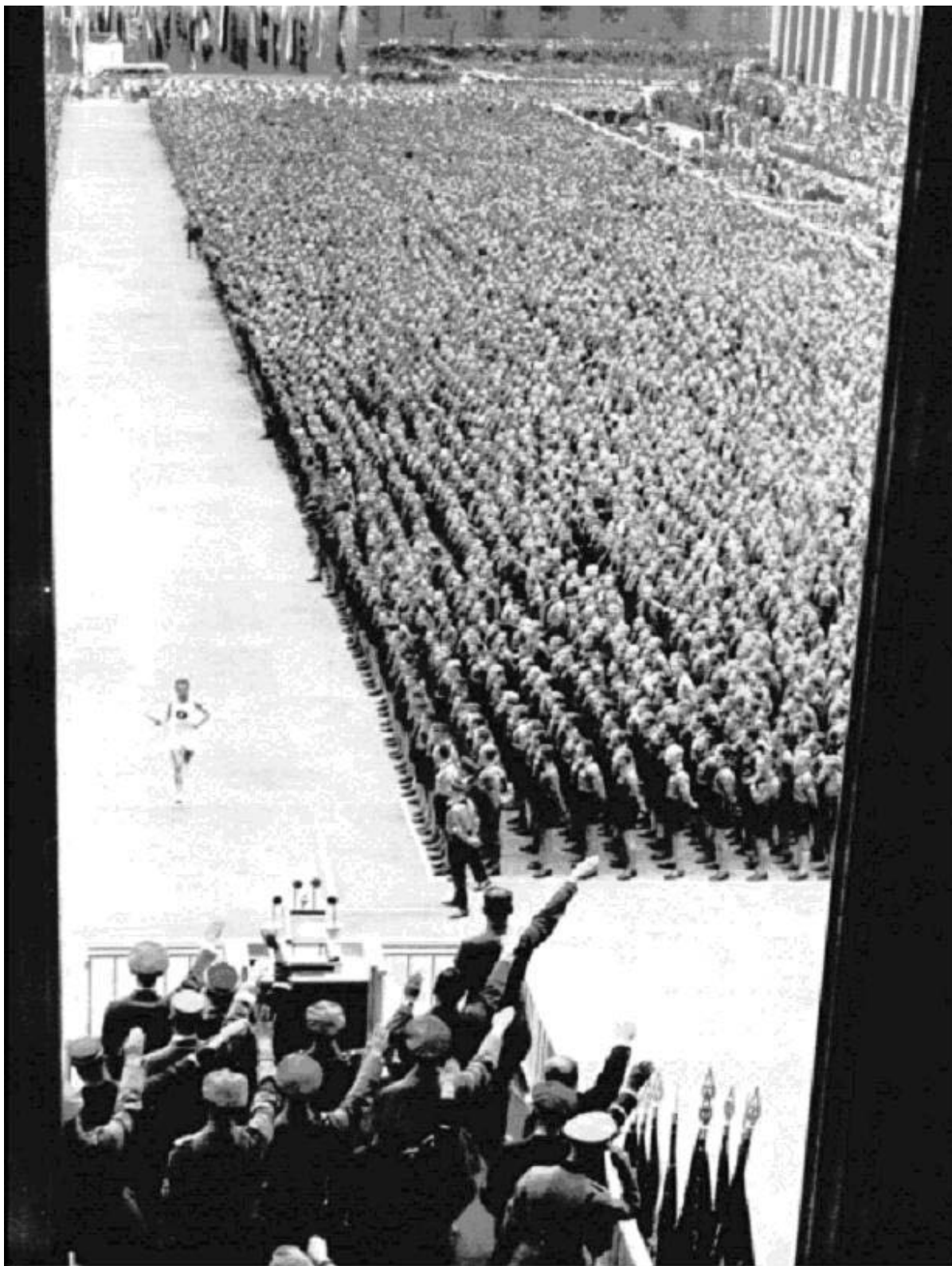




Fotografia 10 - Cerimônia em *Königsufer* – Dresden (LIMPERT, 1936)



Fotografia 11 - Jovens carregam a Chama Olímpica da Torre de *Bismarck* para *Müggelberg* – Grünau (LIMPERT, 1936)



Fotografia 12 - Chama Olímpica chega em Berlim (LIMPert, 1936)

Depois de percorrer a Grécia, a Bulgária, a Iugoslávia, a Hungria, a Áustria, a Tchecoslováquia o Revezamento da Chama Olímpica em 1936 chegou ao seu ápice em Berlim na Cerimônia de Abertura dos Jogos. Totalizando 3.187 km (incluindo as passagens especiais nas cidades alemãs *Kiel* e *Grünau*) a tocha, com a Chama Olímpica, foi carregada por 3.331 corredores, até o ponto final com o alemão *Fritz Schilgen* que teve a honra de acender a Pira Olímpica no dia 1º de agosto de 1936. Quando ele entrou pelo portão Leste do estádio e acendeu a Pira Olímpica foi um momento de grande ovação (MALLON, 1984; IOC, 2002a).

A partir desse momento a chegada do Revezamento da Chama Olímpica passou a ter um local de destaque junto à Cerimônia de Abertura dos Jogos Olímpicos. O revezamento constituía-se no símbolo que ligava os Jogos da Era Moderna aos Jogos da Antigüidade. Esse momento de grande ovação pode ser observado nessa passagem de Diem (1964):

A chegada do portador da chama olímpica no estádio no dia da cerimônia de abertura é um momento de clímax. Primeiro, rumores distantes e gritos são ouvidos; eles gradualmente tornam-se mais altos e chegam mais perto... Finalmente o corredor chega ao estádio, ele entra através da entrada dos corredores de maratona, faz uma volta cerimonial, sobe os degraus, saúda os presentes com a tocha e solenemente acende a chama na pira (apud DURANTEZ, 2000, p.16).

A descrição acima denota todo o aspecto simbólico que passou a envolver esse cerimonial. Esse simbolismo chamou a atenção de dirigentes esportivos porto-alegrenses que estavam assistindo a Cerimônia de Abertura dos Jogos de 1936.

Estavam presentes os seguintes dirigentes esportivos porto-alegrenses no Estádio Olímpico de Berlim: Túlio De Rose – vinculado a Federação Gaúcha de Remo e ao *Canottiere Duca degli Abruzzi*<sup>20</sup>; José Carlos Daudt – vinculado a Liga Atlética Rio

---

<sup>20</sup> O *Canottiere Duca degli Abruzzi* era o conhecido como o clube de remo dos italianos e após a nacionalização em 1942 passou a ser chamado de Clube de Regatas Duque de Caxias (MAZO, 2003).

Grandense e a *TurnerBund*<sup>21</sup>; e Darci Vignoli – vinculado a Liga de Defesa Nacional e ao *Grêmio Náutico União*<sup>22</sup>.

Túlio De Rose, em especial, ficou impressionado com a magnificência dos Jogos e com o simbolismo que envolvia aquela Corrida de Revezamento. Assim ao retornar para Porto Alegre, começou a buscar formas de realizar uma corrida semelhante na cidade. Entretanto, não devemos esquecer que nos Jogos de Berlim em 1936, Hitler usaria a força do simbolismo da Chama Olímpica como uma maneira de unificar seu povo e mostrar sua soberania com um forte sentido nacionalista.

O nacionalismo nos anos 1930 era visto com ‘bons olhos’ por governantes de alguns países. No caso brasileiro acenava-se para uma tomada nacionalista a partir de Getúlio Vargas no Estado Novo (1935-1947). Nesse período as cidades brasileiras identificadas por etnias européias foram alvo de inúmeras iniciativas no sentido de abrazeirá-las ao máximo. Porto Alegre, a capital do Estado do Rio Grande do Sul foi uma dessas cidades. O contexto desta cidade, nos anos de 1930 a 1940, será aprofundado no sub-capítulo seguinte.

### **3.2. Porto Alegre 1930-1940: percorrendo os caminhos da cidade**

Neste sub-capítulo voltamos nosso olhar para o contexto local do estudo: a cidade de Porto Alegre (RS). No primeiro momento do capítulo veremos que Porto Alegre no final da década de 1930 era uma cidade que buscava se alinhar ao ideário moderno europeu. No segundo momento veremos que com o advento do Estado Novo (1937-1945), as questões administrativo-políticas que até então eram vistas pela elite porto-alegrense somente no sentido de embelezamento da cidade, tornam-se evidentes. Marcadamente conhecida por sua complexidade étnica, a cidade de Porto Alegre torna-se alvo dessa política através de diversas práticas cívicas, lideradas, principalmente, pela Liga de Defesa Nacional. Então, no terceiro momento vamos

---

<sup>21</sup> A *Turnerbund* era um clube identificado com os imigrantes alemães, principalmente pela prática da ginástica (*Turnen*). Após a nacionalização em 1942 passou a ser chamado de Sociedade Ginástica Porto Alegre (MAZO, 2003).

<sup>22</sup> O *Turnershaft* era um clube identificado com os imigrantes alemães, principalmente pela prática do remo. Após a nacionalização em 1917 o clube passou mudou seu nome para Grêmio Náutico União (MAZO, 2003).

observar o associativismo esportivo, mais especificamente, as práticas esportivas, que até final dos anos 1930 refletiam a diversidade étnica da cidade. Todavia, com o advento do Estado Novo, o associativismo esportivo foi forçado a construir representações culturais de uma identidade cultural brasileira referenciada na cultura luso-brasileira. Diante disso, as práticas esportivas, as competições e cerimônias relacionadas ao esporte foram convertidas em mecanismos de construção da nação brasileira.

### **3.2.1. As administrações públicas da cidade: construindo um palco para o Fogo Simbólico da Pátria**

Nesse primeiro momento buscamos percorrer as administrações políticas da cidade de Porto Alegre (RS) até o advento do Estado Novo. Nesse sentido devemos entender que o ser moderno era o pensamento que estava em voga na elite da sociedade porto-alegrense no início dos anos 1930.

Essa elite assistia todos os dias embarcações internacionais atracarem em seu porto e, esses navios oriundos dos países desenvolvidos, traziam em suas bagagens não só produtos, mas principalmente as inspirações do modo de ser moderno. Porém, para que esse ideal imaginário acontecesse foram necessários investimentos em grandes obras, como avenidas e espaços públicos. Além disso, expulsar os personagens 'moralmente inferiores', como os freqüentadores de prostíbulos e cortiços, também se fazia necessário.

Porto Alegre foi administrada durante 40 anos pelo mesmo partido político: o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). Nesse período foram duas administrações: José Montauray (1897/1924) e Otávio Rocha/Alberto Bins (1924/1937). O período que se apresenta como relevante para esse estudo é o da administração de Rocha e Bins, pois ele antecede a realização da CFS. Segundo Damásio (1996), esta gestão foi considerada pela população porto-alegrense como de grande modernização.

Bakos (1986) lembra que as medidas econômicas e políticas adotadas durante esses 40 anos foram estratégias para manter a hegemonia política do PRR. Dessa

forma, convém pensarmos quais foram às estratégias do PRR para manter essa hegemonia política e a ligação entre os governos Montaury e Rocha/Bins.

Segundo Damásio (1996) o Plano Geral de Melhoramentos foi um documento chave para consolidação do PRR no governo. Esse Plano apareceu ao final da administração de Montaury como uma ação efetiva para que as próximas administrações fizessem as almejadas transformações na cidade. Convém lembrar que o chamado 'constituismo administrativo' do PRR iniciou no governo Montaury, porém sua administração não fora tão efetiva na transformação da paisagem da cidade como queria a população. Em seu governo foram realizadas apenas obras estruturais sem as grandes avenidas, praças ajardinadas e espaços para o convívio coletivo como esperavam os porto-alegrenses.

Após algumas denúncias de fraude, mas baseados em discursos de modernidade e higienização que constavam no Plano Geral de Melhoramentos, Rocha e Bins obtiveram êxito em sua candidatura. Conforme Damásio (1996) a Revolução de 1923 ainda afetava o domínio político do PRR e a administração de Rocha e Bins deveria atingir a população com novos planos e idéias. Foram três os temas escolhidos para atingir a população: a renovação da estrutura urbana, adaptando-a as novas necessidades da cidade em desenvolvimento; a elaboração de uma paisagem esteticamente 'moderna', seguindo padrões da época; e a manutenção da ordem urbana, fazendo um rigoroso controle social.

Devemos lembrar que Alberto Bins, vice de Otávio Rocha, assumiu como intendente municipal no início de 1928 devido à doença e, após, falecimento de Rocha. Seu mandato vai até o início do Estado Novo e, neste período, teve grande aceitação junto às burguesias industrial e comercial devido sua posição social. Bins era um eminente industrial gaúcho descendente de alemães e ex-presidente da Associação Comercial de Porto Alegre. Além disso, sua gestão ocorre paralelamente a ascensão de Getúlio Vargas (governador do Estado do Rio Grande do Sul em 1928 e presidente do país em 1930) em um momento de "crescimento de uma burguesia citadina, ligada a indústria, ao comércio e à especulação imobiliária, com a conseqüente busca de ampliação de seu espaço" (MACHADO, 1998 p.61).

Machado (1998) lembra que em 1932 surge o PRL no Rio Grande do Sul, expressando um novo contexto nacional e regional que exige uma maior integração entre o Estado e o mercado nacional para escoamento da produção. Dessa forma o PRL apresenta um programa eclético, onde a visão regionalista do Rio Grande do Sul acima ou servindo de exemplo à nação, está permeando alguns setores do partido.

Bins era um continuísta que deveria inovar e para isso revigorou o Plano de Melhoramentos. Apesar de ter sido elaborado em 1914, o Plano foi colocado em prática somente dez anos depois e, estava em sintonia com os conceitos urbanísticos da época, destacando-se como um projeto pioneiro no âmbito do planejamento urbano realizado no Brasil (BELLO, 1997).

Damásio (1996) afirma que a questão estética era a idéia mais importante. Seria através dessas mudanças que pretendia se atingir o gosto da 'nova' burguesia que se instalava em Porto Alegre: comerciantes e industriários. Além disso, essa 'ordem burguesa' pretendia criar um modelo ideal de comportamento cidadão através de critérios, pelo menos aparentes, morais e higiênico.

Monteiro (1992) ressalta que atrás da retórica higienista e estética havia a intenção de afastar a chamada 'gentalha' do centro da cidade. O ponto final disso era manter a hegemonia do PRR, padronizar a vida urbana seguindo os moldes considerados simbólicos do progredir e, acima de tudo, o controle social.

Para padronizar as condutas ou comportamentos da vida urbana e tornar a cidade com uma imagem de metrópole mundial, foi implantada uma nova política tributária onde o foco principal era a região central da cidade. Segundo Damásio (1996) as atividades tipicamente populares de lazer como bares, os bailes públicos, as quadras de esportes tiveram uma elevação nos impostos. Enquanto que os prados de corrida, atividade considerada *chic* da vida social, teve mantido as tributações normais. Através disso, percebe-se que os administradores, que também faziam parte da *high society* porto-alegrense, atingiam seus objetivos de hegemonia política mudando principalmente o centro da cidade.

Empréstimos foram feitos pelos administradores em uma tentativa de concluir uma de suas principais obras: o viaduto da Avenida Borges de Medeiros. Ele ligaria a zona sul ao centro e seguia as grandes tendências da época, sendo posteriormente um

cartão postal em termos de modernidade. Monteiro (1992) afirma que a abertura das avenidas Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros emergem como paradigmas no projeto de modernidade da elite porto-alegrense de integrar as classes populares a 'sociedade moderna'.

Porém, a atenção principal se deu na Rua dos Andradas. Ali foram retirados prostíbulos populares, pois atingiam a moralidade das senhoras que praticavam seu *footing*<sup>23</sup>. Foi nessa rua que os porto-alegrenses atingiram seus ideais de modernidade, pois segundo Damásio (1996) a cidade urbanisticamente não atingiu os ideais de modernidade da administração Rocha/Bins. Porém, no imaginário da população caminhar por essa rua era como andar pela *Broadway*, devido a grande concentração de pessoas, bares, cinemas e vitrines.

Segundo Maroneze (1994) a sociabilidade no centro da cidade também estava intimamente ligada ao Porto. Dessa forma o centro da cidade se tornava um ambiente de dinâmica econômica, devido ao movimento nacional e internacional aliado às citadas mudanças urbanas e sociais desse local. Além disso, o mesmo autor refere que o desenvolvimento comercial e urbano das grandes capitais européias criou uma espécie de 'cultura pública', uma linguagem nova. Pelo fato dessa linguagem ser internacional e permitir a relação entre estranhos, penetra em cenários que possuam estrutura para traduzi-lá e compartilhar a sua maneira. Esse é o chamado cosmopolitismo.

A concentração de pessoas nas ruas derivava dessa mudança no *modus vivendi* da população. Apesar de muitas obras inacabadas, a cidade estava mais estruturada para receber a população. A vida em público e as atividades de lazer passaram a fazer parte do cotidiano porto-alegrense. Segundo Damásio (1996) um apogeu de vida coletiva estava se gerindo, atraindo ao espaço público uma população ávida por desfrutar da cênica moderna. Porém, faltava modernizar a população, ou seja, educar para o espaço público.

A primeira tentativa de realizar essa educação foi através de leis que se buscavam diferenciar os bons e os maus, os limpos e os insanos, os ordeiros e os desordeiros, ou seja, os 'modernos' e os não 'modernos'. Em 1934, a prefeitura toma providências e estipula regras para melhor circulação dos pedestres no centro da

---

<sup>23</sup> Chamava-se *footing* a atividade de circular, a pé, pela rua.



cidade. Segundo Damásio (1996) Porto Alegre seria a única cidade brasileira que teria o trânsito de pedestres regulamentado.

De acordo com Damásio (1996) para a população a modernidade havia chegado e por isso os comportamentos se modificaram com base no modo de viver das grandes metrópoles. Além do cinema, da moda, do *footing*, do automóvel a modernidade apresentava outro símbolo: o esporte. Nas grandes metrópoles as práticas esportivas eram vistas como parte importante da vida social. O esporte começa a se tomar mais relevante para a sociedade porto-alegrense, porém revestido de discursos e iniciativas que faziam parte da política do Estado Novo.

Com o pensamento voltado para a modernidade a população se deparava com um novo cenário político. Esse cenário torna-se mais evidente à população porto-alegrense quando Getúlio Vargas vê no governador do Estado do Rio Grande do Sul, Flores da Cunha, o único obstáculo para sua subida ao governo do Brasil.

Getúlio precisava isolar essa resistência e, assim, o fez no dia 18 de Outubro de 1937. Nesta data, a Brigada Militar, uma das mais poderosas forças do Estado do RS, foi federalizada e seu comando transferido ao Exército. Flores da Cunha não pode reagir e, no outro dia, renunciou exilando-se no Uruguai. Daltro Filho foi nomeado interventor do Rio Grande do Sul e, nesse momento, já se vivia o Estado Novo em Porto Alegre, um período que compreenderia os anos de 1937 a 1945.

Com o advento do Estado Novo sucedem ao poder três prefeitos em Porto Alegre: Loureiro da Silva, Antônio Brochado da Rocha e Clóvis Pestana. Mas quem assume as diretrizes pragmáticas a serem seguidas é Loureiro da Silva. Podemos considerar esse período de três prefeitos como o período de Loureiro à frente da administração de Porto Alegre. Esse fato se dá devido à duração do seu mandato (seis anos - 1937/1943) ser três vezes maior que a soma dos mandatos de seus dois sucessores imediatos (26 meses - 1943-1945). Ainda, “implementa uma série de ações com profundas repercussões no campo urbano, sendo apelidado de ‘o modernizador de Porto Alegre’” (MACHADO, 1998, p.109).

Um exemplo dessas ações foi à reformulação do Parque Farroupilha (Redenção). A primeira ação para sua remodelação foi para as comemorações da Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha em 1935. Entretanto, somente após

a exposição, juntamente com as obras que se seguiram no período administrativo de Loureiro, que deram ao Parque *status* de ponto turístico e palco das comemorações da Semana da Pátria (LUZ, 1999).

A Pira da Pátria foi construída no Parque Farroupilha especialmente para a Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria em 1938. Esse fato reforça o Parque como palco de grandes acontecimentos públicos no período do Estado Novo conforme reportagem publicada no Correio do Povo:

[...] Idea e realização do esculptor Marcos Bastos, alem da belleza acadêmica do seu traçado e de sua alta expressão symbolica, a Pyra deveria ostentar, no pedestal, dois baixos relevos representando, atravéz de varias imagens, o vigoroso espírito de brasilidade que vae pelo paiz em fora.

Infelizmente, não houve tempo para que esses baixos relevos fossem collocados, muito embora estejam elles promptos, já há dias, no atelier do esculptor Marcos Bastos.

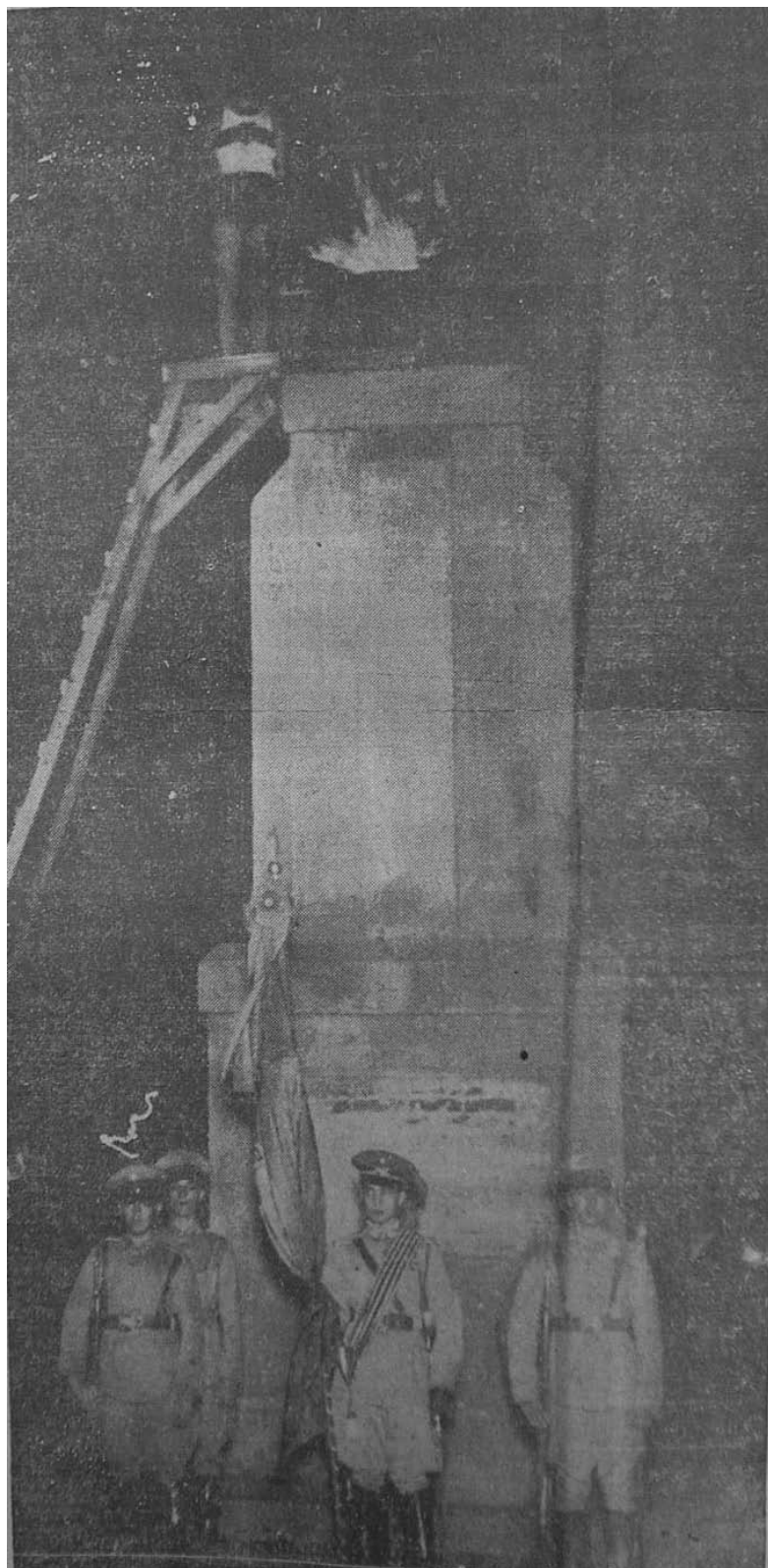
Em vista disso, a solemnidade de hontem, que esteve imponente, como se vê do noticiário alusivo, foi realizada com a Pyra despida dos seus principaes elementos ornamentaes.

Mesmo assim a obra impressionou magnificamente, pela puresa de suas linhas e impeccavel acabamento, revelando de maneira consagratoria, o admirável senso esthetico do esculptor Marcos Bastos.

A firma Dahne Conceição e Comp., que se incumbiu de contruir a pyra, pretende, ainda hoje, collocar os respectivos baixos relevos no pedestal da obra, o que não foi feito anteriormente, por falta de tempo e também devido as últimas chuvas.

De sorte que, de hoje em diante, as multidões que desfilarem pela rua Luiz Affonso em estado de exaltação cívica, terão, ao defrontar a pyra, uma visão completa do sentido symbolico que Marcos Bastos deu ao seu trabalho, conciliando de forma, conciliando, de forma eloqüente, o seu aprimorado sentimento esthetico com a vibração que anima a todos riograndenses, nesta hora solemne de culto ao Brasil (CP, 01/09/1938, p.16).

A fotografia 13 revela o acendimento da Pira da Pátria recém construída em 1938:



Fotografia 13 - Pira da Pátria (CP, 01/09/1938, p.16)

O prefeito Loureiro renunciou em setembro de 1943 alegando problemas pessoais. Ficou doente e desgastado mentalmente devido ao período de lutas políticas e administrativas acirradas. Segundo Machado (1998) Loureiro não tinha motivos reais para abandonar uma gestão tão exitosa, porém devido à censura na imprensa, as desavenças, atritos e, mesmo, os simples desacordos, não chegavam ao conhecimento público.

A forte ação de mecanismos de controle e repressão abalou Porto Alegre. A cidade vivia um momento peculiar no Estado Novo. Assim, no que tange ao contexto do estudo, torna-se relevante um olhar mais apurado para Porto Alegre nesse período devido à influência de diferentes grupos migratórios na constituição da identidade cultural da cidade.

### **3.2.2. As festividades cívicas da cidade no Estado Novo (1937-1945): exaltando o patriotismo nos clubes**

Este sub-capítulo apresenta um panorama do período histórico brasileiro denominado Estado Novo (1935-1947) e suas repercussões numa cidade com peculiaridades étnicas como Porto Alegre (RS). Um aspecto marcante desse período foi o forte estímulo a realização de comemorações da ‘Semana da Pátria’ visando reforçar o sentimento patriótico dos brasileiros. O patriotismo foi um dos alicerces políticos do governo de Getúlio Vargas no Estado Novo.

Barroso (1999) afirma que foi a partir da Revolução de 1930 que se decretou o fim da República Velha. Esse seria um ‘divisor de águas’, pois deu fim ao domínio do Brasil rural e deu início ao ingresso do urbano no cenário das articulações da nação. Era a passagem do arcaico para o moderno, do agrário-exportador para o industrial, do regionalismo para o centralismo. Este posicionamento do Brasil ao centro dava à arrancada ao autoritarismo no Brasil.

O ‘golpe final’ do autoritarismo foi em 10 de novembro de 1937 com a oficialização da ‘nova’ Constituição e de outras medidas, como o fechamento do Congresso, a suspensão das eleições, a proibição dos partidos e a censura à imprensa. A queima das bandeiras dos Estados foi o ato simbólico para demonstrar o

enfraquecimento do poder regional e estadual podendo ser visto como um ritual de unificação da nação sob a égide do Estado (OLIVEN, 1992).

Após esse golpe, nada poderia simbolizar mais a centralização do poder, do que a queima de todas as bandeiras estaduais (e dentre elas a bandeira do estado do Rio Grande do Sul) num ato público realizado na praia do Russel, no Rio de Janeiro. Buscava-se liquidar na teoria e na prática a autonomia estadual. Através do fogo purificava a nação de um dos seus 'males': os símbolos regionais (CARNEIRO, 1999).

O clima da Segunda Guerra Mundial colaborou para compor um quadro favorável a exacerbação do patriotismo no Brasil. A Segunda Guerra e suas conseqüências caracterizam o Estado Novo (advento, consolidação e queda), como um período peculiar, no qual a política externa brasileira influenciava o ritmo das atuações nos Estados. Alemanha e Estados Unidos disputavam o controle comercial do país e, conseqüentemente, Porto Alegre sofria com as influências culturais (MACHADO, 1998).

Machado (1998) afirma que em 1939 os norte-americanos conseguiram a primazia no plano comercial e em 1940 no plano cultural. Porém, convém lembrarmos que a forte colônia alemã em Porto Alegre manteve a soberania comercial e cultural por alguns anos nesse período. Somente após as medidas retaliativas contra os teuto-brasileiros<sup>24</sup> que se esmoreceu essa soberania alemã na cidade.

Outras medidas foram consolidadas na cidade para manter a hegemonia cultural americana. Uma delas era através do cinema, onde os filmes americanos buscavam difundir uma imagem adequada do país. As constantes visitas dos astros de *Hollywood* e outras personalidades, como *Walt Disney*, completavam essas medidas controladas principalmente pelo Instituto Universal Americano (MACHADO, 1998).

O imaginário da *Broadway* gaúcha era mais acentuado. Porém, no processo nacional as cidades deviam abrigar cada vez mais o contingente originário no campo que ouviam a industrialização como anúncio de dias melhores. Entretanto, Machado (1998) lembra que esse discurso buscava constituir mão-de-obra de reserva. Damasceno (1990) lembra que o Estado Novo vinha para colocar o desenvolvimento

---

<sup>24</sup> Segundo Seyferth (1982) é aquele que mantém sua língua e seus costumes alemães, sem constituir uma ameaça ao Estado e se interessa como cidadão brasileiro pela sua terra e não fica atrás dos brasileiros em patriotismo e disposição para o trabalho.

nacional a serviço do homem e para isso uma reordenação no mercado de trabalho se fazia presente.

O Jeca-Tatu<sup>25</sup>, de Monteiro Lobato não poderia ser mais o modelo a seguir. Era preciso transformar o 'Jeca' em um trabalhador urbano, em um cidadão construtor e beneficiário do desenvolvimento nacional. Gomes (1982) reforça essa idéia dizendo que:

Promover o homem brasileiro e defender o progresso e a paz do país eram objetivos que se unificavam em uma mesma e grande meta: transformar o homem em cidadão/trabalhador, responsável por sua riqueza individual e também pela riqueza do conjunto da nação (p.152).

Segundo Monteiro (1992) por trás do discurso técnico-racional de higienização e embelezamento da cidade de Porto Alegre, estava à vontade da elite dirigente de organizar, planejar e disciplinar esse “novo contingente de força de trabalho” (p.250). A construção do 'novo homem moderno', trabalhador, econômico, ajustado e voltado à intimidade do lar está intimamente aos conceitos de modernidade vigentes.

A diferença do discurso dos anos anteriores é o fato de que o crescimento agora é atrelado ao novo momento do país. Assim, disseminando a idéia de que a urbanização das cidades refletia o crescimento do país, alimentava a idéia de que juntos todos ajudavam ao Brasil. Segundo Machado (1998) “as transformações da urbe são incorporadas a um contexto maior e mais grandioso, da nação em transformação. Misturam-se e confundem-se expectativas com realizações” (p.125).

Com a ascensão de Getúlio Vargas ao poder nacional, o Rio Grande Sul assumiu o posto de 'defensor da nação' e de 'celeiro do país' perdendo gradualmente possibilidades de inserção no processo de industrialização nacional (BELLO, 1997). Porém, mesmo com esse fator e a diminuição no fluxo migratório, Maroneze (1994) lembra que Porto Alegre nos anos 1930 irá superar a marca de 250.000 habitantes.

Porto Alegre mantinha-se entre as grandes cidades do país e a sua sociedade assimilou, com maior ou menor intensidade, as variações dos processos econômicos e políticos do contexto mundial e nacional. Vale lembrar que nos primeiros anos do

---

<sup>25</sup> Personagem modelado na literatura da década de 20 para ser o protótipo do desprezível e irrecuperável homem brasileiro, um maltrapilho, desnutrido e incapaz (DAMASCENO, 1990).

Estado Novo, a ascensão do fascismo pelo mundo era visível. Em 1922 foi instalado na Itália um governo de cunho fascista, autoritário, nacionalista, anticomunista pelo Partido Nacional Fascista. A partir de 1930, na Alemanha, Hitler levaria o nazismo ao poder. Em 1933, Salazar, inspirando-se em Mussolini, outorgara, em Portugal, o 'Estado Novo' português.

Getúlio Vargas, que simpatizava com regimes fascistas desde os tempos de governador do Estado do Rio Grande do Sul, via também um cenário favorável aos projetos do Estado Novo. Esses projetos passavam por discursos de construção de uma nação forte, com vistas favoráveis aos grupos econômicos tradicionais, realizando uma 'modernização conservadora'<sup>26</sup> (MACHADO, 1998).

Manhães (2002) reforça essa idéia dizendo que em 1937-1938 foi instaurada no Brasil uma ditadura plasmada nos regimes fascistas italianos e alemães. E Moura (1993) lembra que a política externa brasileira nos anos 30 pode ser descrita como uma política de equidistância pragmática, tanto em questões comerciais, como políticas e militares entre as duas potências: Estados Unidos e Alemanha. Esta política conduziu à declaração da neutralidade em julho de 1939, principalmente para aumentar o poder de barganha dos produtos brasileiros nos anos seguintes. Em agosto de 1942, o Brasil declarou guerra à Alemanha e à Itália, encerrando-se, assim, a neutralidade. A política externa brasileira em oito meses mudou para uma aliança firme com os EUA abandonando a equidistância pragmática que tinha guiado os negócios exteriores brasileiros até 1941.

O discurso de Vargas se alinhava ao imaginário de modernidade dos porto-alegrenses. Além disso, as censuras étnicas não haviam tomado força na cidade que era marcada por descendentes de imigrantes europeus. Cantarino Filho (1988) lembra que o surgimento de núcleos com ligação ao Partido Nazista no Brasil, datam desde 1931, onde havia presença de porto-alegrenses<sup>27</sup>.

---

<sup>26</sup> Dalmáz (2002) retrata com bastante clareza, a partir de pesquisa sobre as reportagens da Revista do Globo, as divisões de relacionamento Brasil/Alemanha em diferentes momentos. De 1933-1936 o período de desconfiança e entusiasmo; de 1937-1938 um período de transição com críticas veladas; e de 1939-1945 um período de convicção e hostilidade a partir da entrada do Brasil como aliado na 2ª Guerra Mundial.

<sup>27</sup> A 'Juventude Teuto-brasileira' de Porto Alegre funcionou até setembro de 1938, justamente a data de início das festividades da Semana da Pátria (CANTARINO FILHO, 1988).

Cantarino Filho (1989) afirma que os pensamentos de Adolf Hitler sobre raça, educação e educação física chegaram aos professores do Rio Grande do Sul em 1934 através da tradução e edições do livro *Mein Kampf* (Minha Luta). E, afirma que, esses conceitos hitlerianos, serviram de reforço a alguns líderes da educação física durante ao Estado Novo. Essa educação física, até então pouco regulamentada, ganha força em Porto Alegre e no Brasil pela idéia de aperfeiçoamento da raça (forte e superior) através dos exercícios físicos<sup>28</sup>.

Com a extinção dos partidos políticos em 1937 e a participação de estrangeiros em atividades políticas em 1938, os simpatizantes do nazismo no Brasil ficaram na ilegalidade. Com entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial em 1942 essas atuações clandestinas começaram a ser perseguidas pela polícia brasileira, mesmo sabendo dos pendores que alguns elementos do governo brasileiro possuíam pela Alemanha Hitleriana anteriormente (CANTARINO FILHO, 1988).

A forte presença de imigrantes, principalmente dos teuto-brasileiros, no Rio Grande do Sul ficou em evidência nesse período em Porto Alegre, devido às grandes modernizações feitas na cidade. Eles ocupavam os espaços públicos com intuito de preservar uma identidade (COERTJENS, 1999). Neste sentido, o estudo de Mazo (2003) mostra que o associativismo esportivo foi também um espaço de construção e afirmação da identidade cultural desses imigrantes e de seus descendentes.

Embora conhecida como a “cidade dos alemães” (PESAVENTO, 1994), Porto Alegre também reunia outros grupos étnicos europeus. Essa complexidade cultural caracterizava todo o país, porém o Rio Grande do Sul, que teve um fluxo migratório acentuado no início do século XIX (COERTJENS; GUAZZELLI; WASSERMAN, 2004), ficando fortemente caracterizado socialmente pelas diversas influências étnicas. Este cenário representava uma ameaça ao ideal nacionalista.

O Governo Federal, segundo Torres (1997) realizou nos primeiros anos que seguiram a Constituição de 1937, uma obra de nacionalização do ensino primário nos estados de acentuada imigração de origem estrangeira. No Rio Grande do Sul a campanha nacionalizadora foi desencadeada imediatamente em 1938, tendo a frente o

---

<sup>28</sup> O estudo de Carlan (1998) reconstitui as comemorações da ‘Semana da Raça’ no município de Ijuí (Rio Grande do Sul).



interventor federal, coronel Osvaldo Cordeiro de Farias. As denúncias da existência de grupos nazistas no sul do país favoreceram o recrudescimento das medidas de ação política e educacional repressivas em todo o Estado.

O Estado buscava formular uma representação da identidade brasileira em oposição ou contraste as identidades culturais dos imigrantes. A intervenção estatal no campo da cultura determinou quais as formas culturais que seriam promovidas e que manifestações culturais seriam descartadas. Uma das estratégias adotadas pelo governo foi às comemorações de datas oficiais com a criação de rituais de unificação pública e de afirmação positiva da Pátria. O Estado Novo se constituiu como o período mais profícuo na promoção de rituais e comemorações destinadas a afirmar um novo Brasil.

A campanha de nacionalização alicerçava-se na idéia de que, as ações de caráter comemorativo das datas cívicas brasileiras, contribuiriam para a construção da identidade nacional. No Estado Novo, as comemorações se constituíram enquanto um meio de educação cívica, que buscava inculcar na memória dos brasileiros as representações de uma identidade cultural. Essas ações foram incisivas em alguns pólos regionais, principalmente, onde havia a presença marcante de imigrantes europeus. A finalidade era eliminar as fronteiras culturais produzidas por esses imigrantes nas suas instituições.

No sul, a colonização de terras públicas produziu colônias alemãs, italianas, ucranianas, polonesas etc., ou mistas, com imigrantes de diferentes nacionalidades, ainda afastadas do convívio com a sociedade nacional, portanto menos expostas aos processos de assimilação nacional. Entretanto, cidades como Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba, São Paulo e Rio de Janeiro possuíam, na década de 1930, contingentes apreciáveis de imigrantes e descendentes, às vezes concentrados em bairros culturalmente identificáveis por etnia — portanto, possuíam visibilidade étnica (SEYFERTH, 1999).

A concentração inicial dos alemães em áreas relativamente isoladas resultou numa organização comunitária própria, considerada necessária diante da omissão do Estado, facilitando o uso cotidiano da língua materna. Em Porto Alegre tal organização não teve, propriamente, motivações étnicas, mas assumiu, no contexto do contato, sua

germanidade (*Deutschtum*). Não houve aceitação generalizada das doutrinas pan-germanista e nazista, que produziram uma radicalização racista da noção de *Deutschtum*, mas ambas tiveram influência nos meios teuto-brasileiros<sup>29</sup>. De qualquer modo, a identidade étnica presumia a participação em todas as esferas da vida social na nova pátria, sem abrir mão da condição étnica, como brasileiros *de origem alemã* (SEYFERTH, 1999).

Diante da realidade representada pelos sentimentos de etnicidade e da organização comunitária baseada em distinções étnicas, comuns aos grupos de imigrantes e descendentes estabelecidos no Brasil, a solução para o “problema imigratório” estava na assimilação de todos esses alienígenas. A apregoada necessidade da sua transformação em brasileiros de fato, e não apenas por direito de solo, motivou a campanha de nacionalização, que incidiu de modo mais direto sobre teuto-brasileiros em razão dos desdobramentos da Segunda Guerra Mundial (SEYFERTH, 1999).

Schwartzman (1984) reforça essa idéia dizendo que, o projeto nacionalista, valorizava “a uniformização, a padronização cultural e a eliminação de quaisquer formas de organização autônoma da sociedade que não fosse na forma de corporações rigorosamente perfiladas com o Estado” (p.166). Assim, a homogeneização cultural fazia parte dos ideais nacionalistas de construção de uma nação forte<sup>30</sup>.

Conforme Gertz (1991, p.07), considerava-se “que uma rígida campanha de nacionalização garantiria o estabelecimento definitivo da unidade e homogeneidade étnico-cultural-religiosa no Brasil”. Para tanto, as ações nacionalizadoras foram incisivas em alguns pólos regionais, onde havia a presença marcante de imigrantes europeus. No Rio Grande do Sul, os imigrantes alemães e italianos produziram representações culturais identificadas com a Pátria de origem. Sendo assim, se tornaram foco de atenção da campanha de nacionalização que tentou eliminar as fronteiras culturais

---

<sup>29</sup> Os chamados teuto-brasileiros comportavam-se de forma a preservar e difundir sua germanidade (no uso da língua, nas atitudes, no espírito associativo, etc.). Esse procedimento era comum no contexto das grandes ondas migratórias e de afirmação das identidades nacionais (SEYFERTH, 1999).

<sup>30</sup> Na realidade, a idéia de nação inculcada pela ideologia nacionalista afirma que só o nacional é cidadão de fato; portanto, imigrantes e descendentes, portadores de culturas diversas e identidades étnicas não fazem parte da comunidade nacional, não possuem ‘consciência’ ou ‘espírito’ nacional (SEYFERTH, 1999).

impondo a necessidade de que a população construísse um sentimento de pertencimento a nação ao invés das diversas regiões.

As cerimônias, enquanto uma manifestação cultural, apresenta um forte apelo à reunião e a unificação. Segundo Thiesse (2000), os feriados nacionais, a bandeira e o hino nacional são partes da construção de uma memória nacional capaz de organizar e disciplinar os indivíduos.

A união de práticas cívicas e esportivas parece ganhar evidência. Coertjens (1999) afirma que o esporte tinha papel fundamental no processo de construção da nação, pois ele seria um símbolo de integração dos diferentes grupos no Estado-nação. Castro (1997) lembra que o adestramento físico era mencionado como “forma de preparar a juventude para o cumprimento dos seus deveres para com a economia e a defesa da nação” (p.11).

Os discursos de interesses gerais da nação passavam essa idéia de colaboração nacional, sendo assim todos os setores deveriam colaborar. Barroso (1999) afirma que dessa forma o Estado criava o imaginário de todos fazerem parte da nação e, conseqüentemente, todos querem o bem dela. Isso justificava a intervenção do Estado em todos os setores do país. Entre eles estavam as práticas esportivas e as cerimônias cívicas que se iniciam na cidade de Porto Alegre nos anos 1930 e 1940.

### **3.2.3. A Liga de Defesa Nacional em Porto Alegre: controle e incentivo de eventos esportivos pela cidade**

Nesse terceiro momento dedicamos nosso olhar aos mecanismos de intervenção criados pelo governo para atingir a sociedade porto-alegrense. Dessa forma procuramos pontuar com mais especificidade o papel que as instituições patrióticas tiveram no processo de ‘construção da nação’ através das práticas cívico-esportivas.

Para se atingir o objetivo de homogeneização cultural, apregoado pelos nacionalistas na cidade de Porto Alegre (RS), foi de extrema importância a intervenção da chamada Liga de Defesa Nacional (LDN). A LDN, ao lado do Departamento de

Imprensa e Propaganda (DIP)<sup>31</sup>, era um dos vértices dos mecanismos de nacionalização. Esta instituição cívico-cultural fundada por Olavo Bilac em 07/09/1916, teve a primeira sede do seu Diretório Central na Biblioteca Nacional na cidade de São Sebastião no Estado do Rio de Janeiro.

A Liga tinha como finalidade principal incentivar o civismo e o patriotismo no país (LDN, 1983). É interessante observarmos a seguinte passagem sobre os motivos para criação da LDN e seus principais objetivos:

Em 1916, inspirado no exemplo da França – onde surgira a Liga da Pátria -, o poeta Olavo Bilac criou a Liga de Defesa Nacional, visando incentivar o civismo através do culto aos símbolos da Pátria. Seu presidente, o escritor Rui Barbosa, era favorável ao apoio brasileiro aos Aliados na Primeira Guerra Mundial, que ajudava a popularizar o serviço militar obrigatório e reforçava a importância das Forças Armadas. Por defender a idéia do “cidadão-soldado” e do serviço militar como escola de cidadania, a LDN recebeu desde o início o apoio do Exército. Por iniciativa da Liga foi formalizada a existência da Semana da Pátria e proposta ao Governo Federal a obrigatoriedade do ensino da Língua Portuguesa nas colônias de imigrantes, que até então ensinavam apenas o idioma do seu país de origem (DIARIO OFICIAL DE PORTO ALEGRE, 2004. p.01).

Torres (1997) nos ajuda a compreender melhor o campo de ação da LDN ao referir que a ação do governo no Estado compreendeu duas ordens de medidas: extra-escolar e escolar. A ação extra-escolar envolvia a realização de caravanas nacionalistas e a comemoração de datas cívica. Nesse sentido a Semana da Pátria assumiu um caráter de extrema significação ideológica dentro do projeto de unidade nacional, sempre contando com uma ampla programação organizada pela LDN e o governo.

Assim a LDN atuava no processo de nacionalização através de manifestações patrióticas. Havia uma tendência a exaltação do patriotismo através de festas comemorativas à Independência do Brasil e demais datas cívicas, com inflamadas demonstrações de brasilidade. A “mocidade brasileira” era o principal alvo da educação cívica almejada pela LDN (SGANZERLA, 2001).

---

<sup>31</sup> Criado pelo Decreto-Lei n.º 1.915 de 27/12/1939 visando restringir a liberdade de expressão dos meios de comunicação (BOBBIO, 1939).

No Rio Grande do Sul, a LDN foi instalada em 12/10/1937, tendo o general Osvaldo Cordeiro de Farias (interventor federal do Rio Grande do Sul) como presidente do Diretório Regional e, Getúlio Vargas, no cargo de presidente de honra do Diretório Central da LDN (PIMENTEL, s/d). O Diretório Regional da LDN, sob a coordenação do Major Inácio de Freitas Rolim<sup>32</sup>, ficou responsável pela coordenação das atividades comemorativas da “Semana da Pátria” a partir de 1938, que começavam, geralmente, no final de agosto e se estendiam até o dia “Sete de Setembro”. As comemorações, às vezes, eram organizadas pelo Departamento de Imprensa e Propaganda. Esta divulgação era feita justamente através da promoção de grandes desfiles, manifestações e cerimônias cívicas (OLIVEIRA, 1987).

A LDN lutava pela conversão cívico-patriótica de todos os cidadãos através de uma campanha de propaganda popular e pela criação de sociedades educacionais e núcleos regionais nos estados. Nesse sentido, o nacionalismo que era pregado nos manuais de instrução moral e cívica assumiu um caráter quase religioso, com vistas também ao catolicismo (TORRES, 1997).

Segundo Torres (1997), o Estado Novo de Vargas foi o único que atingiu os três níveis fundamentais de nacionalismo: o ideológico, o institucional e o popular. O nível ideológico pode ser institucionalizado simbolicamente em festividades ou personificado em heróis, além de bandeiras, monumentos, canções e preces. O governo Vargas foi o primeiro no país a patrocinar a expansão de idéias nacionalistas em larga escala utilizando o rádio, jornais, comemorações e outros eventos.

A complexidade da campanha nacionalizadora tinha também como difusores a mídia<sup>33</sup> da época: o rádio e o jornal. Faziam parte das emissoras a Rádio Sociedade Gaúcha, a Rádio Difusora Porto-alegrense e a Rádio Farroupilha; dos jornais Correio do

---

<sup>32</sup> Publicou a obra intitulada “O papel das entidades desportivas na formação da juventude brasileira”. Estudos e Conferência. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa e propaganda. N. 14, v. 91, dez de 1941. Rolim era um oficial de confiança no período do Estado Novo. Estava sempre à frente de ações que tinham como finalidade o esporte e a educação física. Destacou-se além do Diretório Regional da LDN no Ministério da Educação e Saúde Pública (1935) e na Escola Nacional de Educação Física e Desportos (1939) (CASTRO, 1997).

<sup>33</sup> A divisão de Cinema e Teatro também auxiliava a controlar as frentes culturais. Nesse sentido controlava os filmes distribuídos e documentários a serem exibidos nos cinemas. Documentários produzidos pela Cinédia traziam em imagens a crônica da política nacional: Getúlio Vargas e seus ministros em inaugurações de obras públicas, cerimônias oficiais, etc. além da vida nas cidades, como as festas populares, esportes, etc. (TORRES, 1997).

Povo e Diário de Notícias<sup>34</sup>. As mídias faziam na prática a difusão de um discurso mobilizador, principalmente durante os preparativos da Semana da Pátria dos órgãos formadores de opinião: a Liga de Defesa Nacional e o Departamento de Imprensa e Propaganda (TORRES, 1997).

O Major Rolim à frente da LDN organizou e realizou as Semanas da Pátria de 1937 e 1938. Após esses dois anos Darci Vignoli assumiu em 1939 a presidência do Diretório Regional. Segundo Pimentel (1945) de 1941 a 45 Vignoli foi

o homem que fez da Liga de Defesa Nacional a mais bela tribuna cívica da terra gaúcha [...] Diplomata, homem de sentimentos elevados, de magnífica cultura, cheio de patriotismo sadio, construtor é ele a figura central da entidade que Bilac legou às novas gerações (p.141).

No Rio Grande do Sul o projeto de nacionalização extra-escolar foi coordenado pelo secretário de Educação do Estado J. P. Coelho. Ele visava unificar o múltiplo étnico-cultural-político através do conceito de homogeneizador de brasilidade (TORRES, 1997).

A Juventude Brasileira<sup>35</sup> era outro órgão formador de opinião. Essa entidade paraescolar apresentava um caráter educativo e nacionalizador, com o intuito de favorecer uma pré-mobilização no sentido de homogeneizar sentimentos e pensamentos em torno do culto à pátria. Ela seguia um cronograma de comemorações de datas e festas cívicas, estabelecida em calendário (TORRES, 1997).

Conforme Cantarino Filho (1989) a Juventude Brasileira tinha como objetivo “incrementar a educação cívica das novas gerações, organizando a juventude de forma a constituir reserva facilmente mobilizável sempre que houver objetivo patriótico a seguir” (p.08). Assim o Estado Novo de Vargas incentivaria a educação, cívica, moral e física da juventude através de diversas práticas, incluindo as esportivas.

Para inculcar na população o sentimento de pertencimento comum necessita-se de um intensivo trabalho de educação. Certamente, que a escola cumpriu um papel

---

<sup>34</sup> O Correio do Povo apoiava as medidas do governo Getúlio Vargas antes dele assumir o governo, engajando-se amplamente no novo regime. O Diário de Notícias abria espaço para a oposição de Vargas exaltando a figura de Armando Sales de Oliveira, candidato à presidência pelo Partido Constitucionalista de São Paulo (TORRES, 1997).

<sup>35</sup> Criada pelo decreto-lei nº 2.027 de 03/03/1940 e instituída como órgão educativo e nacionalizador pelo decreto-lei nº 2.072 de 08/03/1940 (TORRES, 1997).

fundamental neste processo, mas não foi o único lugar. Segundo Thiesse (2000, p.236), a educação para o nacional “se pratica também em todas as atividades de lazer da população”. Assim os clubes esportivos são espaços privilegiados para a prática destas atividades e o desenvolvimento de uma educação cívico-esportiva.

Durante o período do Estado Novo a educação física foi considerada um importante instrumento para a nacionalização das áreas de colonização estrangeira, como a cidade de Porto Alegre. Nesse caso a intenção era promover uma assimilação favorável dos descendentes de estrangeiros aos sentimentos nacionalistas. Além disso, o esporte deveria ocupar outros espaços onde se reuniam os jovens, como os *playgrounds*, colônias de férias e parques infantis (MARINHO, 1944 apud CASTRO, 1997).

Dessa forma houve grande incentivo à realização de competições esportivas, a partir da segunda metade da década de 1930. Um número especial da Revista do Globo publicado na época anuncia o processo de valorização das práticas esportivas que se consolidaria na década de 1940:

Ainda temos na memória a recordação dum torneio atlético aqui realizado lá por 1921 ou 22. O pavilhão estava às moscas. Meia dúzia de curiosos se agrupava perto das pistas. O incansável Mr. Long, secretário geral da A. C. M., e de outras associações esforçavam-se nas varias provas. E os seus esforços inauditos eram coroados pelos magros aplausos da assistência irrisória. Hoje, porém, tudo mudou. Já se cultivam muitos esportes em Porto Alegre. Temos clubes de natação, de regatas, de hockey, de foot-ball, de tennis, de basket-ball, de volley-ball, de esgrima, de skating, de atletismo (REVISTA DO GLOBO, 1933, p.01).

De acordo com a Diretoria de Estatística Educacional da Secretaria da Educação e Saúde Pública de Porto Alegre, as 156 associações da cidade, promoveram 3.609 competições esportivas no ano de 1937. No ano seguinte, as associações esportivas se multiplicaram, totalizando-se 254 em Porto Alegre, sendo que houve um grande crescimento das associações de futebol, em torno de 70 clubes até o início da década de 30. Foram promovidas 5.023 competições, das quais participaram 23.092 atletas distribuídos nas seguintes modalidades: 3.971 no futebol, 3.634 na ginástica geral, 3.120 no atletismo, 1.798 na natação, 1.490 no remo, 1.146 no basquetebol, 1.190 no

voleibol, 653 no tênis e 653 no bolão. As competições começaram a privilegiar os jovens, incluindo as mulheres.

Em 1938, a participação feminina foi mais numerosa nas seguintes práticas esportivas: ginástica (371), natação (325), tênis (148), atletismo (90), bolão (55) e voleibol (52) (REVISTA POLICIAL, 1939). A visibilidade das mulheres no cenário esportivo foi evidenciada na realização do I Campeonato Nacional de Atletismo Feminino, no Estádio Ramiro Souto em Porto Alegre, no ano de 1940 (AMARO JR., 1949, p.138).

Cantarino Filho (1989), em seu artigo sobre a 'Educação Física no Brasil', lembra que os estado-novistas incentivavam o esporte, através de campeonatos e jogos, porém todos eram revestidos, nas festas de abertura e encerramento, de cerimonial cívico-patriótico, com alegorias históricas, profusão de bandeiras e demonstração de poder jovem.

Mendes (1990 apud MEZZADRI, 1999) faz uma relação entre a legalização do esporte e do lazer<sup>36</sup> e a construção da sociedade brasileira:

O governo (não o Estado) percebe no esporte um instrumento de projeção externa, capaz de identifica-lo hegemonicamente no Cenário Internacional. Desta forma, e sob o pretexto de adequá-lo aos padrões e às exigências internacionais, lança suas garras sobre o esporte estabelecendo uma esdrúxula normatização sobre o esporte estatizante, cujo demérito é ter sufocado a liberdade e a criatividade até então reinantes (p.41).

Oliveira (1996) refere que a bandeira, o hino nacional, os feriados nacionais são parte da construção de uma memória nacional capaz de organizar e disciplinar os indivíduos. Nesse sentido, as cerimônias e os campeonatos esportivos, tinham como público-alvo principal à juventude, pois assim o futuro estaria sendo 'moldado' com os ideais pretendidos pelo Governo.

Riordan (1986 apud Bracht, 2005) cita os motivos de um país em desenvolvimento para investir no esporte: Construção da nação (*nation-building*);

---

<sup>36</sup> Mezzadri (1998) enfoca no seu estudo de revisão a relação entre o Estado e a legislação esportiva. No nosso caso é importante observar o Decreto-Lei nº 3.199 de 14 de abril de 1941 que "estabelece as bases de organização dos desportos em todo país. Referendado pelo Presidente da República, usando da atribuição que lhe confere o art. 180 da Constituição" (p.41).



Integração; Defesa; Higiene e Saúde; Política Social; Reconhecimento Internacional. Assim Bracht (2005) lembra que essa é apenas uma listagem motivos, sem especificações mais profundas do próprio caráter político dessa intervenção, que nesse caso, passa pelas suas características, resultados, repercussão, etc. Essa listagem nos dá elementos para pensar no período estudado. Bracht (2005) afirma que o caráter de intervenção do Estado em relação ao esporte pode ser de dois tipos. O que nos interessa é o de total subordinação da organização esportiva ao Estado que foi empregado nos regimes fascistas e nazistas e, conseqüentemente, no Estado Novo de Vargas em Porto Alegre.

A campanha de nacionalização estava de acordo com o princípio de que o nacionalismo engendra a nação (GELLNER, 1993). Assim Seyferth (1999) conclui que:

Assimilação e caldeamento são reputados como parte da tradição histórica de formação da nação brasileira. De acordo com este princípio, o Estado Novo precisava da homogeneidade nacional, buscada, em primeiro lugar, na escola (imposição do espírito nacional pela supressão dos idiomas estrangeiros e pelo ensino do civismo), em segundo lugar, pela ação prática e simbólica do Exército, da polícia e dos brasileiros legítimos, fazendo valer o sentido da formação nacional, isto é, uma “tradição histórica” de miscigenação e assimilação (p.225).

Negreiros (2002) afirma que os esportes tinham se tornado estratégicos para a construção de uma nação forte, pois a questão de fundo era o ‘melhoramento do raça’. Assim o Estado precisaria assumir o controle do esporte e controlar as entidades privadas. Somente dessa forma o esporte serviria para a formação de homens para o trabalho e defesa da pátria.

Manhães (2002) amplia essa idéia com base na criação das leis, jurídicas e sociais do período. Especificamente o autor aborda as leis relativas ao esporte e, assim, o decreto-lei número 3.199 de 1941, onde se inicia o processo de registro de todas as associações esportivas. Para o funcionamento de qualquer clube exigiam-se os moldes do estatuto padrão do Conselho Nacional de Desportos (CND), órgão criado para sobrepor todo e qualquer organização esportiva do país. Era o autoritarismo sobre os clubes esportivos.

As competições esportivas multiplicavam-se, e não mais expressavam a identidade de um grupo étnico-cultural, como nos anos anteriores em que à ginástica

alemã era a principal expressão esportiva de Porto Alegre. Isto pode ser observado no quadro abaixo, construído pelo pesquisador a partir de consulta em fontes impressas utilizados no estudo. Estas manifestações esportivas sugerem a introdução de novos objetivos, novos ideais, contemplando uma população mais abrangente, visando uma educação cívica e patriótica dos “brasileiros”.

A intensa participação dos clubes esportivos nas praticas cívico-esportivas em Porto Alegre, faziam deles colaboradores para o processo de educação cívico-esportiva. Através do engajamento nos desfiles e da promoção de competições na “Semana da Pátria”, os clubes esportivos demonstravam o sentimento patriótico. O patriotismo dos clubes esportivos era atestado pela Liga de Defesa Nacional, que conferia um diploma para as associações que desfilavam na “Semana da Pátria” (MAZO e ROLIM, 2007a).

As festividades do “Sete de Setembro” não se reduziram à comemoração de uma data memorável; ao contrário, procuraram envolver os clubes esportivos na tarefa de construir a identidade cultural brasileira. Apesar do descompasso cultural dos clubes fundados pelos imigrantes europeus, esses tiveram que recuperar alguns fragmentos de sua história e inscreverem-se no processo de construção da nação brasileira. Esta situação gerou o confronto simbólico dos clubes esportivos identificados com os imigrantes em relação aos clubes considerados nacionais. Como fruto desta dinâmica ocorreu à recomposição da identidade cultural dos clubes fundados pelos imigrantes alemães e italianos (MAZO e ROLIM, 2007b).

Dentro dos contextos apresentados temos o surgimento de uma corrida de revezamento. A chamada Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria aparece para a sociedade porto-alegrense no ano de 1938 e, desde esta data com o engajamento dos clubes e dirigentes esportivos porto-alegrenses, ininterruptamente ocorre até os dias de hoje. As inquietações para entender de que forma essa Corrida se perpetua como tradição e as representações que ela construiu até o ano de 1947 é a busca que este estudo se propõe a seguir.

#### **4. PERCURSO METODOLÓGICO: construindo fontes impressas e orais**

Este capítulo pretende descrever os procedimentos metodológicos que foram utilizados nesse estudo. A metodologia foi sustentada em fontes impressas e orais e, depois de realizada as coletas das informações, estas foram submetidas à análise documental (BARDIN, 2000). Dessa forma dividimos o capítulo em duas partes; na primeira parte abordamos os caminhos utilizados com as fontes impressas e, na segunda parte, os caminhos para com as fontes orais.

##### **4.1. As Fontes Impressas**

Esse estudo procurou englobar algumas das principais fontes impressas que remetiam a Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria (CFS) em Porto Alegre no período estudado. Cabe ressaltar que a CFS ainda não havia sido tema de pesquisa acadêmica, sendo apenas encontradas algumas referências em estudos que abordavam o período do Estado Novo.

Nesse aspecto percorremos diversos tipos de fontes impressas: revistas, jornais, livros comemorativos dos clubes esportivos, obras especializadas, almanaques, boletins, monografias, dissertações e teses, entre outros. Além disso, as consultas em acervos particulares, arquivos públicos, bibliotecas, clubes, federações desportivas, fundações, memoriais e museus se fizeram constante na busca por indícios sobre o objeto de estudo.

Uma das fontes primárias encontradas e utilizadas foram duas obras publicadas pela Liga da Defesa Nacional (LDN). As duas obras possuem caráter complementar entre si, pois tinham como objetivo registrar a CFS. A primeira, intitulada “Liga de Defesa Nacional: Fogo Simbólico da Pátria (Sinopse)” foi impressa e composta nas oficinas gráficas da Editora Comercial Safady Limitada e publicada no ano de 1960; a segunda, intitulada da mesma maneira e impressa no mesmo local, era a segunda edição da terceira sinopse publicada no ano de 1971.

O caráter de sinopse empregada nas duas obras identifica uma limitação das mesmas em compor um texto coerente e reflexivo sobre a CFS. Dessa forma, apresentam informações de caráter descritivo, como quilômetros percorridos, número e

nomes de condutores, etc. Apresentam ainda algumas reportagens da passagem da CFS em municípios diversos em edições anteriores aos anos das publicações.

O esforço em resgatar a CFS fica evidente nas duas publicações da LDN. A referência de cartas enviadas aos municípios por onde ela perpassou e o aguardo de retorno por parte dos mesmos parece ter sido a metodologia empregada para a realização das mesmas. As dificuldades de comunicação, a diversidade de localidades, a falta de cultura em registrar, ou seja, dificuldades de tamanhos nacionais parecem ter sido alguns dos motivos que levaram a LDN a publicar 'sinopses' com alguns indícios históricos da CFS.

Entretanto essas obras se constituíram em fontes preciosas no sentido exploratório do estudo e de conhecimento das edições estudadas pelos pôsteres publicados para cada edição da CFS. As frases de brasilidade apresentadas, principalmente, na primeira sinopse foram relevantes para um entendimento dos ideais da CFS através da instituição que a promoveu.

Outras fontes primárias foram os boletins, relatórios e informativos da LDN. Os boletins e informativos da LDN foram coletados junto à sede regional da LDN localizada na Avenida João Pessoa, 567 (bairro Centro). Contudo esses boletins datam dos anos 80, 90 e 2000 sendo importantes para o entendimento dos objetivos da LDN para com a CFS e como se constituiu a CFS nos anos mencionados. O *site* da LDN (<http://www.ligadadefesanacional.org.br>) estava em construção no início da busca de informações, sendo liberado com informações sobre todas as edições da CFS no final de 2006. Cabe ressaltar que os problemas de acesso a esse *site* são constantes.

Ao mesmo tempo em que trazem referências primárias, os documentos da LDN apresentam um discurso rígido e pautado, quase sempre nas mesmas referências. Dessa forma, foi comum encontrar as mesmas citações em diferentes documentos da LDN. Entretanto, utilizamos os registros da LDN como a primeira referência no que tange a nomes e números das edições da CFS.

As fontes secundárias foram a Revista do Globo<sup>37</sup>, o jornal<sup>38</sup> Correio do Povo, os almanaques esportivos e obras específicas. Essas fontes constituíram-se em fontes

---

<sup>37</sup> Destacada revista editada no Estado do Rio Grande do Sul, pela Livraria Editora Globo no período de 1929-1967. Segundo Torres (1997) a Revista do Globo aparece para reforçar a imprensa porto-alegrense e completar uma lacuna deixada por fracassados periódicos do mesmo tipo.

primordiais para o entendimento de como se constituiu a CFS na cidade de Porto Alegre no período estudado.

A escolha desta Revista justificou-se pelos seguintes aspectos:

- a) Em sua primeira edição apresentou uma seção sobre os desportos;
- b) Dedicou uma edição especial aos desportos, em 1933;
- c) Estava voltada para assuntos ligados à cultura local e regional;
- d) Meio de comunicação impresso de projeção nacional, que circulou em Porto Alegre (1929-1967);
- e) Foi tema de pesquisa (THORSTENBERG, 1998; TORRESINI, 1999) e fonte documental em literatura (MOTTIN; MOREIRA, 1996); publicidade e propaganda (CASTRO, 1999; GOMES, 2001; SOARES, 2001); história (DALMÁZ, 2001) e Esportes e Educação Física (MAZO, 2004).

A Revista do Globo (RG) se encontra a disposição no *site* ([http://www.ipct.pucrs.br/letras/index\\_allglobo.shtml#revglobo](http://www.ipct.pucrs.br/letras/index_allglobo.shtml#revglobo)), totalmente digitalizada para prévia visualização, porém em resolução baixa para evitar cópias ilegais do material. Para se ter acesso ao material em resolução ótima é necessário possuir o acervo digitalizado em formato CD-ROM. A consulta a esse acervo foi realizada na Biblioteca Central da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) localizada na Avenida Ipiranga, 6681 e nos exemplares disponibilizados pela orientadora do projeto. Foram três fascículos específicos sobre a CFS e mais trinta para o entendimento do contexto do estudo.

As edições do jornal Correio do Povo (CP) foram consultadas no Museu de Comunicação Social Hipólito da Costa, localizado na Avenida Andradas, 959 (Bairro Centro). Foram pesquisadas as edições do mês de setembro entre os anos de 1938-1947. O critério utilizado foi o mês de realização da CFS e os anos das edições estudadas.

---

<sup>38</sup> Os jornais são fontes de consulta passíveis de considerações sobre sua validade, tendo em vista as circunstâncias que envolvem sua produção. O imediatismo do noticiário e a urgência da composição para vendagem no horário previsto não permitem a precisão. Tais fatores geram a superficialidade nas explicações dos acontecimentos, caracterizando a finalidade informativa do jornal. Thompson (1992, p.140-141) alertou que a evidência jornalística pode ser enganosa e imprecisa: "Isto se dá porque raramente têm condições de destrinchar as possíveis fontes de distorção em jornais antigos. Podemos saber quem era o proprietário do jornal e, talvez, identificar seus vieses políticos ou sociais; nunca, porém, se poderá mais do que conjecturar sobre se o colaborador anônimo que redigiu determinada matéria partilhava daqueles vieses".

Nesse sentido devemos lembrar que o Correio do Povo se colocava permanente como instrumento de propaganda política do regime vigente. Tanto nos seus editoriais quanto nas linhas condutoras de suas notícias era possível verificar a aproximação com a figura de Getúlio Vargas e, conseqüentemente, as iniciativas da LDN (TORRES, 1997).

Assim o jornal Correio do Povo foi fonte primordial para o estudo. Primeiramente pelo acompanhamento de todas as edições que compuseram o estudo e, também, por trazer alguns elementos dos ideais do Governo em seus editoriais.

Os almanaques consultados se encontravam a disposição na biblioteca da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS) localizada na Rua Felizardo, 750. Os diferentes almanaques pesquisados foram:

- a) Thomaz Mazzoni (1934);
- b) Thomaz Mazzoni (1939);
- c) Tomaz Mazzoni (1942-1943; 1943-1944; 1945-1946; 1947-1948);
- d) Amaro Jr. (1942; 1943; 1944; 1945; 1946; 1947; 1948; 1949);

Mazzoni (1943-1944) apresentou uma nota sobre a CFS. Amaro Jr. (1947) também se referiu diretamente a CFS. Todos os outros foram utilizados para entendimento do contexto do estudo.

A obra “Aspectos Gerais de Porto Alegre” foi uma das ultimas fontes a serem encontradas. Entretanto se constituiu em importante referência para o entendimento do objeto de estudo. Publicada pelas Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial da cidade de Porto Alegre no ano de 1945 em dois volumes, tem como autor Fortunato Pimentel. Obra possui o carimbo do DIP (Departamento de Imprensa e Propaganda) sugerindo sua aceitação pelo governo e tornando-a uma obra ‘liberada’ para abordar as “iniciativas do seu povo tradicional, no sentido cultural, social, econômico e administrativo” (Prefácio).

Cabe a ressalva que livros autorizados pelo DIP apresentavam uma narrativa nacionalista e integracionista de unidade nacional.

O volume consultado foi o de número 1 que estava localizado junto a Casa de Cultura Mario Quintana, localizada na Rua dos Andradas, 736. Este número trazia oito

páginas com referência ao Núcleo Regional da LDN e suas principais iniciativas, entre elas a CFS. Nessas páginas, além de detalhes sobre a configuração da Semana da Pátria, trazia muitas fotos e cópias de cartazes sobre as edições da CFS. Cabe lembrar que o autor da obra era ligado a LDN o que faz da sua obra um importante meio de divulgação dos ideais propostos por essa instituição.

A última obra especializada consultada como fonte secundária foi "Brasileiros de cabelos loiros e olhos azuis" (DAUDT, 1952). A obra foi doada a biblioteca da Escola Superior de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS) e já era de conhecimento nosso. Entretanto, se tornou relevante por dois aspectos: primeiro pelas informações sobre a CFS e segundo pela dedicatória que se encontra na folha de rosto da obra: *Ao amigo Tulio De Rose como lembrança do Cacalo [José Carlos Daudt]. Porto Alegre, junho de 1953.* Esses dois aspectos reforçaram alguns indicativos sobre as relações entre os dirigentes esportivos que estavam presentes em Berlim (1936) e estavam a frente da CFS.

As fontes impressas consultadas resultaram num primeiro momento em um estudo exploratório que buscava verificar se havia documentação impressa suficiente para responder as questões norteadoras da investigação. A busca de informações para realizar esse estudo foi realizada no período de agosto de 2006 a fevereiro de 2007, tendo em vista a primeira etapa do estudo onde se objetivava entender, especialmente, o contexto nacional e local que favoreceu a invenção da CFS em Porto Alegre. Assim, para além de uma descrição das edições anuais da CFS no período estudado, esse estudo exploratório adquiriu caráter de banco de dados (apêndice A) e poderá servir futuramente para novas investigações sobre as edições da CFS estudadas.

Cabe lembrar que preservamos em todas as citações diretas oriundas das fontes aqui mencionadas, o português da época. Dessa forma podemos encontrar alguns problemas gramaticais se comparamos com a escrita do português dos dias de hoje.

Além disso, utilizamos as fotografias presentes nas fontes impressas para melhor ilustrarmos as idéias apresentadas ao longo dos capítulos. No capítulo de análise, em especial, consideramos que as fotografias eram indispensáveis para o entendimento de algumas questões lançadas, contudo não se buscou utilizar alguma técnica para fazer uma análise de conteúdo especificamente sobre as fotografias apresentadas.

Buscamos ainda disponibilizar as fotografias de forma a não ‘quebrar’ o texto da dissertação, entretanto em alguns momentos, para uma melhor visualização das imagens, essa prática foi necessária.

#### **4.2. As Fontes Orais**

A busca por depoimentos orais num primeiro momento se tornou algo muito difícil para nós. Primeiro porque os usos da coleta de depoimentos orais requerem um cuidado especial, pois a realização de entrevistas “com pessoas que participaram ou testemunharam, acontecimentos, conjunturas, visões de mundo, é uma forma de se aproximar do objeto de estudo” (ALBERTI, 1989, p.01). E segundo porque, para Montenegro (1992), o depoimento oral é uma forma de socialização das experiências e do conhecimento do entrevistado, bem como do reconhecimento de sua identidade cultural.

Nesse sentido delimitar um critério para selecionar os entrevistados requereu o tempo de amadurecimento da proposta do estudo não somente para nós, mas também para os entrevistados. Assim definimos que o critério de escolha dos entrevistados se deu a partir do envolvimento dessas pessoas com a Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria (CFS).

Primeiramente se pensou em um envolvimento direto das pessoas, principalmente atletas, no período de 1938 a 1947 em Porto Alegre (RS). Tínhamos como pressuposto que recorrendo à memória dessas pessoas buscamos diferentes representações, pois nos fornecerão uma versão do passado, devido as suas vivências no momento estudado (PORTELLI, 1997).

Assim a identificação de pessoas a serem contatadas para as entrevistas se deu através das informações buscadas nas fontes impressas que havia resultado no estudo exploratório. Dessa forma conseguimos contato com um ex-atleta que possuía um diploma de participação (anexo A) da CFS em 1945, porém no trecho que percorreu a cidade de Ribeira (SP). A dificuldade em entrevistá-lo pela distância de sua moradia e sendo o seu trecho fora do contexto local, o Senhor Olídio dos Santos não foi entrevistado.



As dificuldades encontradas para localizar essas pessoas participantes dentro dos critérios do estudo aumentavam. Assim publicamos uma reportagem no jornal grande circulação da cidade de Porto Alegre (Zero Hora) na sessão Túnel do Tempo no dia 14 de maio de 2007 (anexo B). Através dessa reportagem surgiram alguns novos contatos.

Alguns familiares de Túlio De Rose, um dos protagonistas da CFS, manifestaram interesse em participar do estudo. Algumas pessoas ligadas aos clubes esportivos de Porto Alegre e a Liga de Defesa Nacional também manifestaram interesse em participar. Ainda fizeram contato alguns tradicionalistas gaúchos, como Paixão Cortes, ressaltando a importância de delimitar as idéias entre Fogo Simbólico e Chama Crioula.

Todos esses contatos serviram para ressaltar a dificuldade que tínhamos para nos aproximar de pessoas que tiveram contato direto com a CFS. Assim o critério de escolha dos participantes passou a ser um envolvimento indireto com a CFS e, principalmente, contato direto com os idealizadores da CFS.

Nesse sentido fizeram parte dos depoimentos orais duas pessoas. Os dois entrevistados serão tratados pelas iniciais *MT* e *HL* ao longo do estudo. *MT* é filho de Túlio De Rose e acompanhou-o ao longo de sua trajetória esportiva e jornalística, incluindo a CFS. *HL* esteve presente como audiência na primeira edição da CFS em 1938 na cidade de Porto Alegre assistindo seu pai a carregar o Fogo Simbólico da Pátria. Além disso, *HL* é ligado ao clube esportivo porto-alegrense Grêmio Náutico União, onde teve contato com Darci Vignoli e tornou-se amigo Túlio De Rose.

A entrevista temática (THOMPSON, 1992; TRIVIÑOS, 1987) foi à técnica de pesquisa utilizada neste estudo. Para a realização da entrevista utilizamos um roteiro relacionado aos objetivos da investigação. O roteiro, de posse do entrevistador durante a entrevista foi flexível à incorporação de novos temas pelos entrevistados.

O roteiro norteador elaborado para a realização das entrevistas apresentou os seguintes tópicos:

- a) Nome completo;
- b) Data de nascimento;
- c) Endereço residencial/profissional e telefone para contato;
- d) Local da entrevista e data da entrevista;

- e) Sobre a invenção da CFS (pessoas, clubes, etc.)
- f) Sobre envolvimento com a CFS (sentimentos, significados, etc.);
- g) Sobre o período do Estado-Novo (política e esporte);
- h) Sobre a participação em outros momentos cívicos;
- i) Duração da entrevista (início e término).

As observações relativas às interferências de outras pessoas alheias a entrevista, reações do entrevistado, seu estado emocional, entonação das palavras, silêncios, pausas, ritmos das fala, atitudes corporais, entre outras situações surgidas no decorrer da gravação foram registradas durante a entrevista no caderno de campo.

Todas as entrevistas foram gravadas (fita cassete em áudio) para a posterior transcrição e análise de conteúdo dos documentos (BARDIN, 2000; MORAES, 1999; TRIVIÑOS, 1987).

O processo de transcrição do depoimento oral para forma escrita englobará as seguintes etapas:

- a) Confecção da cópia de segurança da fita e a fase da transcrição literal do depoimento<sup>39</sup>.
- b) Conferência de fidelidade, na qual o texto digitado é comparado com a fita para possíveis correções de palavras ou frases que não são transcritas. Realiza-se uma limpeza do texto com a abolição de algumas repetições e correção de erros de português e de pontuação, sem que o sentido do texto seja alterado.
- c) Entrega de uma cópia do texto transcrito da entrevista gravada em fita cassete, acompanhado uma fotografia que registra a entrevista, ao entrevistado, pessoalmente, pelo pesquisador.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento – Declaração do Entrevistado (apêndice B), foi lido antes da realização da entrevista pelo entrevistado. Nesse momento ficou-se disponível para esclarecimentos e dúvidas. Estando de acordo com

---

<sup>39</sup> A transcrição parcial ou total do depoimento constitui-se na forma mais corrente de acesso ao documento oral (JOUTARD, 1984). A escola norte-americana afirma a primazia dessa transcrição e, na França, a documentação corresponde à fita, sendo que qualquer prática de transcrição tira-lhe o caráter singular (VOLDMAN, 1996).

os procedimentos da entrevista o entrevistado assinou o Termo autorizando o uso das suas informações na pesquisa.

Todos estes procedimentos que fazem parte da coleta de depoimentos orais foram realizados após a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul onde se tem registrado o estudo com o número 2007739.

A análise de conteúdo (BARDIN, 2000; MORAES, 1999; TRIVIÑOS, 1987) foi apoiada nas fontes impressas e orais descritas anteriormente. Essas fontes foram traços portadores de significados construídos para resolver o problema proposto pelo estudo. “Montar, combinar, compor, cruzar, revelar o detalhe, dar relevância ao secundário” (PESAVENTO, 2004, p.65) foi o método historiográfico utilizado nesse estudo.

A partir desse método, resultaram três categorias estabelecidas *a priori* de acordo com o quadro teórico do estudo: a CFS enquanto tradição inventada; a CFS e a construção da identidade nacional e; a participação dos clubes esportivos na CFS e a construção da identidade nacional. A seguir apresentamos a análise da CFS.

## **5. A CORRIDA DE REVEZAMENTO DO FOGO SIMBÓLICO DA PÁTRIA**

Neste capítulo procuramos analisar o nosso objeto de estudo através de um diálogo entre as categorias do quadro teórico apresentado e as fontes impressas e orais reunidas nessa dissertação. Nesse sentido analisaremos, no primeiro sub-capítulo, a Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria enquanto uma tradição que foi inventada para inculcar valores num período histórico marcado pelo ‘projeto’ de construção de uma forma identitária nacional. No segundo sub-capítulo, procuramos demonstrar que os ‘valores’ que essa tradição inventada engendrava estavam ligados à construção de representação da identidade nacional brasileira na cidade de Porto Alegre (RS). Partindo desse entendimento, no terceiro sub-capítulo focalizamos a Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria no contexto esportivo porto-alegrense, analisando as representações da identidade nacional brasileira construída a partir da participação dos clubes esportivos nessa tradição.

### **5.1. Inventando a tradição**

A Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico (CFS) enquanto tradição inventada teve como data de início o ano de 1938. Essa Corrida surge como uma tradição enraizada no período do Estado Novo (1937-1945) que perdura até os dias de hoje. Vale ressaltar que, durante os 70 anos de existência da CFS, houve constantes recomposições das suas formas simbólicas. Nesse sentido a CFS teve e tem um impacto diferenciado na sociedade porto-alegrense e brasileira devido aos diferentes momentos sócio-políticos que a nortearam desde a sua primeira edição. Nesse sub-capítulo pretende-se categorizá-la enquanto uma tradição inventada a partir dos pressupostos de Hobsbawm (1984; 1988) dentro do recorte temporal estabelecido (1938-1947).

Hobsbawm (1988) refere que as tradições geralmente tidas como antigas são bem recentes e, na maioria das vezes, inventadas. Dessa forma para o autor

O termo tradição inventada é utilizado num sentido mais lato, mas preciso. Engloba as tradições verdadeiramente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas e aquelas que emergem de uma forma

mais dificilmente reconhecível dentro de um período breve e datável – uma questão de poucos anos – e se fixaram rapidamente [...] É evidente que nem todas são igualmente estáveis, mas o que nos interessa principalmente é o seu aparecimento e fixação, mais do que as suas hipóteses de sobrevivência (p.03-4).

Os estudos sobre as tradições inventadas, segundo Hobsbawm (1984) são altamente aplicáveis no caso de uma inovação histórica recente: a nação. Além disso, devemos considerar os fenômenos associados a nação: o nacionalismo, o Estado nacional, os símbolos nacionais, as interpretações históricas, etc. Assim para se estudar o fenômeno nacional adequadamente se faz necessário abordar as tradições inventadas.

A CFS foi construída num período histórico brasileiro onde existia uma preocupação com a construção da nação. Nesse sentido, o Estado Novo (1937-1945) foi um período fértil para a instituição de tradições<sup>40</sup> no país. A CFS é uma das tantas tradições que emergiram neste momento, porém foi formalmente institucionalizada e em questão de poucos anos se fixou rapidamente. Sendo assim, seguindo a orientação teórica de Hobsbawm (1988) analisando a CFS nas questões referentes ao seu 'aparecimento e fixação' e não no que tange a sua sobrevivência até os dias de hoje.

Após estas considerações, os questionamentos que procuramos responder inicialmente foram os seguintes: Como apareceu a CFS? Por que na cidade de Porto Alegre? Por que no mês de setembro? Quem foram seus idealizadores? Qual era o objetivo de uma corrida de caráter simbólico e não competitivo? É provável que nem todas as indagações tenham sido respondidas de forma completa, mesmo fazendo-se várias investidas em busca de fontes documentais. Mas, após uma confrontação das fontes e sua articulação com o quadro teórico, apresentamos uma 'versão' sobre o 'aparecimento e fixação' dessa tradição.

A institucionalização da CFS ocorre em Porto Alegre no ano de 1938 através do núcleo regional da chamada Liga de Defesa Nacional (LDN). A LDN é uma entidade cívico-cultural idealizada por Olavo Bilac em 07/07/1916. O Diretório Central da entidade foi instalado na Biblioteca Nacional na cidade do Rio de Janeiro (LDN, 1983).

---

<sup>40</sup> Um outro exemplo sobre o uso de tradições na questão identitária no período do Estado Novo, sugerimos o estudo de Avancini (2000).

O objetivo permanente da LDN, segundo registro na Ata de fundação lavrada de próprio cunho por seu fundador é:

[...] estimular o patriotismo consciente e cohesivo; propagar a instrução primária, profissional-militar e cívica; e defender: com a disciplina, o trabalho; com a força a paz; com a consciência a liberdade; e com o culto do heroísmo a dignificação da nossa historia e a preparação do nosso porvir (BILAC, 1916 apud LDN, 2006).

Há indícios que Olavo Bilac não foi o único idealizador da LDN, mas seu nome é apontado enquanto tal porque foi ele quem assumiu a responsabilidade de liderar naquele momento a instituição, conforme podemos observar no discurso de instalação do Diretório Central: “os dois organizadores da Liga [Pedro Lessa e Miguel Calmon], por um excesso de generosidade, que não posso explicar e não sei agradecer, além de associar o meu pobre nome aos vossos, quizeram dar-me esta suprema honra [...]” (SAFADY, 1960, p.13).

No que se refere ao objeto de estudo, nesse momento é interessante atentarmos para o texto que segue ao objetivo da LDN em sua Ata de fundação:

O intuito principal dos que nos animam é este: a fundação de um centro de iniciativa e de encorajamento, de resistência e de conselho, de perseverança e de continuidade para acção dos dirigentes e para o labor tranqüillo e assegurado dos dirigidos. O patriotismo individual, a crença pessoal, a consciência própria nunca estiveram ausentes do maior número das almas brasileiras. Mas, esses sentimentos ocillam e vacillam numa vaga dispersão; e, nessa mesma dispersão deploravel, perdem-se e dissipam-se os esforços isolados. *A extensão do território, a pobreza da communicações, o accordo pouco definido de uma federação mal comprehendida, a mingua de ventura em muitos sertões desamparados, a inopia da instrução popular sustentam e aggravam esta desorganização* [grifo nosso]. A descrença e o desanimo prostam os fortes; o descontentamento e a indisciplina irritam os fracos; a communhão enfraque-se. É de protestar e de reagir contra esse fermento de anarchia e essa tendência para desmembramento (BILAC, 1916 apud LDN, 2006).

Esse trecho parece ressaltar que, para além de um objetivo institucional, havia uma necessidade imposta naquele momento, vista pelos fundadores da LDN tendo a frente seu idealizador. Alguns dos problemas do país destacados no período de fundação da LDN remetiam para a *falta de sentimento patriótico*, para a *extensão do*

*território nacional, para a pobreza das comunicações, para a falta de união dentro da federação e para os problemas educacionais.* Mas uma instituição cívica sem fins lucrativos teria como propagar seus ideais em um país com dimensões continentais? A LDN precisaria de apoio político, para além de recursos financeiros a fim de atingir seus ideais nacionalistas. Pouco mais de 20 anos depois da fundação configurou-se um contexto sócio-cultural no país que permitiu a LDN atuar intensamente em prol dos ideais nacionalistas, pelo menos em Porto Alegre.

No período do Estado Novo (1937-1945) existe um fomento ao processo de nacionalização do país e a LDN parece ganhar força, pois estava alinhada com os ideais governamentais daquele momento. Nesse sentido podemos perceber a instalação de Diretórios Regionais e Núcleos Municipais sob a guarda do Diretório Central da LDN. Desta forma, a instituição parece ganhar membros e ‘braços’ para alcançar a sociedade brasileira. Um desses ‘braços’ e, podemos dizer, um ‘braço forte’, foi instalado no Rio Grande do Sul em 12/10/1937.

A escolha do estado do Rio Grande do Sul, talvez esteja ligada a um dos problemas apresentados anteriormente: ‘a falta de união dentro da federação’. Aja visto que o Rio Grande do Sul e, mais especificamente, sua capital, Porto Alegre eram conhecidos como estado/cidade marcados culturalmente pela expressiva presença de imigrantes alemães. Inclusive, Porto Alegre nos anos 20 era conhecida como a ‘cidade dos alemães’ (PESAVENTO, 1994).

A cidade de Porto Alegre, em razão de congregar uma população significativa em termos numéricos de “brasileiros loiros de olhos azuis” (DAUDT, 1952), diferenciava-se do centro do país. Embora, os porto-alegrenses tivessem como referência as grandes metrópoles do país na busca de sua modernização, devido a sua identificação étnica, a cidade também estava atenta aos padrões de ser moderno e das notícias advindas de outro país: a Alemanha.

Para se ter uma idéia desse ‘impacto alemão’, no que tange o nosso objeto de estudo, ressaltamos que a Revista do Globo<sup>41</sup> publicou oito fascículos<sup>42</sup> no ano de 1936

---

<sup>41</sup> Destacada revista no estado do Rio Grande do Sul, editada pela Livraria Editora Globo no período de 1929-1967. Segundo Torres (1997) a Revista do Globo aparece para reforçar a imprensa porto-alegrense e completar uma lacuna deixada por fracassados periódicos do mesmo tipo.

com notícias sobre os Jogos Olímpicos de Berlim. Além disso, cabe destacar que o estreitamento das relações com a Pátria de origem dos imigrantes alemães ocorria desde a segunda metade do século XIX, quando instrutores alemães de ginástica e de outras práticas esportivas vinham atuar nos clubes esportivos de Porto Alegre. Alguns imigrantes e descendentes de alemães, dentre eles ginastas porto-alegenses também viajavam para a Alemanha não apenas para visitarem parentes, mas também para conhecer os institutos de ginástica (MAZO, 2003). Nesse sentido podemos entender que a ida de gaúchos porto-alegenses para assistir esses Jogos de Berlim não foi mero acaso. Essa era uma oportunidade para se ver *in loco* a concepção moderna de sociedade alemã, na qual as práticas corporais e esportivas tinham um papel de destaque.

A busca de padrões modernos não se configurava somente através de notícias. As iniciativas do governo estadual e municipal já haviam começado um processo de mudança no modo de vida dos porto-alegenses. As transformações que Porto Alegre sofreu para se tornar uma cidade ‘moderna’ foi o suporte necessário para a realização de grandes acontecimentos públicos, como as comemorações da Semana da Pátria e a Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria (CFS)<sup>43</sup>.

Entretanto o fato da identidade étnica da cidade estar ligada aos alemães merece destaque, aja visto que foi através da *apropriação* da Corrida de Revezamento da Chama Olímpica que é construída a CFS em Porto Alegre. Nos fascículos destacados da Revista do Globo existe uma preocupação em justificar historicamente a realização dos Jogos e, principalmente, o revezamento saindo de Olímpia para chegar na Cerimônia de Abertura dos Jogos de Berlim.

A reportagem da Revista do Globo intitulada “Eu chamo a mocidade do mundo” destaca o seguinte:

---

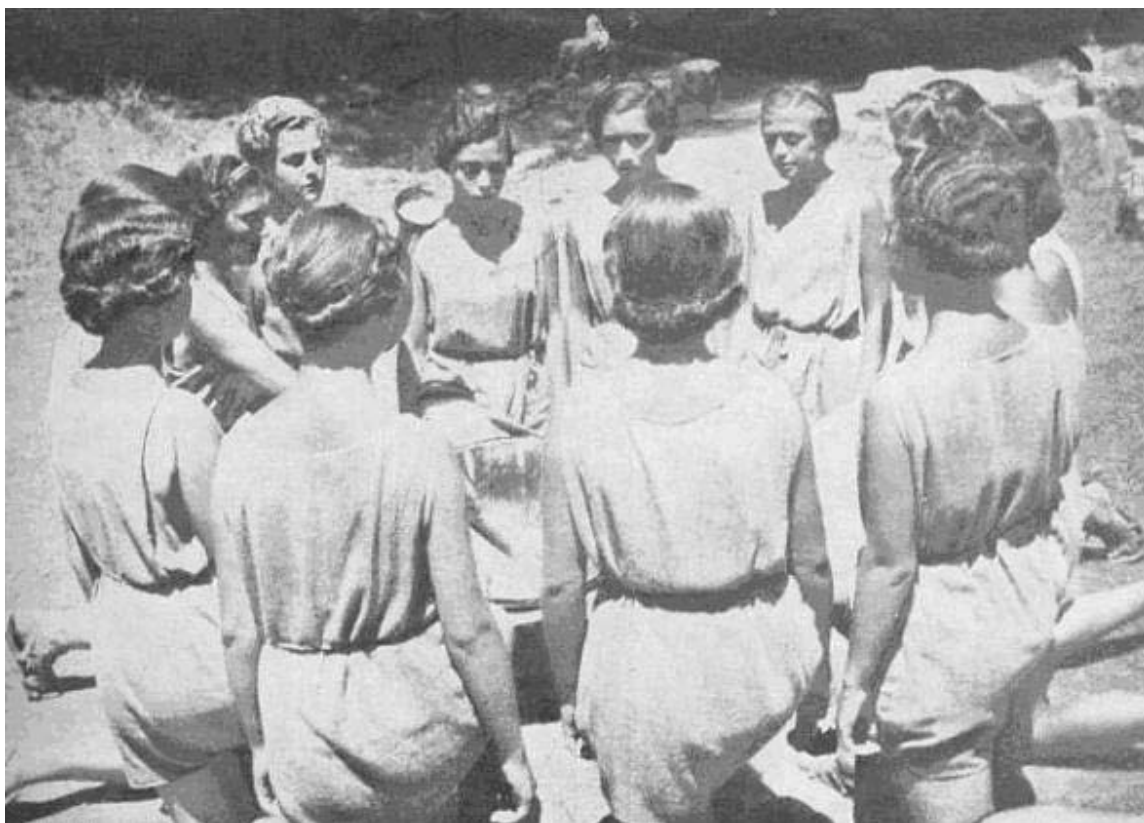
<sup>42</sup> Os fascículos da Revista do Globo que focalizam a temática dos Jogos Olímpicos de Berlim no ano de 1936 são os de número 168, 177, 181, 186, 188, 189, 194 e 195.

<sup>43</sup> Monteiro (1992) lembra que a abertura das avenidas Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros emergem como paradigmas no projeto de modernidade da elite porto-alegrense de integrar as classes populares a ‘sociedade moderna’. Dessa forma, podemos talvez entender o porquê esse seria o palco principal das festividades da Semana da Pátria após a conclusão das obras.



Para a inauguração dos jogos organizar-se-á uma corrida de estafeta que parte de Olímpia, a antiga e sagrada cidade dos helenos, e segue para Berlim através dos países balcânicos. É uma corrida simbólica que se destina a levar de Olímpia a chama de um archote que irá acender em Berlim a grande chama das Olimpíadas [...] A Chama Olímpica que se acenderá em Berlim no dia 1º de agosto será o símbolo do cavalheirismo e da nobreza esportivas, e a demonstração triunfante de uma idéia imortal. Mais de 3000 esportistas conduzirão a chama olímpica, da Grécia até Berlim sob os olhos de milhões de pessoas de várias nacionalidades que serão testemunhas da maior corrida que a História registre (RG, 25/04/1936, p.22).

Outra reportagem que merece destaque foi publicada no fascículo 188 sob o título de “A XI Olimpíada”. Nesta é apresentada um registro histórico acerca dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, que encerra com uma abordagem sobre o mito de Prometeu para ilustrar aos leitores o simbolismo do fogo olímpico (RG, 08/08/1936). Além disso, são apresentadas fotografias da saída do revezamento em Olímpia:



**Fotografia 14 - Acendendo a Chama Olímpica (RG, 08/08/1936)**



Fotografia 15 - A procissão no Templo (RG, 08/08/1936)



**Fotografia 16 - A saída da Chama Olímpica (RG, 08/08/1936)**

Através dessas reportagens os porto-alegrenses tinham contato com a 'modernidade' alemã, expressada, principalmente, através da realização dos Jogos Olímpicos e da Corrida de Revezamento da Chama Olímpica. Nesse sentido, a identificação com os padrões modernos alemães, especificamente no que se referia ao mundo esportivo, pode ter sido um dos elementos que contribuíram para a ida de dirigentes esportivos porto-alegrenses a Berlim em 1936.

Mas quem eram os porto-alegrenses que estavam presentes nos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936? No meio da multidão de espectadores da Cerimônia de Abertura dos Jogos de Berlim, estava presente a delegação da Confederação Brasileira de Desportos (CBD).

Entre os membros da CBD estavam os dirigentes e associados dos clubes esportivos de Porto Alegre: Túlio De Rose e Ernesto Capelli, ambos ligados ao *Club Italiano Canottieri Duca degli Abruzzi*<sup>44</sup> e a Federação Gaúcha de Remo; José Carlos

---

<sup>44</sup> Conforme referido anteriormente, era conhecido também por 'Clube dos Italianos'. Após o processo de nacionalização passou a ser chamado de 'Clube de Regatas Duque de Caxias' (MAZO, 2003).

Daudt, representante da Liga Atlética Rio Grandense e da *Turnerbund*<sup>45</sup> e Darci Vignoli do Grêmio Náutico União e, posteriormente, membro do núcleo regional (RS) da Liga de Defesa Nacional.

Naquele momento Túlio De Rose estava também como enviado da Empresa Jornalística Caldas Júnior<sup>46</sup>. Conforme depoimento de *HL: Túlio sempre foi um apaixonado pelos esportes, tendo jogado futebol nas equipes secundárias do Grêmio, tendo remado e timoneado no Club Italiano Canottieri Duca degli Abruzzi. Tinha uma memória excepcional das competições e eventos esportivos e seu grande sonho era assistir os Jogos Olímpicos de Berlim. Incluído na delegação da Confederação Brasileira de Desportos – CBD, foi convidado pelo Dr. Breno Caldas, Diretor do Correio do Povo, para enviar reportagens sobre os Jogos. O depoimento de MT informou que Túlio estava apenas encarregado de enviar notícias sobre os Jogos de Berlim, porém ficou impressionado com a celebração e com a Corrida de Revezamento da Chama Olímpica.*

A intensidade emocional causada pela Corrida de Revezamento da Chama Olímpica em Túlio De Rose e na multidão reunida no estádio ressalta a potencialização do que mais tarde se tornaria um dos símbolos dos Jogos Olímpicos da Era Moderna<sup>47</sup>. Além disso, segundo o depoimento de MT: *a delegação gaúcha se entrevistou com o Hitler e, o meu pai [Túlio De Rose], lembra que ele perguntou, porque sabia que no Rio Grande do Sul havia muitos imigrantes alemães, conhecia muita coisa de Blumenau, que sabia que o Rio Grande do Sul era próximo de Blumenau e, deu de presente para o meu pai uma baioneta, um canivete que era uma baioneta [...].* Todos esses estímulos parece ter atingido Túlio De Rose a ponto de conceber “a idéia de fazer uma corrida

<sup>45</sup> Último clube esportivo alemão a se nacionalizar. A partir de 1942 passou a ser chamado de ‘Sociedade Ginástica Porto Alegre 1867’, conhecido como SOGIPA (MAZO, 2003).

<sup>46</sup> Segundo o depoimento de MT: [...] *exceção do futebol que meu pai [Túlio De Rose] não fazia e do basquetebol que era feito por outra personalidade do esporte, o professor Amaro Júnior. Todos os demais esportes eram cobertos pelo meu pai, nos jornais da Caldas Jr., onde ele, por muito tempo, escreveu nos três jornais: Folha Esportiva, Folha da Tarde e Correio do Povo e depois passou a escrever só na Folha da Tarde e no Correio do Povo.*

<sup>47</sup> Juntamente com os Aros Olímpicos e o Lema Olímpico a Corrida de Revezamento da Chama Olímpica é considerada um dos símbolos olímpicos. O revezamento da Chama Olímpica simboliza a ligação histórica dos Jogos, ou seja, ela simboliza o a vinculação dos Jogos Modernos com os Antigos (IOC, 2002b).

semelhante em nossa pátria, unindo os filhos de todos os estados numa reafirmação simbólica da unidade nacional” (AMARO JR., 1944, p.40).

O hiato entre o retorno de Berlim (1936) e a realização da 1ª edição da CFS no ano de 1938 em Porto Alegre, pode ser considerado com o período em que Túlio De Rose ficou buscando formas de viabilizar o projeto da corrida da ‘Chama Olímpica’ em Porto Alegre. Sua atuação como jornalista para o jornal Correio do Povo de Porto Alegre e sua ligação com a Federação Gaúcha de Remo e com o Clube de Remos dos Italianos facilitaram os contatos para levar adiante essa iniciativa. Porém, para realizar uma corrida de caráter simbólico, Túlio De Rose necessitaria enfrentar alguns obstáculos, como estradas esburacadas e sem asfalto, convocar atletas sem oferecer premiação e, principalmente, justificar a importância de realizar uma prática de caráter simbólico, que em um primeiro momento tinha uma relação direta com os Jogos Olímpicos.

Apesar destes aspectos pouco favoráveis a realização da CFS, Túlio De Rose conseguiu depois de dois anos realizar seu ‘desejo’. Essa realização se deu, em grande parte, a relação de amizade que Túlio De Rose possuía com Darci Vignoli, que também esteve presente em Berlim e era membro do Núcleo Regional da LDN e do Grêmio Náutico União<sup>48</sup>. Darci Vignoli, que posteriormente se tornou presidente do núcleo regional foi assim descrito por Pimentel (1945):

Darci Vignoli é o grande presidente, o animador, o homem que fez da Liga de Defesa Nacional a mais bela tribuna cívica da terra gaúcha, presidindo o Diretório Regional em 1939 e de 1941 a 45. Diplomata, homem de sentimentos elevados, de magnífica cultura, cheio de patriotismo sadio, construtor é ele a figura central da entidade que Bilac legou às novas gerações (p.141).

Nesse sentido a ligação entre Darci Vignoli e Túlio De Rose parece ser relevante para afirmar que foi através de Vignoli que Túlio encontrou um aliado que circulava entre os membros da LDN para a realização da CFS.

Segundo o depoimento de HL: *Túlio incentivou aos dirigentes da Liga de Defesa Nacional, especialmente ao presidente e amigo Capitão Darcy Vignoli para a realização*

---

<sup>48</sup> Conforme referido anteriormente, este clube de remo foi fundado por descendentes de imigrantes alemães em 1906 com o nome de *Turnershaft* (MAZO, 2003).

*de grandes eventos esportivos, cívicos e culturais [...] Graças ao seu prestígio [de Vignoli] junto aos órgãos esportivos federais e a sólida amizade com o presidente Getúlio Dornelles Vargas, foi possível consolidar a Corrida do Fogo Simbólico no Brasil, sempre organizada e dirigida por Túlio De Rose.*

*E segundo o depoimento de MT: Neste panorama, eu penso, deve jogar um papel muito importante o então Comandante e, depois, mais tarde, General Darci Vignoli que era Chefe de Polícia em Porto Alegre, era homem de proa do Estado Novo e era esportista, foi presidente do Grêmio Náutico União, a família dele constituída de vários atletas laureados do Grêmio Náutico União e deve ter feito essa ligação que permitiu, por exemplo, a pessoas com poucos recursos, como era o caso do meu pai, ir a Berlim para assistir aos Jogos Olímpicos, provavelmente com algum auxílio governamental. Quando o pai volta, ele então começa a trabalhar no jornal [Correio do Povo] e traz a idéia do Fogo Simbólico.*

Ambos contaram com o apoio do Major Ignácio de Freitas Rolim. O Major Rolim parecia sempre estar à frente das realizações esportivas realizadas pelo governo<sup>49</sup>, sendo assim, ressaltamos que ele estava à frente do Núcleo Regional (RS) da LDN em 1937 e 1938. Ele oficializou a realização da 1ª CFS em 1938, como uma cerimônia que abria as comemorações da Semana da Pátria na cidade de Porto Alegre. O Diretório Regional da LDN já havia realizado em 1937, sob os auspícios do Major Ignácio de Freitas Rolim, comemorações referentes à Semana da Pátria, porém sem a CFS. O major esteve à frente da organização das comemorações da Semana da Pátria entre 1937 e 1938 (PIMENTEL, 1945).

Pimentel (1945) refere que: “Deve-se à figura dinâmica e patriótica de Túlio de Rose o exito crescente das grandes corridas de revezamento da Liga de Defesa Nacional, sempre organizadas e dirigidas por êle, com exito invulgar” (p.141). Porém é interessante ressaltar que Túlio De Rose tinha a liberação da Empresa Caldas Junior para se afastar e realizar a CFS. Segundo o depoimento de MT: *isso tudo acontecia dentro de uma organização que era inicialmente feita através do trabalho de meu pai [Túlio De Rose] e de outros, mas que acabou ficando só o pai mesmo, pela facilidade que ele gozava, diante dispensa que lhe concedia o Breno Caldas. Havia outros, como*

---

<sup>49</sup> Para um maior entendimento ver Castro (1997).

*o Ernesto Capelli, falam que meu pai, embora fosse quase irmão do Capelli, não se entendia com ele na organização, mas eu acho que não. Acontece que o Capelli era um homem que tinha um negócio próprio, eu acho que ele não tinha condições que o meu pai tinha de poder largar dois, três meses por ano sua atividade e andar no Brasil inteiro organizando o Fogo Simbólico, sem um grave prejuízo para sua família, pois ele não era um homem rico.*

Nos Boletins Informativos da LDN (set/out, 1998; jul/ago/set/out, 2000) consta que a CFS foi institucionalizada pelo Núcleo Regional e idealizada pelo major Ignácio de Freitas Rolim e pelo jornalista Túlio De Rose. Entretanto no resumo histórico da LDN (2006) a CFS é tratada da seguinte forma:

O FOGO SIMBÓLICO DA PÁTRIA surgiu da idéia de um grupo de patriotas gaúchos que buscava um símbolo que representasse o ardor patriótico do povo brasileiro. A lembrança do FOGO, que vem acompanhando o homem desde os primórdios da sua evolução e a presença da Chama Olímpica, unindo raças, fizeram com que ELE fosse escolhido como símbolo. Conhecendo a escolha e tendo integrantes seus entre os que trabalharam a idéias, foi ela acolhida e ampliada tornando-se uma Corrida de Revezamento, que se desejava percorresse todo o chão da Pátria e que se chamaria CORRIDA DO FOGO SIMBÓLICO DA PÁTRIA (LDN, 2006).

A partir desses contrapontos sobre o *aparecimento* da CFS, começamos a analisar as justificativas apresentadas para esse *aparecimento*. Nesse sentido Hobsbawm (1988) afirma que

A utilização de materiais antigos na construção de tradições inventadas de um tipo novo e com objetivos totalmente diferentes, é ainda, mais interessante. Grandes quantidades de tais materiais acumularam-se no passado de qualquer sociedade e, uma linguagem elaborada de prática e comunicação simbólica está sempre disponível (p.08-9).

Dessa forma a justificativa para o *aparecimento* da CFS em 1938 estava muito atrelada a essa relação histórica que foi estabelecido a ela. Como vimos anteriormente surge a idéia do *fogo*, por se tratar de um elemento natural que “vem acompanhando o homem desde os primórdios da sua evolução” e por sua presença no Movimento

Olímpico na forma de Chama Olímpica que tinha como objetivo a “união das raças” (LDN, 2006).

Nesse sentido outras obras ‘oficiais’ da LDN (SAFADY, 1960; 1971) que foram consultadas sustentam essa idéia, pois ao permitirem a publicação de crônicas, poemas e escritos dos chamados nacionalistas sobre a CFS reforçam as justificativas de *aparecimento* da Corrida. Um exemplo disso pode ser observado na relação feita pelo General Benício da Silva na obra da LDN que trata da CFS (SAFADY, 1960, p.26):

Fogo Simbólico da Pátria: Tua expansão não tem limites. Ela vai de Sul a Norte, de Leste a Oeste, pelas imensuráveis extensões deste Brasil imenso.

E se alguém tiver a audácia de tentar agarrar-te, explodirás em torpedo, em metralha, em granada, em mina e farás sucumbir a quem te pretender enegrecer em trevas, te congelar o invencível calor.

E se a fôrça te supuzer dominado, apagado, extinto, farás como Fênix e renascerás das próprias cinzas e serás chama, labareda, fogueira, incêndio, queimada e explodirás em vulcão.

Assim é alma do Brasil que sintetizas, fogo simbólico da Pátria!

Observamos que o General Benício da Silva remete o fogo como elemento invencível capaz de ressuscitar quando morto e percorrer todo o território brasileiro como que acendendo essa chama no interior de cada brasileiro. Já para a sociedade porto-alegrense em geral a relação histórica do fogo aparece no jornal. No jornal *Correio do Povo*<sup>50</sup> observamos os discursos das autoridades referentes à ligação histórica. Porém entendemos que a série de três reportagens complementares publicadas em dias diferentes com o título de “Fogo da Pátria” exemplifica melhor essa busca por justificção histórica. Essa ‘matéria’ foi assinada por João Henrique, pois estava na sessão “Editoriais”, onde pessoas eram ‘convidadas’ a escrever sobre assuntos diversos.

Destacamos que na reportagem inicial trazia a idéia do que seria desenvolvido:

---

<sup>50</sup> Sabemos que no período do Estado Novo (1935-1947) foram criados diversos mecanismos de controle e repressão. Por isso entendemos que as reportagens publicadas no jornal estavam em consonância com os ideais dos governadores e conseqüentemente da LDN. Além disso, devemos lembrar que o *Correio do Povo* se colocava permanente como instrumento de propaganda política do regime vigente. Tanto nos seus editoriais quanto nas linhas condutoras de suas notícias era possível verificar a aproximação com a figura de Getúlio Vargas e, conseqüentemente, as iniciativas da LDN (TORRES, 1997).



O fogo foi sempre symbolo da luz, da força destruidora, do calor e da vida activa. De ahi vem o facto de ter ele sido objecto de culto nas principais nações do mundo. Na aurora da civilização já o fogo desempenhava importante função no lar e nos templos. Tão antigo quanto o homem, vemol-o nos primitivos mhytos (CP, 07/09/1938, p.05).

Portanto, justificava, ressaltando a importância do culto ao fogo em Porto Alegre (Brasil), com referências aos mitos nas diferentes nações antigas, como Índia, Egito e, principalmente, Grécia por ser um mito 'ocidental'. Nesse sentido vale a referência do autor, dizendo que, as “festas para o fogo que tiveram grande repercussão na antiguidade”, eram chamadas de *Lampadophorias*.

Na segunda reportagem publicada o autor inicia lembrando das menções feitas aos mitos da Índia e Egito para lembrar ainda os mitos sobre o fogo na Babilônia e na China antiga sempre destacando o caráter religioso dos significados mitológicos. Retorna a Grécia antiga para fazer menção a uma prática dessa civilização que constituía em levar o fogo da metrópole para os lares dos “colonos”. Ou seja:

O Fogo da Pátria constituía um penhor de submissão e reconhecimento, prestado permanentemente a metrópole. Sem nunca se extinguir, symbolizava a gratidão perpétua para com aqueles que haviam estabelecido a mesma linguagem e a mesma religião nas novas paragens (CP, 09/09/1938, p.05).

Para finalizar a ultima reportagem destaca o fogo na concepção Romana e sua estreita ligação com a religião, mesmo após a entrada do cristianismo:

Estabelecido o christianismo no império romano, a sua lithurgia não desprezou o fogo. Os círios, as brasas bentas, as vellas acesas e as lâmpadas, de luz permanente, são o testemunho do apreço em que esse imprescindível elemento é tido pela nova religião (CP, 11/09/1938, p.05).

Logo após o destaque é feito sobre as “lâmpadas de luz permanente” tanto no ocidente quanto oriente e, também entre os judeus. Para finalizar a série das três reportagens o autor escreve: “O fogo da pyra de Porto Alegre, symbolizando a chamma ardente do patriotismo, exprime a fé que todos temos nos gloriosos destinos do Brasil” (CP, 11/09/1938, p.05).

Para compreendermos as citações acima retomamos Hobsbawm (1984):

Não nos devemos deixar enganar por um paradoxo curioso, embora compreensível as nações modernas, com toda sua parafernália, geralmente afirmam ser o oposto do novo, ou seja estar enraizadas na mais remota antiguidade, e o oposto do construído, ou seja, ser comunidades humanas, “naturais” o bastante para não necessitarem de definições que não a defesa dos próprios interesses (p.22).

Dessa forma, realizar a CFS seria apenas uma ‘continuação’ de algo já estabelecido no passado das grandes civilizações históricas e vencedoras. O padrão de referência ocidental a Grécia antiga estabelece, para além dos mitos, uma referência patriótica dos gregos com sua terra. Além disso, o padrão Romano fica identificado com a religião católica, estabelecendo assim ‘uma ligação histórica e sagrada’ para a CFS.

J. Antunes de Matos na obra da LDN sobre a CFS busca fazer essa relação quase que religiosa entre o fogo e a Pátria em dois diferentes momentos. Primeiro escreve:

Creio no Fogo Sagrado aceso na Pira da Pátria! Sinfonia de luz, apoteose de chamas quentes, iluminando o seio da noite, numa orquestração inspirada e numa revelação sadia da grandiosidade de um povo heróico e justiceiro, unido sob o símbolo esplendoroso do Pavilhão Auri-Verde, acenando a todos o nome glorioso do BRASIL! (SAFADY, 1960, p.30).

Algumas páginas depois, segue registrando:

Há raios de luz e tesouros infinitos no meio das nossas entranhas!  
 Há florestas de idéias e montanhas de fé no meio da nossa carne!  
 Há sóis infinitos de luz no clarão de nossas almas!  
 E a bandeira da Pátria, tremula festiva na exaltação desse Templo Cívico que a vida anima na limitação de cada um de nós.  
 Cremos todos nesse FOGO SAGRADO aceso em cada um de nós, na Pira do Coração, onde as flamas de Brasilidade atestam nosso grande Amor Cívico num canto de Fé a NOSSA PÁTRIA! (SAFADY, 1960, p.38).

Nessas citações temos o Fogo Simbólico da Pátria como um culto, algo religioso que ilumina, aquece e une as pessoas em devoção ao seu país. A justificativa da tradição se estabelece no sentido que o fogo é algo que está dentro de nós, pronto para despertar, basta queremos, ou seja, algo inato do ser humano.

Cabe aqui nesse momento resgatarmos alguns detalhes da 1ª CFS para refletirmos sobre a presença do elemento fogo e sua construção como elemento de ligação histórica-sagrada. A 1ª CFS ocorreu no ano de 1938 saindo dia 31 de agosto às 21 horas da primeira capital gaúcha, Viamão (RS) e, chegando, à zero hora do dia 1º de setembro, na Pira da Pátria<sup>51</sup> localizada no Parque Farroupilha em Porto Alegre (RS) (CP, 01/09/1938).

Esse percurso de 26km<sup>52</sup> (LDN, 2006) foi realizado por diferentes atletas sendo que o atleta universitário Melchiades Soares foi o primeiro a conduzir o archote. “Hugo Ribeiro, o popular Tró-ló-ló, desce a conhecida ‘Lomba do Sabão’, conduzindo o archote, entregando-o, na divisa de Porto Alegre, no Passo do Sabão, ao corredor Mario Rosa” (CP, 01/09/1938, p.11). No Parthenon “entra na faixa de cimento conduzindo a tocha o atleta gremista Casemiro Marinho” (CP, 01/09/1938, p.11). Depois da parada, foi reiniciada a Corrida, tendo levado o archote até a avenida João Pessoa o atleta Carlos Alencastro, que nesse ponto, entrega para Otto Ritter<sup>53</sup>, que, “ao som das businas de inumeros autos segue em direcção á Pyra” (CP, 01/09/1938, p.11).

O jornal Correio de Povo intitulou os atletas que carregaram de “Mensageiros do Fogo Simbólico”, publicando a seguinte fotografia:

---

<sup>51</sup> Pira da Pátria localizada na Rua Luiz Affonso (Parque Farroupilha) construída especialmente para a ocasião (CP, 01/09/1938).

<sup>52</sup> Existem algumas diferenças de quilômetros percorridos nesta 1ª edição: 36km (AMARO JR., 1944, p.40); 21km (AMARO JR., 1947, p.12). Porém vamos utilizar sempre como referência inicial às informações obtidas na LDN por se tratar da entidade que institucionalizou a CFS.

<sup>53</sup> Otto Ritter (decatleta gaúcho) acendeu o fogo na Pira da Pátria em 1938 (SAFADY, 1960, p.66).



**Fotografia 17- Mensageiros do Fogo Simbólico (CP, 01/09/1938, p.11)**

Fazendo a referência histórica e sagrada necessária no *aparecimento* da 1ª CFS devemos observar que sua partida foi da cidade de Viamão (RS), mais especificamente, da histórica capela da antiga capital gaúcha onde “ainda arde uma lâmpada votiva acesa por heróicos guerrilheiros farrapos” (AMARO JR., 1944, p.40). A ligação histórica e sagrada para invenção da tradição fica evidenciada neste trecho retirado do jornal Correio do Povo e das seguintes fotografias da Cerimônia de Acendimento da tocha que seguiria de Viamão (RS) até Porto Alegre:

“A’s 21 horas o padre José Breidenbach accende o archote que seria conduzido pelos athetlas porto alegrensens, e que accenderia a pyra na lampada votiva do altar consagrado a N. S. da Conceição, padroeira do Brasil, e que arde ininterruptamente desde 1741” (CP, 01/09/1938 p.11).



**Fotografia 18 - Acendimento do archote (CP, 01/09/1938, p.11)**



**Fotografia 19 – Primeiro atleta a conduzir o Fogo Simbólico (CP, 01/09/1938, p.11)**

Através desse detalhamento da primeira edição da CFS podemos pensar que a questão referente ao *aparecimento* da CFS estava atrelada institucionalmente ao núcleo regional (RS) da LDN e socialmente aos clubes esportivos porto-alegrenses. A justificativa para a realização da CFS estava alicerçada em ligações sagradas e históricas construídas através dos meios de comunicação do período estudado. A partir disso, buscamos a seguir analisar alguns dos mecanismos de *fixação* da CFS.

Para atingir uma *fixação*, Hobsbawm (1984) define que as tradições inventadas devem ser um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas, sendo essas práticas de natureza ritual ou simbólica. Nesse sentido convém pensarmos se não havia regras formais para a CFS. Não encontramos nenhum registro, dentro do período estudado, sobre regras formais e/ou instituídas para a realização da CFS. Parecia sim, haver 'regras tácitas ou abertamente aceitas' para a organização da CFS.

Com base no banco de dados feito para o estudo (apêndice A) podemos identificar elementos comuns e outros que foram variáveis na construção da CFS dentro dos limites do estado do RS. Esses elementos parecem depender da organização na cidade em que a CFS está passando. De acordo com as informações recolhidas, podemos registrar os elementos comuns da CFS: Inicia-se a CFS através de uma cerimônia de acendimento da tocha; logo após existe a passagem da tocha aos atletas; que começam o revezamento pelas cidades; até a chegada na cerimônia de acendimento da Pira.

A 'cerimônia de acendimento da tocha' é o ponto de partida da Corrida. De acordo com as informações adquiridas nas fontes impressas, podemos referir que ela é feita em diferentes locais com ligações históricas-sagradas. A saída é dada por uma autoridade local que passa aos atletas iniciarem o revezamento.

A 'passagem da tocha entre os atletas' é depende da localidade, determinando assim o tempo e quilometragem de cada condutor. Esse por sua vez poderá ser, além de atletas locais, militares (atletas ou não) e/ou colegiais. Na divisa entre cidades a recepção é feita pelos prefeitos, que ao receber a tocha, passam aos atletas para conduzirem até a Pira local e/ou igreja local, normalmente localizado nas praças centrais das cidades.

A 'cerimônia de acendimento da Pira' é o momento final da Corrida. Entretanto, também há acendimento de Pira nas localidades onde a CFS perpassa. É anterior o acendimento da Pira nas localidades o acendimento da 'lâmpada votiva' na igreja local, sendo nesse ponto acontecendo uma cerimônia localizada pela autoridade eclesiástica local. Após essa pequena cerimônia segue para o acendimento da Pira da localidade, feita por um atleta/militar/autoridade local seguido de discurso oficial; logo depois é acesa nova tocha que é levada por atletas/militares/escolares para outra localidade.

O acendimento da Pira de Porto Alegre (ponto final da CFS), parece seguir o seguinte 'protocolo': tocha de posse de um atleta de destaque que aguarda o momento exato (zero hora do dia 1º setembro) para o acendimento da Pira; acesa a Pira, toques de clarins, sinos de igrejas, buzinas, aplausos; salva militar; hino brasileiro e; discurso e/ou oração oficiais. Com o acendimento da Pira da Pátria em Porto Alegre se inicia a comemoração da Semana da Pátria na capital. Todavia, identificamos que se procurava manter esse 'formato' pelas cidades do interior do estado do RS.

Durante a construção do banco de dados (apêndice A) encontramos diversas reportagens que visavam anunciar o início das comemorações pelas cidades do Estado do Rio Grande do Sul. Em Pimentel (1945) há registros de algumas 'solicitações' da LDN dirigidas à sociedade porto-alegrense. Elas nos remetem a uma 'realização com êxito' das comemorações. Entretanto elas se referem às comemorações da Semana da Pátria de 1945 e não expressam, no nosso entendimento, 'regras formais' para a CFS.

Portanto, a *fixação* da CFS parece ter sido estabelecida por regras tácitas nos locais onde perpassava, ou seja, a base da CFS, que era de sair de um ponto e chegar em outro, continuava inalterada, mas nas localidades onde perpassava seu formato era construído pelas autoridades do local. Isso de certa forma mantinha o ineditismo da CFS e fazia com que a comunidade das localidades onde ela perpassava se identificassem com a CFS.

Entretanto não podemos esquecer que a CFS em si buscava atingir um fim. E pensando nesse fim, Hobsbawm (1948) diz que podemos classificar as tradições inventadas em três categorias: a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, *status* ou relações de

autoridade; e, c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento.

Para deixar nítida a diferença entre as práticas antigas e as inventadas, o autor lembra que as primeiras eram práticas sociais específicas e altamente coercivas, enquanto as últimas tendem a ser bastante gerais e vagas quanto à natureza dos valores, direitos e obrigações e que procuravam inculcar nos membros de um determinado grupo “patriotismo, lealdade, dever, as regras do jogo, o espírito escolar e assim por diante” (HOBBSAWM, 1984, p.19). Além dessa diferença, Hobsbawm (1984) refere que as pessoas tomam consciência da sua cidadania a partir de símbolos e práticas semi-rituais (por exemplo, à eleição) que em sua maioria são historicamente originais e livremente inventadas (bandeira, imagens, cerimônias e músicas).

Nesse ponto entendemos que CFS no período estudado é uma tradição historicamente original e livremente inventada e, pode ser considerada uma cerimônia que procurava forjar nos porto-alegrenses a consciência da sua cidadania. Portanto, pode ser categorizada, de acordo com Hobsbawm (1984; 1988) enquanto uma tradição inventada cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento.

Hobsbawm (1984) lembra que os historiadores ainda não estudaram, adequadamente, o processo exato pelo qual tais complexos simbólicos e rituais são criados. O motivo, segundo o autor, pode estar no fato de que é mais fácil ter acesso a fontes de uma tradição inventada ou estruturada por um único iniciador. Quando a tradição é inventada por grupos fechados ou desconhecidos, podem faltar fontes e, além disso, a técnica para a investigação deve estar associada a outras especializadas em rituais e simbolismos.

Nesse sentido podemos perceber ao longo dessa análise que a CFS não foi inventada por um único iniciador. Túlio De Rose e Darci Vignoli podem ser considerados os arquitetos dessa construção, mas não podem ser considerados os únicos que ajudaram a estabelecê-la como tradição. Esse fato poderá nos remeter a alguma dificuldade, porém Hobsbawm (1984) afirma que existem ganhos em estudá-las de uma maneira mais complexa, pois elas são indicadores de problemas e sintomas importantes de um determinado tempo. Assim os estudos de tais tradições não devem



estar fora de contexto, pois ele é que determina a construção da tradição (HOBBSBAWM, 1984).

O contexto nacional no qual foi construída a CFS é o período chamado de Estado Novo (1937-1945), que repercute no âmbito local, a cidade de Porto Alegre. O Estado assume uma característica centralizadora. No terreno cultural, existe uma imposição de um processo de homogeneização cultural no país, estabelecendo assim, um momento propício para acolher a cerimônia da CFS. As peculiaridades desse momento nos remetem a uma análise 'complexa' para perceber quais eram as idéias ou sistema de valores que essa prática cultural em estudo procurava socializar. Para isso buscamos a seguir fazer um diálogo interdisciplinar com algumas noções da História Cultural.

Seguindo a orientação de Avancini (2000), vamos tratar no próximo capítulo as CFS enquanto uma tradição que parece explicitar mais a questão do imaginário social, pois se refere ao estabelecimento de uma prática de natureza simbólica ou ritual, que em sua última instância possui a finalidade de inculcar valores e normas de comportamento através da repetição, estabelecendo uma continuidade com relação ao passado.

## **5.2. Percorrendo a nação, construindo uma identidade**

Neste capítulo procuramos abordar como a Corrida do Fogo Simbólico (CFS) contribuiu para a construção da identidade nacional brasileira no imaginário dos porto-alegrenses. Dessa forma, partimos da premissa apresentada no capítulo anterior, onde a CFS foi uma tradição inventada no período do Estado Novo que buscava inculcar normas e valores através da repetição.

Esse processo de afirmação de normas e valores através da repetição foi analisado durante o período de 1938 e 1947. Cabe lembrar que o controle de qualquer publicação no período do Estado Novo (1937-1945) era feito por órgãos federais, como por exemplo, o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Uma de nossas fontes, o Almanaque Esportivo do Rio Grande Sul organizado por Amaro Júnior, possuía em sua capa a sigla do DIP. Esta e as demais fontes impressas consultadas para este

estudo, provavelmente possuíam o 'aval' do Estado para serem publicadas. Sendo assim, as representações de construção da identidade nacional no imaginário porto-alegrense que dali podem ser extraídas, podem trazer a concepção de quem às criou (CHARTIER, 1994).

No sentido de problematizar o tema, devemos lembrar que a cidade de Porto Alegre nos anos 1930 era conhecida pela forte presença de imigrantes, principalmente alemães e italianos. Assim a idéia de construção de uma Identidade Nacional deveria passar não só por uma 'queima de bandeiras' dos Estados brasileiros, mas também por ações de caráter sócio-cultural nas cidades onde havia a identificação de outras identidades.

Convém também salientar que, o gigantesco aparato burocrático criado pelo Governo no Estado Novo, aliado ao uso de mecanismos de repressão, de coação e de controle ideológico, através da propaganda, de um lado, e de outro, a censura, apartou a sociedade e o Estado. E, dessa forma formava-se um 'fosso' de distância entre a sociedade e o Estado (BARROSO, 1999).

Era necessária a invenção de algumas 'práticas' que reconstituíssem o elo entre o Estado e a sociedade. O Estado Novo procurou de várias formas demarcar seu projeto histórico junto à população brasileira. Uma das estratégias de reforçar a idéia de nação na população brasileira foi às comemorações de datas oficiais.

Pesavento (1991, p.72) afirma que "sob o tema cadente da 'brasilianização' do país, da busca do progresso e da modernidade com base numa harmonia social, o estado desenvolve sua ação interventora, na cadência dos desfiles militares e das paradas da mocidade". Assim, o período do Estado Novo constituiu-se no mais profícuo na invenção de rituais e comemorações destinadas a partilhar mitos e memórias comuns afirmando um 'novo' Brasil, uma 'nova' nação, numa construção da identidade nacional.

Smith (1997) nos auxilia dizendo que a identidade nacional e a nação são construções complexas, compostas por uma série de componentes interligados, como étnico, cultural, territorial, econômico e político-legal. Dessa forma elas exprimem os laços de solidariedade entre membros de comunidades, unidos por memórias, tradições

e mitos partilhados que podem ou não ter expressão nos seus próprios estados, mas totalmente diferentes dos laços puramente legais e burocráticos do estado.

A CFS estava inserida nesse processo de construção de uma identidade nacional brasileira, pois essa tradição reforçava os laços de solidariedade entre os membros da sociedade partilhando mitos e memórias comuns. Neste sentido a CFS no período de 1938 a 1947 procurou construir uma representação de ‘coesão’ ou ‘unidade nacional’ no imaginário porto-alegrense. Essa representação se dava principalmente pelo formato de ‘percorrer a nação’ – as cidades brasileiras – trazendo o Fogo da Pátria até a capital do Estado do Rio Grande do Sul – a cidade de Porto Alegre.

O quadro 2 demonstra o ano das edições da CFS e a relação dos quilômetros percorridos de nação até a cidade de Porto Alegre.

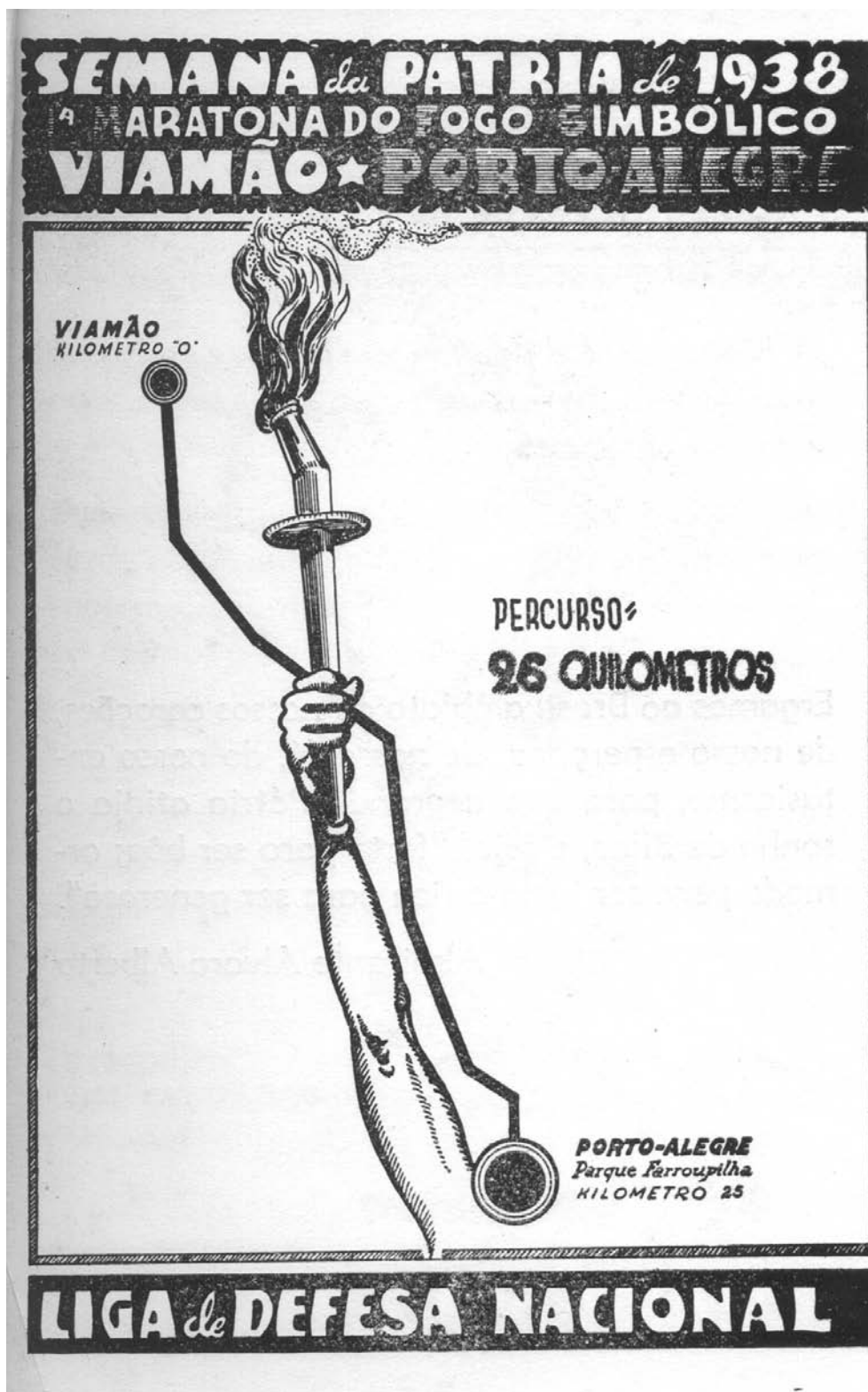
| Ano das edições | Local de saída  | Km percorridos <sup>54</sup>  |
|-----------------|---|-------------------------------|
| 1938            | Capela de Viamão (RS)   | 26km<br>36km<br>21km          |
| 1939            | Catedral de Rio Pardo (RS)                                      | 411km<br>299km<br>296km       |
| 1940            | Catedral Florianópolis (SC)                                     | 599km<br>697km                |
| 1941            | Igreja da Boa Morte em São Paulo – Monumento do Ipiranga (SP)   | 2.123km                       |
| 1942            | São João Del Rei em Tiradentes (MG)                             | 3.974km                       |
| 1943            | Basílica de Salvador (BA)                                       | 4.639km<br>4.400km<br>5.000km |
| 1944            | Igreja de N.Sra. dos Prazeres em Recife – Monte Guararapes (PE) | 6.367km<br>6.279km            |
| 1945            | Monte Castelo (Itália)  | 6.370km<br>6.367km<br>5.279km |
| 1946            | Tumulo de Roosevelt no <i>Hyde Park</i> Washington (EUA)        | 5.459km<br>7.100km            |
| 1947            | Cemitério de Pistóia (Itália)                                   | 3.535 km                      |

**Quadro 2 - Edições da CFS**

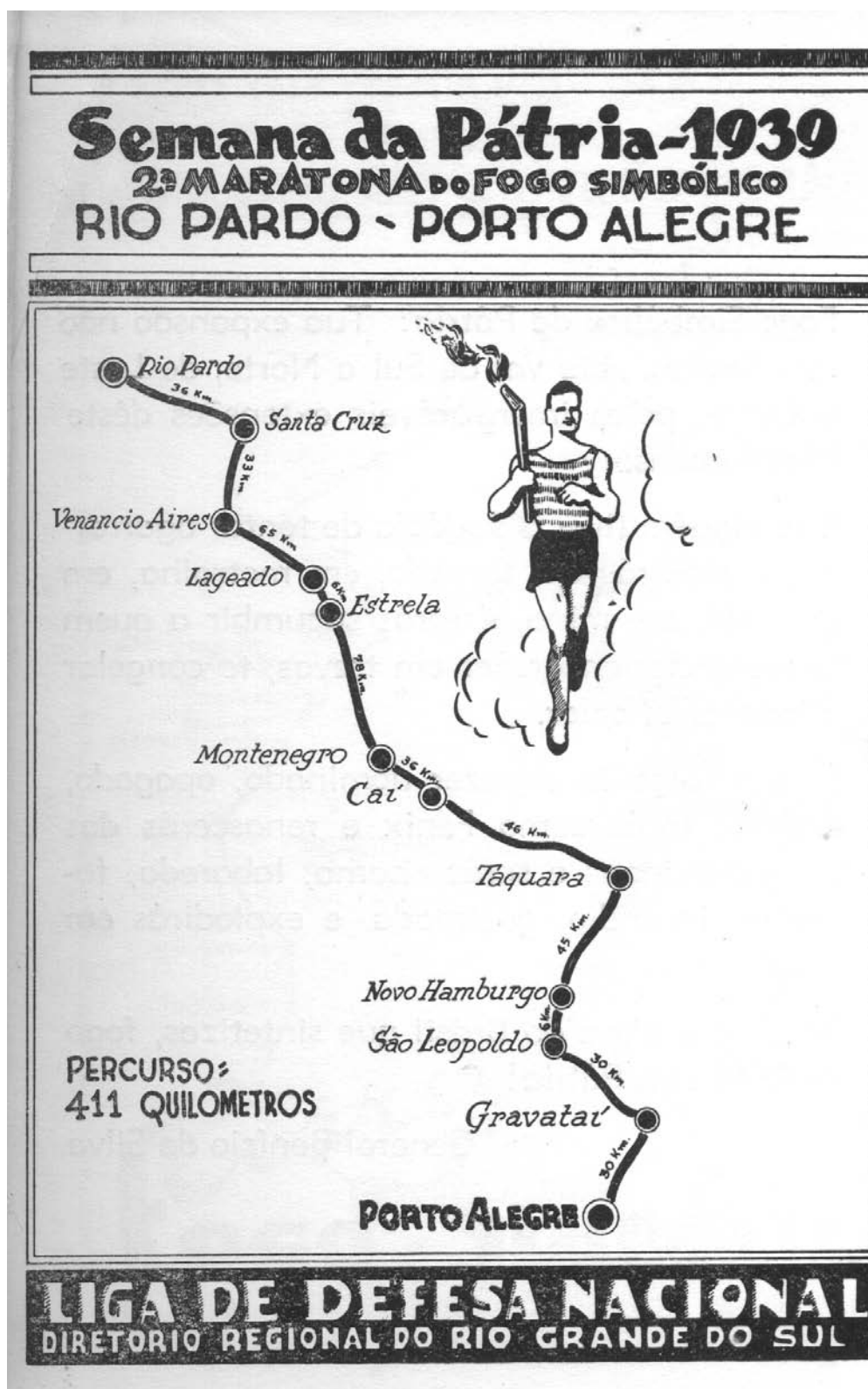
<sup>54</sup> A discordância de quilometragem se difere em alguns anos devido as diferentes fontes. Nesse estudo se adotou como primeira informação as provenientes da instituição que promovia a CFS a Liga de Defesa Nacional. Para um detalhamento sobre as diferenças de quilometragem remeter ao banco de dados (apêndice A).

Através do quadro podemos observar que o Fogo da Pátria se constituía em 'algo simbólico' pelos valores agregados ao seu acendimento. Dessa forma a representação de unidade e coesão era reforçada pela construção de 'memórias comuns' no imaginário dos porto-alegrenses. Segundo Smith (1997) a "nação é uma comunidade de mitos e memórias comuns, tal como o é uma etnia" (p.58). Nesse sentido a CFS procurava construir à população uma cultura com características próprias evocando um passado comum a todos.

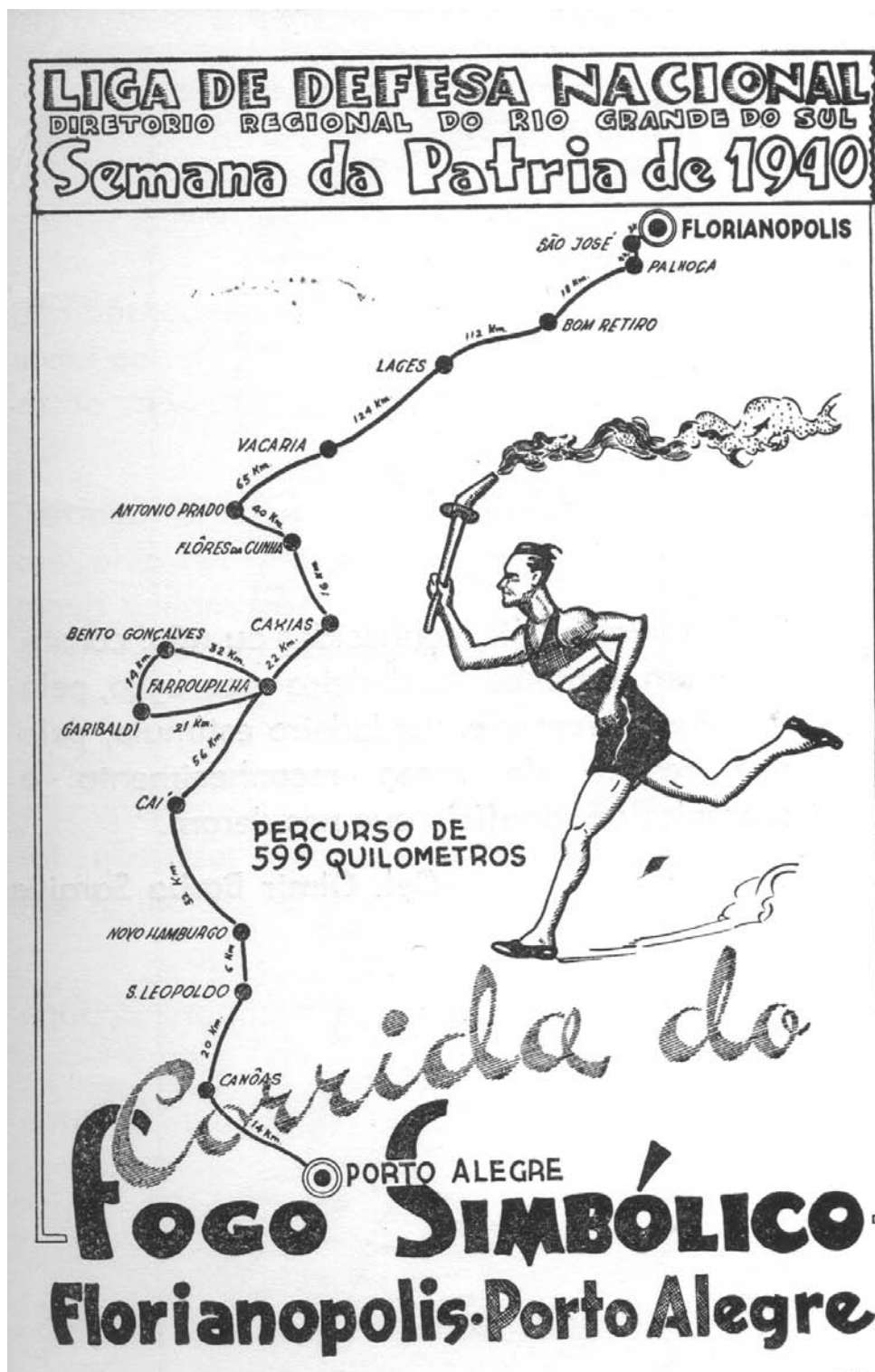
Podemos perceber a construção da representação de unidade e coesão nacional, também através dos cartazes que procuravam divulgar a CFS na cidade de Porto Alegre. A produção desses cartazes pode ser pensada como uma estratégia para inculcar na população mitos e memórias comuns, reforçando a identidade nacional. Não bastava construir representações, era fundamental que fossem compartilhadas por todos. Abaixo os cartazes da CFS de 1938 a 1947:



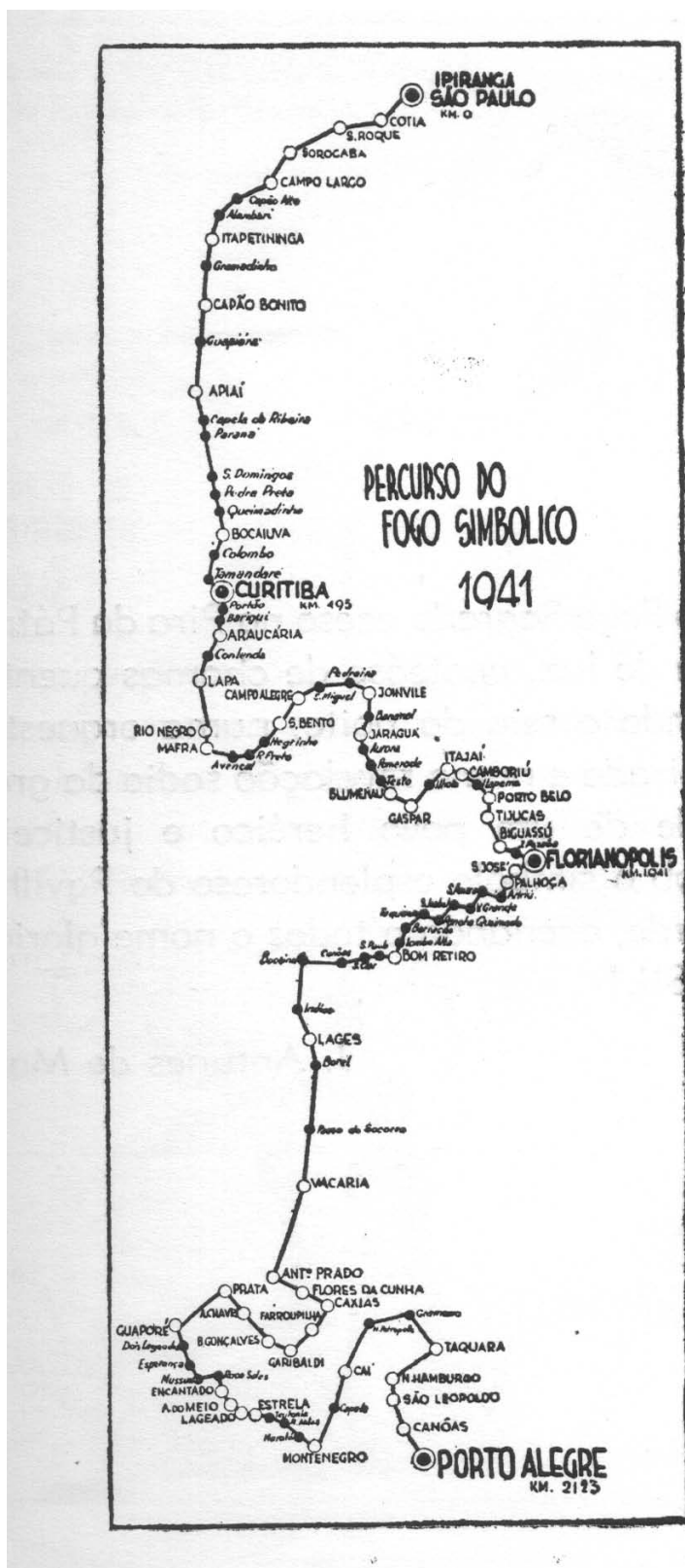
Fotografia 20 - Pôster da CFS no ano de 1938 (SAFADY, 1960)



Fotografia 21 - Pôster da CFS no ano de 1939 (SAFADY, 1960)



Fotografia 22 - Pôster da CFS no ano de 1940 (SAFADY, 1960)



Fotografia 23 - Pôster da CFS no ano de 1941 (SAFADY, 1960)







# SEMANA DA PÁTRIA DE 1944

## Corrida de Revezamento "FOGO SIMBÓLICO"

**LIGA DE DEFESA NACIONAL**  
**DIRETORIO REGIONAL DO R.G. DO SUL**

**Vidal de Negreiros**

**Peti**

**Henrique Dias**

**João Fernandes Vieira**

**PORTO ALEGRE. 6.367 QUILOMETROS**

**BATALHA em GUARARAPES 19 de Setembro de 1680**

O domínio holandês, fixando-se em vasta porção do território pernambucano, durante o período colonial, serviu para alertar a consciência brasileira e por em armas a nacionalidade em formação.

Na luta para expulsar o invasor, naquela jornada épica que sagrou tantos heróis, teve expressão, pela primeira vez, aquele sentimento que ma tomar-se realidade com o Sete de Setembro.

Nos campos de Pernambuco, o Brasil adolescente cresceu e ganhou maioridade, porque foi ali que os nossos soldados garantiram a sobrevivência da Pátria, do seu território, da sua língua, das suas tradições.

**GUARARAPES!** Esse nome evoca todo um passado de sacrifícios e de renúncias. Foi no solo amovível dessa colina que os nossos maiores tiveram a intuição do que havíamos de ser.

E, será agora em Guararapes, num ímpeto de amor aos que tombaram pela nossa causa, que acenderemos o Chama Simbólico da Pátria, para ser trazida, por mãos brasileiras, até o extremo Sul.

Em sua caminhada pelo território brasileiro, esse fogo simbólico, vai de iluminar os nossos caminhos, os altos e puros caminhos por onde marcha o Brasil imortal.

ILUSTRAÇÃO DE MARCIO NERY

Fotografia 26 - Pôster da CFS no ano de 1944 (SAFADY, 1960)

# SEMANA DA PATRIA DE 1945

## Corrida de Revesamento "FOGO SIMBOLICO"

*Comemorativa a Vitória das Armas Aliadas*

**"FOGO SIMBÓLICO DA PÁTRIA"**

Prova de revejamento Natal, Porto Alegre, conduzido à "Archole da Vitória", acso em Monte Castelo

General Mascarenhas de Moraes, comandante das Forças Expedicionárias Brasileiras, vai acender o "Fogo Simbólico da Pátria" em Monte Castelo, no local onde os nossos soldados venceram uma das rudes batalhas da segunda Grande Guerra.

Em avião da Força Aérea Brasileira, o archote será transportado para Natal, o trampolim da Vitória, daí, conduzido por atletas brasileiros de doze Estados e do Distrito Federal, o Fogo Simbólico percorrerá todo o interior do país, até Porto Alegre.

No capítal riograndense, a chama vai acender a "Pira da Pátria", a hora zero de 1.º de Setembro de 1945.

Esta será a maior prova de revejamento do mundo, realizada em comemoração à Vitória.

**Viva o Brasil!**

*(Organização Nacional do 1.º Ano de Defesa Nacional do Rio Grande do Sul)*

# VITÓRIA

**LIGA DE DEFESA NACIONAL**

PORTO ALEGRE 5770 QUILOMETROS    DIRETORIO REGIONAL DO RIO GRANDE DO SUL

Fotografia 27 - Pôster da CFS no ano de 1945 (SAFADY, 1960)





# LIGA DE DEFESA NACIONAL

## DIRETORIO REGIONAL DO RIO GRANDE DO SUL

CEMITÉRIO BRASILEIRO EM PISTOIA (ITALIA)

### FOGO SIMBÓLICO DA PÁTRIA

A memorável prova de "Revesamento de 1947", em homenagem à magna data da Independência do Brasil, vai buscar o Fogo, aceso na chama da bravura, heroísmo e arrojo dos nossos bravos soldados, que dormem tranqüilos o sobo dos vencedores, no Cemitério brasileiro de Pistoia, na Itália. Lá, no majestoso e deslumbrante vale da Toscana, ao sopé das sorridentes e verdes cordilheiras dos Apeninos, há um pedaço de terra nossa, batizada com o suor e o sangue de nossos expedicionários. Ali, repousam 451 soldados gloriosos da FEB. Através do "Fogo da Pátria", as famílias dos heróis tombados, receberão assim a visita simbólica de seus grandes filhos, cujos feitos, sangue e vida, em páginas de ouro, gravaram em nossa invejável História, áureas datas, que marcam as novas vitórias de nossas armas, a bravura estoica e o heroísmo intrepido de nossa gente.

Neste surgir de uma nova era, o Brasil em péso se levantará para incendiar seus corações na "chama expedicionária" que aí vem, afim de avançarmos sempre mais pelas veredas da União, da Justiça, da Ordem e do Progresso.

MONS. PASCOAL GOMES LIBRELOTTO  
Ex-Ten-Cel. Capelão Chefe da FAB.

# SEMANA DA PÁTRIA

## Pistoia - Rio de Janeiro

## Porto Alegre

**TOTAL: 2.524,5 Kms.**

ATÉ A PIRA 2.123 kms de PISTOIA A ROMA 401,5 kms TOTAL 2.524,5 kms

CORRIDA DA PATRIA DE 1947

Fotografia 29 - Pôster da CFS no ano de 1947 (SAFADY, 1960)

Como podemos observar nas fotografias dos pôsteres, eles nos trazem evidências, como os trajetos que ‘ligam’ as cidades, as quais sugerem a integração nacional. Outro fato que chamamos a atenção nos pôsteres, são as formas como eles divulgam os valores simbólicos agregados, como os heróis nacionais, os locais históricos-sagrados e a idéia de ‘trazer à luz’ cidades até então desconhecidas pela população em geral.

Para Hobsbawm (1990, p.23), os valores simbólicos agregados, contribuem para o patriotismo se converter numa espécie de “religião laica”, com seus “deuses” – heróis, “sacerdotes” – dirigentes, “templos” – as praças e os estádios, “imagens” – os monumentos e “ritos” – festas cívicas. Assim a CFS apresentava deuses (como atletas e vultos históricos), sacerdotes (como autoridades e dirigentes esportivos), templos (como o Parque Farroupilha), imagens (como a Pira da Pátria) e ritos (como a corrida em si e o acendimento da Pira da Pátria).

Além disso, percebe-se que mesmo em alguns pôsteres onde os nomes das cidades são praticamente ilegíveis, eles não são excluídos. A quantidade de lugares percorridos pode ser pensada como uma estratégia necessária para se construir uma representação de unidade. Essa unidade deveria ser independentemente do tamanho e expressão das cidades percorridas, ressaltando apenas que todas elas constituíam o Brasil e eram ‘abençoadas’ pelo Fogo da Pátria.

Essa benção em determinado momento refletiu a condição brasileira no que tange a sua política externa (fotografias 27, 28 e 29). A construção da representação da unidade nacional estava associada também a uma idéia de país vitorioso que contribuiu para a paz mundial sendo aliado dos Estados Unidos da América durante a II Guerra Mundial.

Por outro lado, ao cruzar os diversos municípios do interior do Rio Grande do Sul, que eram conhecidos pelas suas diferentes identidades étnicas reforçava-se a idéia de unidade em torno de uma única identidade: a nacional. Lembramos que, no ano de 1939, a CFS passou por cidades como “Santa Cruz, Venâncio Aires, Lageado, Estrela, Taquari, Montenegro, São Sebastião do Caí, Novo Hamburgo, São Leopoldo” (CP, 01/09/1939). Essas cidades compartilhavam representações culturais de uma identidade teuto-brasileira devido a forte presença dos imigrantes alemães e

descendentes. Sendo assim, a CFS era uma prática cultural que contribuía para difundir os ideais nacionalistas e, conseqüentemente, a construção da unidade nacional, nos municípios do Rio Grande do Sul. Esse fato, de certa forma, poderia contribuir para a construção no imaginário porto-alegrense, a idéia de que existia uma unidade nacional e, que ela perpassava, inclusive, as cidades identificadas por outras identidades.

Nesse sentido Smith (1997) ressalta que para consolidar o seu domínio e a homogeneizar a população numa nação compacta, a classe dirigente procura assimilar minorias étnicas através de um programa educacional de nacionalismo, apoiado por instituições influentes. Com este objetivo a CFS, fomentava idéias de colonização e imagens oficiais da nação as quais toda a gente devia se ajustar. Assim impossibilitaria o aparecimento de quaisquer outras idéias, símbolos ou imagens mentais.

De acordo com Oliven (1986, p.72), o fenômeno da cultura no Brasil esteve centrado “no processo de apropriação de manifestações culturais e sua subsequente transformação em símbolos de identidade nacional”. Assim os eventos cívicos, como a CFS, inscrevem-se entre aqueles que buscam inculcar na memória um acontecimento impondo crenças comuns à população ao traçar imagens fundadoras da nacionalidade. Neste sentido, esses eventos públicos são instrumentos eficazes para atingir o imaginário das pessoas e fomentar uma idéia de unidade nacional.

Assim, a utilização de cerimônias como a CFS, fazem parte de um reforço ao ideal a ser alcançado. Inclusive pode ser pensada como integrante de um programa educacional de nacionalismo e de seus valores agregados. O seu caráter repetitivo serve para recordar os seus cidadãos dos seus laços culturais e seu parentesco político, reafirmando a identidade e a unidade. Além disso, o êxito das cerimônias na construção da identidade nacional, também está ligado as questões estéticas que ela promove, onde os sentimentos de beleza, de variedade, de dignidade e de ternura suscitados pela hábil disposição de formas, massas, sons e ritmos, podem evocar o espírito distinto da nação (SMITH, 1997).

Essa construção de unidade nacional no imaginário porto-alegrense era reforçada pelos meios de comunicação na cidade de Porto Alegre. Além do rádio que



transmitia boletins sobre a CFS (TORRES, 1997), o jornal Correio do Povo exibia em sua seção de informes do interior as passagens da CFS pelas cidades<sup>55</sup>:

*Farroupilha (31/09 C.P.):* “É esperada, hoje as vinte e uma hora, nesta cidade o ‘fogo simbólico’ que, vindo por Cahy, accenderá, a zero hora, a pyra do Altar da Pátria, levantado na cidade de Caxias” (CP, 01/09/1939, p.03).

*Estrela (31/09 C.P.):* “Chegou, hoje as quatro horas da madrugada, a tocha do fogo simbólico, que foi recebida na divisa do município de Lageado [...] Daqui a tocha seguiu as sete horas rumo a villa de Bom Retiro, onde chegou as oito horas” (CP, 01/09/1939, p.03).

*Novo Hamburgo (31/09 por telefone):* “Constitui um verdadeiro acontecimento a passagem por aqui do ‘fogo simbólico’ as 20,30 horas. O archote recebido na divisa deste município com o de São Leopoldo, no lugar denominado de Boa Saúde” (CP, 01/09/1939, p.03).

Esses informes nos meios de comunicação serviam, também, como uma espécie de chamamento para os porto-alegrenses aderirem ao projeto nacional. Podem ser pensados como uma preparação da população para o grande acontecimento: o acendimento da Pira da Pátria. Reforçando essa idéia encontramos 15 solicitações da Liga de Defesa Nacional para a população porto-alegrense se preparar para esse ‘grandioso’ acontecimento. Segundo Pimentel (1945), tinham como objetivo uma ‘realização com êxito’ das comemorações. Apresentamos a seguir as solicitações que referem a CFS:

II – Que todas as Casas de Família, estabelecimentos industriais e comerciais, sociedades, etc. conservem suas fachadas iluminadas, se possível, e acesas as luzes das peças de frente durante as noites de 31 de agosto para 1º e de 7 para 8 de Setembro, pelo menos até às 24 horas.

V – Que todos os moradores da cidade compareçam à Cerimônia do Fogo Simbólico, no Parque Farroupilha, na ocasião em que ali chegar, ou no trajeto pela cidade, vindo de Salvador, capital da Baía, o archote, aceso na Praça Municipal, bem como, também no dia 7 de Setembro, todos se associem às festividades cívicas, mesmo em suas casas, sintonizando seus rádios para as transmissoras locais, que serão ocupadas pelos nossos oradores.

VI – Que à 0 hora do dia 1º de Setembro, os sinos de nossas igrejas, as sirenes dos navios surtos no porto, dos jornais, das fábricas, das

---

<sup>55</sup> Para um entendimento de todas as reportagens publicadas no Correio do Povo no período estudado, observar o Banco de Dados (apêndice A) através das edições da CFS.

locomotivas e as buzinas dos automóveis, onde se encontrarem, toquem vibrantemente, registrando o início da Semana da Pátria.

VII – Que às mesmas horas e nos mesmos dias, todas as Famílias e Sociedades soltem girândolas de foguetes, numa demonstração de regosijo patriótico (PIMENTEL, 1945, p.142).

O fato de deixar as fachadas iluminadas até às 24h do dia 31 de agosto nos remete ao tocante do imaginário. As luzes podem trazer a idéia de todos envolvidos com o acontecimento, ou seja, ‘acordados e sintonizados’ na CFS.

Podemos perceber também através dessas ‘solicitações’ que agregados ao formato de percorrer a nação da CFS estavam os símbolos ‘visíveis’ da nação: as cores verde-e-amarela, o hino brasileiro, as autoridades junto à população e os atletas esportivos. Esses ‘símbolos nacionais’ serviam para construir uma identidade nacional, reforçando e marcando a representação de unidade e coesão do mundo social.

Chartier (2000) lembra que a noção de representação permite articular três modalidades da relação com o mundo social: em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através da qual a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social, exibir uma maneira própria de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objetivadas graças as quais uns representantes (instancias coletivas ou pessoas singulares) marcam uma forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade.

De fato todas essas articulações permeiam a CFS, porém convém chamarmos atenção para aquela que se aproxima mais do objetivo desse estudo. Podemos entender a CFS como uma das práticas que visam fazer reconhecer uma identidade social exibindo uma maneira de ser que significa simbolicamente os desejos e anseios de seus criadores. Assim a análise da composição da cerimônia da CFS tem evidências que apontam nessa direção. Sugere que a CFS é uma prática cultural voltada para a afirmação da identidade nacional, particularmente no nível ideológico do nacionalismo. Ou seja, contribuiu para institucionalizar simbolicamente o nacionalismo, principalmente em razão da forte presença de imigrantes teuto-brasileiros, em Porto Alegre e no Estado do Rio Grande do Sul.

Assim as comemorações esportivas ou não, em determinados níveis, podem ser consideradas os aspectos mais duradouros e poderosos na afirmação de identidades. Tais eventos, como a CFS, encarnam os conceitos básicos do nacionalismo, “tornando-os visíveis e distintos para todos os membros, transmitindo os princípios de uma ideologia abstrata em termos palpáveis e concretos, que suscitam reações emocionais instantâneas de todos os estratos da comunidade” (SMITH, 1997, p.102). Neste sentido, apresentava um forte apelo à reunião, à unificação, à eliminação dos fatores de diversidade da nação, ao patriotismo.

A CFS fazia parte do nacionalismo presente no período do Estado Novo brasileiro, pois sua simbologia divulgava uma doutrina cultural necessária para o contexto nacional e porto-alegrense. A CFS possibilitava que Porto Alegre, uma cidade marcada pela cultura trazida pelos imigrantes alemães e italianos tivesse sua aspiração nacional. Portanto, esta prática cultural foi estratégica para o ‘abrasileiramento’ da população porto-alegrense, composta basicamente por imigrantes, atuando no projeto de nacionalização extra-escolar enfatizando o aspecto cívico-educativo.

Smith (1997) ressalta que a doutrina cultural depende, por sua vez, da introdução de novos conceitos, linguagens e símbolos. Segundo o autor o nacionalismo é um movimento ideológico para alcançar e manter a autonomia, a unidade e a identidade de uma nação. A CFS enquanto prática inventada nesse período ganha relevância por almejar essa doutrina cultural, pois conceitos como autonomia, identidade, gênio nacional, autenticidade, unidade e fraternidade faziam parte da linguagem ou discurso interligado a ela.

Assim sua força enquanto cerimônia se fez por transformar conceitos abstratos do nacionalismo em concretos e palpáveis pela população, fazendo esse elo de pertencimento a doutrina cultural central. Além disso, Smith (1997) ressalta que ela poderia suscitar reações emocionais instantâneas em todos os estratos da comunidade, pois sua divindade seria a própria nação. Através da sua simbologia, a CFS estaria fazendo com que os membros da comunidade participassem da vida, das emoções e das virtudes dessa mesma comunidade, reconsagrando-se, ele ou ela, através deles, ao destino desta. Ao articular e ao tornar tangível a idéia de nacionalismo e os

conceitos de nação, a CFS estaria ajudando a garantir a continuidade de uma comunidade abstrata de história e destino.

A CFS se enquadrava no que Smith (1997) refere como “elos de ligação” entre os indivíduos e as classes para a construção da nação. Esse “elo” se deu através de um sentimento fortalecido e exaltado pela sensação de identidade e pertencimento comum. Assim a “nação torna-se um grupo de obra de fé, capaz de ultrapassar obstáculos e adversidades” (p.31).

Pensando nessa obra de fé, Smith (1997) afirma que são as idéias e as doutrinas específicas, entrelaçadas em tradições ressaltadas como antigas, que fornecem o simbolismo e o cerimonial que despertam as mais profundas emoções e aspirações populares. Nesse sentido convém lembrar que a instalação dessa doutrina específica atrelada a doutrina cultural central se dá através das instituições e pessoas ligadas a ela.

A Liga de Defesa Nacional, enquanto instituição oficial e, os dirigentes esportivos porto-alegrenses, enquanto colaboradores desse processo faziam parte da instalação dessa identidade nacional no contexto porto-alegrense. Nesse sentido, a nação e a identidade nacional devem ser vistas como uma criação do nacionalismo e dos seus patrocinadores, sendo a sua expressão e celebração, também elas, obra de nacionalistas (SMITH, 1997).

Dessa forma os clubes esportivos porto-alegrenses na figura dos seus atletas e dirigentes que se associavam a CFS, poderiam estar construindo uma representação de integração do esporte porto-alegrense, antes marcado pelas diferentes etnias, no projeto de construção da identidade nacional brasileira. Essa será a pauta da análise no sub-capítulo a seguir.

### **5.3. Clubes esportivos ‘estrangeiros’ agora são ‘brasileiros’**

Partimos nesse sub-capítulo das idéias apresentadas anteriormente, ou seja, a Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria (CFS) foi uma tradição inventada em Porto Alegre, institucionalizada pelo núcleo regional da Liga de Defesa Nacional (LDN) com o suporte dos clubes esportivos, que representava a unidade e coesão da

nação no imaginário porto-alegrense. Partindo dessas premissas buscamos responder nesse sub-capítulo a seguinte questão: que representações os clubes esportivos porto-alegrenses construíram no imaginário porto-alegrense ao se associarem à prática cultural da CFS? Para responder a esse questionamento devemos retomar, de maneira breve, a forma de articulação dos clubes com a CFS no contexto do associativismo esportivo da cidade de Porto Alegre.

O associativismo esportivo em Porto Alegre, desde meados do século XIX até o final da década de 1930 era fortemente marcado pelas diferentes etnias, que fundaram os primeiros clubes na cidade. Ao longo desse período, os clubes se constituíram em espaços de construção de representações de identidade culturais, principalmente dos imigrantes alemães e italianos e seus descendentes (MAZO, 2003). Assim o panorama esportivo porto-alegrense era composto por clubes, associações, sociedades, ligas, comitês e federações que buscavam exaltar, além das práticas esportivas, diferentes representações da sua matriz cultural.

Com o advento do Estado Novo e, principalmente pela atuação do núcleo regional da LDN, os clubes esportivos de Porto Alegre tiveram que se ‘moldar’ às exigências das ações nacionalizadoras que entraram em vigor no país. Já não eram mais permitidas manifestações culturais identificadas com a pátria de origem dos imigrantes e descendentes. Diante desse contexto podemos inferir que se desencadeou uma ‘luta de representações’ de identidades culturais na cidade, entre os clubes considerados ‘estrangeiros’, pois seus pioneiros eram imigrantes alemães ou italianos, com os vistos de ‘nacionais’.

Os clubes esportivos deveriam demonstrar seu ‘sentimento patriótico’ se engajando nas comemorações da ‘Semana da Pátria’, dentre elas a CFS. O patriotismo dos clubes esportivos era atestado pela LDN, que conferia um diploma de participação para as associações que desfilavam na Semana da Pátria (MAZO e ROLIM, 2007a).

Mas, para além de uma participação, o que representava essa participação dos clubes esportivos nas comemorações da Semana da Pátria? Num primeiro momento parece-nos que os clubes esportivos tiveram que recuperar fragmentos de sua história e inscreverem-se no processo de construção da nação brasileira. Portanto, houve uma

recomposição cultural nos clubes esportivos identificados por imigrantes alemães e italianos (MAZO e ROLIM, 2007b).

A participação dos clubes esportivos na CFS parece estar inserida nessa dinâmica. Devemos lembrar que os dirigentes esportivos porto-alegrenses estavam presentes nos Jogos Olímpicos de Berlim (Alemanha) como uma forma de ver *in loco* a concepção moderna de sociedade alemã, onde as práticas corporais e esportivas possuíam papel de destaque. Ao retornarem a Porto Alegre, esses dirigentes não poderiam construir uma prática cultural alicerçada numa concepção alemã. Nesse sentido a participação dos clubes esportivos na CFS parece ter atingido uma ‘função dupla’ a nível simbólico: a construção da identidade nacional e a preservação dos clubes esportivos.

Para um melhor entendimento dessa ‘função dupla’ devemos retomar alguns pontos. O *aparecimento* da CFS estava atrelado institucionalmente ao núcleo regional da LDN e socialmente aos clubes esportivos. Essa função social merece destaque, pois foi a partir dela que a CFS se *fixou* enquanto tradição. Devido ao fato, de estarem presentes, dirigentes esportivos e atletas dos clubes esportivos de Porto Alegre no cerne da CFS, que se criou no imaginário porto-alegrense à idéia de uma tradição porto-alegrense, ou seja, refletia-se nela a sociedade ‘estrangeira’ porto-alegrense.

A ‘rede de contatos’ que deveria existir entre Túlio De Rose, José Carlos Daudt, Ernesto Cappeli e Darci Vignoli, alguns dos dirigentes de clubes esportivos da cidade de Porto Alegre, pode ter facilitado a participação dos clubes na CFS. Devemos lembrar que Túlio De Rose e Ernesto Cappeli participavam do *Club Italiano Canottieri Duca degli Abruzzi*, entretanto Túlio De Rose *conseguia dispensa de três meses do jornal Correio do Povo para organizar a CFS* (entrevistado MT). Ernesto Cappeli não obtinha das mesmas vantagens em suas atividades, fato esse que o afastou da organização da CFS. Túlio De Rose tinha como amigo próximo Darci Vignoli. Darci Vignoli participava do clube esportivo Grêmio Náutico União e da Liga Náutica, sendo ainda posteriormente membro do núcleo regional da Liga de Defesa Nacional, presidindo o núcleo regional que tinha grande apoio do governo devido *aos laços de amizade dele com Getúlio Vargas* (Entrevistado HL). José Carlos Daudt era representante da Liga Atlética Rio Grandense e participava da *Turnerbund*.

Nesse sentido os dirigentes ao se associarem a CFS *buscavam defender os interesses dos seus clubes, pensando no desenvolvimento do esporte da cidade de Porto Alegre* (entrevistado HL). As medidas de retaliação que muitos clubes sofriam devido às matrizes culturais que possuíam podem ter servido de alerta para que os dirigentes esportivos aderissem aos ‘projetos’ nacionalistas. Assim ao ‘ceder’ seus atletas ao ‘Brasil’ estariam colaborando com a construção da identidade nacional através da CFS e, conseqüentemente, poderiam pensar que estavam aliviando seus clubes das medidas retaliativas impostas pela nacionalização.

O quadro 3 mostra a participação de atletas de clubes esportivos porto-alegrenses na CFS no trecho da cidade de Porto Alegre.

| <b>Ano CFS</b> | <b>Nome do Atleta</b>     | <b>Clube esportivo</b>               | <b>Trecho percorrido</b>  |
|----------------|---------------------------|--------------------------------------|---|
| 1938           | Mario Rosa                | Não foi identificado                 | Passo do Sabão  |
|                | Casemiro Marinho          | Grêmio <i>Foot Ball</i> Porto Alegre | Bairro Parthenon  |
|                | Carlos Alencastro         | Não foi identificado                 | Avenida João Pessoa   |
|                | Otto Ritter               | <i>Turnerbund</i>                    | Acendeu o Fogo na Pira da Pátria                                |
| 1939           | Lauro Kliemann            | <i>Turnerbund</i>                    | Acendeu o Fogo na Pira da Pátria                                |
| 1940           | Antônio Pereira Lira      | Não foi identificado                 | Acendeu o Fogo na Pira da Pátria                                |
| 1941           | Arno Franzen              | Clube de Regatas Almirante Barroso   | Conduziu a tocha da Igreja do Rosário até o acendimento da Pira |
| 1942           | Oscar Barbosa dos Santos  | Não foi identificado                 | Acendeu o Fogo na Pira da Pátria                                |
|                | Antonio Rosa              | Não foi identificado                 | Escoltou o Fogo até a Pira                                      |
|                | Eugênio Carlos Pinto      | Não foi identificado                 | Escoltou o Fogo até a Pira                                      |
|                | Otto Ritter               | <i>Turnerbund</i>                    | Conduziu até a Igreja Nossa Senhora das Dores                   |
| 1943           | Carlos Eugenio Pinto      | Não foi identificado                 | Acendeu o Fogo na Pira da Pátria                                |
|                | Mario Nascimento Medeiros | Não foi identificado                 | Escoltou o Fogo até a Pira                                      |
| 1944           | Darci Jardim              | Grêmio Esportivo <i>Renner</i>       | Acendeu a Pira em Porto Alegre                                  |
| 1945           | Érika Renner              | <i>Turnerbund</i>                    | Conduziu o Fogo até Pira  |
| 1946           | Carlos Montagna           | Não foi identificado                 | Acendeu a Pira em Porto Alegre                                  |
| 1947           | Túlio de Rose             | <i>Canotieri Duca degli</i>          | Carregou a tocha desde  |

|  |  |                |                 |
|--|--|----------------|-----------------|
|  |  | <i>Abruzzi</i> | Pistola, Itália |
|--|--|----------------|-----------------|

### Quadro 3 - Atletas que carregaram a o Fogo Simbólico

É interessante perceber a ‘luta de representações’ que se constituiu através dos atletas envolvidos na CFS. A dinâmica de ‘luta de representações’ pode ser evidenciada na forma como as publicações tratavam alguns atletas. No caso de Lauro Kliemann o jornal Correio do Povo descreve que a honra de acender a Pira da Pátria foi de “Lauro Kliemann da Turner-Bund, campeão sul americano de fundo” (CP, 01/09/1939); Já na publicação da LDN o atleta é: “João Lauro Kliemann - campeão brasileiro de 800 metros” (SAFADY, 1960, p.66). Ao mesmo tempo em que eram heróis da nação e colaboravam com a construção da identidade nacional, eles representavam uma preservação de seus clubes.

Cabe lembrar que os atletas que carregaram o Fogo Simbólico da Pátria entre os anos de 1938 e 1947 eram provenientes dos mais diversos clubes esportivos da cidade de Porto Alegre e se constituíam entre veteranos, universitários, militares, escolares, etc. Contudo a ‘honra’ do acendimento da Pira da Pátria, ou seja, o último portador do Fogo Simbólico da Pátria no revezamento era de um atleta de destaque dos clubes esportivos que representava, nessa ‘luta de representação’, um destaque nacional.

Essa representação de preservação e/ou autodefesa dos clubes esportivos porto-alegrenses pode ser expressa também através dos uniformes que os atletas utilizavam ao percorrer as ruas de Porto Alegre. Podemos observar essas situações na fotografia 17 e nas seguintes fotografias publicadas na Revista do Globo e no Correio do Povo:





**Fotografia 30 – Atletas passam o Fogo Simbólico a Getúlio Vargas (RG, 19/08/1944, p.41)**



**Fotografia 31 - Mensageiros do fogo simbólico em 1944 (RG, 19/08/1944, p.40)**



**Fotografia 32 - Tulio De Rose, Arno Franzen e Ernesto Capelli (CP, 02/09/1941, p.09)**



**Fotografia 33 - Carlos Eugênio Pinto (CP, 01/09/1943, p.08)**



**Fotografia 34 – Otto Ritter na CFS em 1942 (Acervo Memorial SOGIPA)**

Como podemos perceber a idéia dos dirigentes ao elevar esses atletas ao posto de heróis da nação na CFS, atingiu uma dimensão coletiva. Isto é, produziu uma representação de integração do esporte porto-alegrense ao ‘projeto’ nacional, além de atender interesses particulares de preservação dos clubes esportivos. Assim, com essa instituição social feita pelos clubes, a CFS passou a ser reconhecida pelos porto-alegrenses e compartilhada pela coletividade, que a cada ano, no mês de Setembro, renovava seus sentimentos de pertencimento a nação brasileira. Essa seria uma forma de mostrar que um país como o Brasil e, também uma cidade como Porto Alegre, eram capazes de organizar algo diferenciado, aliando o país as ‘modernas’ potências mundiais e a capital do Rio Grande do Sul as grandes metrópoles brasileiras.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS: (re)passando o Fogo Simbólico

O estudo buscou compreender as representações da identidade nacional brasileira que foram construídas pelos clubes esportivos porto-alegrenses, através da invenção da ‘Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria’ (CFS) no período de 1938 a 1947. Para tanto, procurou-se entender o contexto sócio-cultural no qual foi inventada a CFS, que representações da identidade nacional brasileira buscava-se construir com essa prática e qual a participação dos clubes esportivos porto-alegrenses nessa construção.

Nosso olhar analítico sobre a CFS, a partir do referencial teórico da História Cultural, articulada a conceitos de identidade nacional e tradições inventadas, nos conduziu a formular uma versão sobre a invenção da CFS e das representações da identidade nacional brasileira construída por essa prática cultural e pelos clubes esportivos da cidade de Porto Alegre (RS).

Na construção de uma versão sobre o ‘revezamento Berlim – Porto Alegre’ percebemos que a tradição da CFS em Porto Alegre foi uma apropriação da ‘Corrida de Revezamento da Chama Olímpica’ realizada na cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de 1936. Em Berlim, dirigentes esportivos porto-alegrenses que assistiram a chegada da Chama Olímpica ao estádio ficaram ‘tocados’ com a cerimônia. A marcante identidade teuto-brasileira do associativismo esportivo em Porto Alegre, provavelmente favoreceu a presença e a identificação desses dirigentes com as cerimônias realizadas nos Jogos Olímpicos de Berlim em 1936.

Túlio De Rose, Ernesto Cappeli, José Carlos Daudt e Darci Vignoli – dirigentes de clubes esportivos porto-alegrenses – foram a Berlim e, posteriormente, sustentaram a idéia da criação da CFS em Porto Alegre. Provavelmente isto foi possível devido à rede de sociabilidades, em particular as relações políticas que mantinham na cidade. Nesse sentido, considera-se que não apenas o cenário internacional, mas também o panorama nacional favoreceu a construção da CFS em Porto Alegre. Os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, na qual o Brasil se engajou em 1942, colaboraram para o fortalecimento do patriotismo no país e na realização de manifestações culturais, como a CFS.

O panorama político da capital do Rio Grande do Sul foi incrementado com a instalação do núcleo regional da Liga de Defesa Nacional (LDN) em 1937. Iniciava-se uma mobilização da sociedade para as comemorações e festividades cívicas e esportivas embaladas pela política nacionalizadora do Estado Novo (1937-1945). A cidade de Porto Alegre no bojo das mudanças ocasionadas por esse período se remodelava buscando atingir o ideário de metrópole. O palco da CFS começava a se constituir a partir da abertura de grandes avenidas e pelas reformas no Parque Farroupilha (Redenção) para as festividades da 'Semana da Pátria'.

Nesse contexto, a CFS foi inventada no ano de 1938, atrelada institucionalmente ao núcleo regional (RS) da LDN, mas conduzida do ponto de vista social pelos clubes esportivos porto-alegrenses. A justificativa para a realização da CFS estava alicerçada em ligações sagradas e históricas construídas através dos meios de comunicação da época, conforme sugeriu a série de reportagens intituladas "Fogo da Pátria", publicada pelo Correio do Povo no mês de setembro de 1938. A expressão "Fogo Simbólico da Pátria" substituiu a "Chama Olímpica", tendo em vista que se decidiu pela sua chegada em Porto Alegre no dia 1º Setembro, para abrir as comemorações da 'Semana da Pátria' na cidade.

A 'fixação' da CFS enquanto tradição parece ter sido estabelecida por regras tácitas nos locais onde cruzava, ou seja, a base da CFS, que era sair de um ponto e chegar a outro, continuava inalterada. Mas, nas cidades que percorria, o seu formato era construído pelas autoridades locais, que adequavam a CFS de acordo com suas características e interesses. Isso de certa forma mantinha o ineditismo da CFS e fazia com que a comunidade das localidades por onde ela passava se identificassem com a Corrida.

Assim, a CFS no período 1938 a 1947 foi uma tradição historicamente original e livremente inventada e, pode ser considerada uma cerimônia que, ao perpassar a cidade de Porto Alegre, procurava forjar nos porto-alegrenses a consciência da sua cidadania. Portanto, pode ser categorizada, enquanto uma tradição inventada cujo propósito principal foi à socialização, a inculcação de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento.

As idéias e sistemas de valores que eram apresentados aos porto-alegrenses estavam enraizados, até o ano 1947, na construção da identidade nacional. Dessa forma, a CFS foi ampliada de uma idéia regionalizada nos primeiros anos para adquirir proporções nacionais e internacionais no final dos anos de 1940. Percorrendo a nação de um ponto histórico-sagrado até Porto Alegre, constituía-se como uma ação do governo que visava à construção da identidade nacional brasileira. Através da CFS buscava-se a representação de unidade e coesão, em especial no imaginário de cidades brasileiras com expressiva presença de imigrantes europeus e seus descendentes, como Porto Alegre.

A construção no imaginário porto-alegrense de uma representação de unidade e coesão era reforçada pelos meios de comunicação na cidade. O amplo sistema de controle do governo sobre os meios de comunicação, favoreceram a afirmação de unidade nacional, como também a busca da homogeneização cultural. Isto pode ser observado, nas reportagens sobre a CFS e, principalmente, através da publicação de recomendações e solicitações de comportamento para a população durante os festejos da 'Semana da Pátria' em Porto Alegre.

Os clubes esportivos porto-alegrenses também foram convocados a contribuir na construção da identidade nacional. Sob pena de medidas punitivas os clubes procuraram demonstrar sua adesão ao 'projeto nacional' através da CFS. Essa prática cultural ajudou o engajamento dos clubes nesse processo, através da representação de seus atletas e dirigentes na CFS, não mais como membros de clubes identificados como 'estrangeiros' – de teuto-brasileiros ou ítalo-brasileiros – mas sim como representantes de 'clubes brasileiros'.

Nesse sentido a participação dos clubes esportivos na CFS parece ter atingido uma 'função dupla' no campo simbólico: a construção da identidade nacional e a preservação dos clubes esportivos 'estrangeiros'. Devido ao fato, de estarem presentes, dirigentes esportivos e atletas dos clubes de Porto Alegre no cerne da CFS, se criou no imaginário à idéia de uma tradição porto-alegrense, ou seja, acreditamos que no âmbito social a CFS era identificada como uma tradição realizada pela sociedade 'estrangeira' de Porto Alegre.

Ao cederem seus atletas para carregar o Fogo Simbólico, podemos inferir que os clubes esportivos porto-alegrenses utilizaram a CFS como uma forma de mostrar a sua integração ao 'projeto' de construção da identidade nacional. Entretanto, foi possível identificar alguns fragmentos de preservação da identidade cultural desses clubes 'estrangeiros', que permitiram ou incentivaram seus atletas a vestirem uniformes identificados com sua cultura 'de origem'. Essa 'luta de representações' ficou evidenciada nas reportagens produzidas pelo jornal Correio do Povo onde os atletas são mencionados ora como representantes dos clubes porto-alegrenses ora como representantes do Brasil.

A idéia dos dirigentes esportivos ao elevar esses atletas ao posto de heróis da nação na CFS atingiu uma dimensão coletiva. Isto é, produziu uma representação de integração do esporte porto-alegrense ao 'projeto' nacional, além de atender interesses particulares de preservação dos clubes esportivos. Com essa institucionalização social feita pelos clubes, a CFS passou a ser reconhecida pelos porto-alegrenses e compartilhada pela coletividade, que a cada edição, no mês de Setembro, renovava seus sentimentos de pertencimento a nação brasileira.

Nesse sentido compreendemos que os clubes esportivos porto-alegrenses construíram representações da identidade nacional brasileira no imaginário porto-alegrense ao se associarem à invenção da "Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico da Pátria" em Porto Alegre nas edições entre os anos de 1938 a 1947.

Para além dos clubes, a CFS pode ser considerada uma prática que evidencia a importância dada para as práticas esportivas no período do Estado Novo no Brasil. A relevância atribuída a CFS nesse período extrapolou as fronteiras do país<sup>56</sup>, sendo intitulada a maior corrida de revezamento em nível simbólico do mundo. Este destaque dado a CFS parece ser uma tentativa de colocar o país em destaque no cenário mundial, mostrando suas virtudes políticas, sociais e culturais através da realização de uma prática com características de megaevento esportivo olímpico. Dessa forma o governo, poderia estar buscando alinhar o país as grandes potências mundiais, que também se revelavam como tal, através dos eventos olímpicos. Essa alusão reforça a

---

<sup>56</sup> Podemos olhar a instituição da CFS através das seguintes fases: regional (1938-1939), nacional (1940-1944) e internacional (1945-1947).

idéia de que o esporte e as práticas associadas a ele, não podem ser considerados como movimentos neutros e apolíticos.

A busca por fontes impressas em localidades fora do país, principalmente no período estudado e nas cidades por onde a CFS perpassou internacionalmente, podem trazer elementos para contribuir com as asserções feitas anteriormente. Além disso, a busca por outras fontes pode trazer diferentes olhares para o estudo da CFS, aja visto que as fontes consultadas nesse estudo estavam limitadas devido aos mecanismos de controle criados pelo governo brasileiro no período do Estado Novo.

Finalizando as considerações, sugerimos algumas temáticas de estudo que não foram trabalhadas no decorrer tendo em vista a delimitação proposta, como também as limitações do estudo. Essas sugestões visam principalmente à exploração e atualização do banco de dados disponibilizado na dissertação.

Embora o banco de dados tenha demandado um largo período de construção e, quem sabe tenha comprometido algumas das análises do objeto de estudo, ele poderá contribuir para outros estudos. Assim sugerimos explorar temáticas como: as resistências a CFS, as representações políticas da CFS através dos discursos das autoridades presentes nas cerimônias da Corrida, as representações de corpo na CFS e as representações da identidade nacional que foram construídas pela CFS em cidades do interior do Rio Grande do Sul.



## 7. REFERÊNCIAS

A CORRIDA do Fogo Symbolico. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 01 setembro 1938. Noticiário, p.11.

A PYRA. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 01 setembro 1938. Contra-capá, p.16.

O FOGO DA PÁTRIA. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 07 setembro 1938. Editoreaes (João Henrique), parte I, p.05.

O FOGO DA PÁTRIA. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 09 setembro 1938. Editoreaes (João Henrique), parte II, p.05.

O FOGO DA PÁTRIA. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 11 setembro 1938. Editoreaes (João Henrique), parte III, p.05.

ALBERTI, V. **História Oral**: a experiência do Cpdoc. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, 1989.

ALMEIDA, M. J. A liturgia olímpica. In: SOARES, C. L. (org.) **Corpo e história**. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

AMARO JR., J. **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 1º ano, 1942.

AMARO JR., J. **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 2º ano, 1943.

AMARO JR., J. **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 3º ano, 1944.

AMARO JR., J. **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 4º ano, 1945.

AMARO JR., J. **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 5º ano, 1946.

AMARO JR., J. **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 6º ano, 1947.

AMARO JR., J. **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Tipografia Esperança, 7º ano, 1948.

AMARO JR. **Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul**. Pôrto Alegre: Tipografia Esperança, 8º ano, 1949.

AMARO JR., J. As aventuras do Fogo Simbólico, e de seu idealizador entre nós, o jornalista Túlio de Rose. **Revista do Globo**. Porto Alegre, n. 369, 19/08/1944, p. 40-41.

ANDERSON, B. **Nação e consciência nacional**. São Paulo: Ática, 1989.

ASÍN FERNÁNDEZ, E. **La política en las olimpiadas de Berlín 1936**. Barcelona: Centre d'Estudis Olímpics UAB, 1998.

AVANCINI, E. **O canto orfeônico escolar e a formação da identidade nacional no Brasil (1937-1961)**. Porto Alegre, 2000. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

BAKOS, M. **A continuidade administrativa no governo municipal de Porto Alegre: 1897-1937**. São Paulo, 1986. Tese (Doutorado). ILFCH/USP.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2000.

BARNEY, R. K. e BIJKERK, A. T. Inspiration for the innovation of the Torch Relay? A note on Jan Wils, Amsterdam 1928, and the origin of th Olympic Flame. In: LENNARTZ, K. **Lauglauf durch die Olympische geschichte**. Band 1. Koln: Carl und Liselott Diem-Archiv, 2005, p.16-24.

BARROS, J. D. **O Projeto de Pesquisa em História: da escolha do tema ao quadro teórico**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

BARROSO, V. L. M. O Brasil na década de 30. **Ciências e Letras**. Revista da Faculdade Porto-Alegrense de Educação, Ciências e Letras. FAPA. Porto Alegre, nº 25, 1999, p. 61-69.

BELLO, H. E. **O ecletismo e a imagem da cidade: caso de Porto Alegre**. Porto Alegre, 1997. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Urbano Regional). PPGPUR/UFRGS.

BHABHA, H. Dissemination: time, narrative and the margins of the modern nation. In: BHABHA, H. (org.). **Nation and narration**. London/New York: Routledge, 1990 p. 291-322.

BIANCHI, C. Memoria Olympica. In: LENNARTZ, K. **Lauglauf durch die Olympische geschichte**. Band 1. Koln: Carl und Liselott Diem-Archiv, 2005, p.25-45.

BILHAR, F. C.; OLIVEN, R. G. A Centelha da Chama Crioula e o Reascender da Identidade Gaúcha. In: **Livro de Resumos**. XVIII Salão de Iniciação Científica. UFRGS: PROPESQ/UFRGS, 2006, p.797-797.

BOBBIO, P. **Lex: Coletânea de Legislação**. São Paulo: LEX, 1937-1945.

BORGERS, W. **Olympic Torch Relays: 1936-1994**. International Olympic Committee. Olympic Research Institute of the German Sport University Cologne: Agon, 1996.

- BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**: uma introdução. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.
- BULFINCH, T. **O Livro de Ouro da mitologia**: histórias de deuses e heróis. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.
- BURKE, P. **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CANTARINO FILHO, M. R. **O nacionalismo na Educação Física**: da Alemanha ao Brasil. Brasília: s/ed., 1988.
- CANTARINO FILHO, M. R. A Educação Física no Brasil. In: Ueberhorst, H. (org.). **Geschichte der Leibesübungen**. Berlin: Bartes & Wernitz, 1989, p. 889-911.
- CARDOSO, C. F. **Uma introdução à história**. 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- CARDOSO, M. **Os arquivos das olimpíadas**. São Paulo: Editora Panda, 2000.
- CARLAN, P. **A educação Física Escolar em Ijuí, de 1933 a 1941**: a Semana da Raça. Ijuí, RS: Ed. UNIJUI, 1998.
- CARNEIRO, M. L. T. O Estado Novo, o Dops e a ideologia da segurança nacional. In: PANDOLFI, D. **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999 p.327-340.
- CARRAVETTA, E. S. **O esporte olímpico**: um novo paradigma de suas relações sociais e pedagógicas. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1997.
- CORREIO DO POVO. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 01 setembro 1939.
- CASTRO, C. In corpore sano – os militares e a introdução da educação física no Brasil. **Antropolítica**. Niterói, RJ, n. 2, 1º sem. 1997, p.61-78.
- CASTRO, M. **Relatório do Projeto Publicidade na Revista do Globo**. Faculdade de Comunicação Social, PUCRS. Porto Alegre, 1999.
- CHARTIER, R. A História Hoje: dúvidas, desafios, propostas. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 7, n. 13, 1994, p. 97-113.
- CHARTIER, R. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- CIVITA, V. (ed.). **Dicionário de Mitologia Greco-Romana**. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

- COERTJENS, M. **Club de Regatas Guahyba - Porto Alegre**: o nacionalismo em revistas esportivas de um clube teuto-brasileiro (1930 e 1938). Porto Alegre, 1999. Monografia (Licenciatura e Bacharelado em História). Graduação em História/UFRGS.
- COERTJENS, M.; GUAZZELLI, C. B.; WASSERMAN, C. Club de Regatas Guayba-Porto Alegre: o nacionalismo em revistas esportivas de um clube teuto-brasileiro (1930 e 1938). **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.18, n.3, p. 249-62, jul./set. 2004.
- CONSELHO EUROPA. **Os Jogos Olímpicos e suas perspectivas futuras**. Lisboa, Portugal: ELO, 1986.
- COUSINEAU, P. **O ideal olímpico e o herói de cada dia**. São Paulo: Mercuryo, 2004.
- CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru, São Paulo: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.
- DALMÁZ, M. **A imagem de Hitler e da Alemanha na Revista do Globo de Porto Alegre: 1933-1945**. Porto Alegre, 2001. Dissertação (Mestrado em História). PPGH/PUCRS.
- DALMÁZ, M. **A imagem do Terceiro Reich na Revista do Globo (1933-1945)**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- DAMASCENO, L. G. e BIAZUSSI, R. M. Educação Física, Estado Novo e a militarização do corpo. **Motrivivência**. Departamento de Educação Física. Universidade Federal de Sergipe, ano II, n. 3, janeiro, 1990, p.28-30.
- DAMÁSIO, C. P. **Porto Alegre na década de 30 uma cidade idealizada, uma cidade real**. Porto Alegre, 1996. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). PPGPUR/UFRGS.
- DAUDT, J. C. **Brasileiros de cabelos loiros e olhos azuis**. Porto Alegre: Catos, 1952.
- DE BERLIM – A XI Olimpíada. **Revista do Globo**. Porto Alegre, n. 188, 08/08/1936, p. 27-30.
- DIÁRIO OFICIAL DE PORTO ALEGRE. **Liga**. Ed. 2359, Quinta-Feira, 2 de Setembro de 2004.
- DURANTEZ, C. The Torch: The Great Olympic Symbol. **Olympic Review**. October, n.216, 1985, p. 620-627.
- DURANTEZ, C. La Antorcha Olímpica. **Revista Olímpica**. Comité International Olympique, XXVI-33, p. 16-23, junio/julio, 2000.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa (1912)**. São Paulo: Abril Cultural (Coleção Os Pensadores), 1978.

ELIAS, N. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997.

ENTRE GRANDES manifestações de civismo, chegou ontem, a esta capital o Fogo Simbólico da Pátria. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 01 setembro 1943. Noticiário, p.08.

EU CHAMO a mocidade do mundo. **Revista do Globo**. Porto Alegre, n. 181, 24/04/1936, p. 22.

EXPRESSIVAS cerimônias assinalaram o início dos festejos da Semana da Pátria. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 02 setembro 1941. Noticiário, p.09.

FONSECA, N. A maior corrida do Brasil. **Revista do Globo**. Porto Alegre, n. 803, 1961, p. 66-73.

GELLNER, E. **Nações e Nacionalismo**. Lisboa: Gradiva, 1993.

GERTZ, R. **O perigo alemão**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1991.

GIRARDET, R. **Mitos e mitologias políticas**. São Paulo: Companhia de Letras, 1987.

GOMES, A. M. C. A construção do homem novo: o trabalhador brasileiro. In: OLIVEIRA, L. L.; VELLOSO, M. P.; GOMES, A. M. C. **Estado Novo: ideologia e poder**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982, p.151-154.

GOMES, L. **Ernst Zeuner: artista designer**. Porto Alegre, 2001. Dissertação (Mestrado). FAMECOS/PUCRS.

GUIBERNAU, M. **Nacionalismos. O estado nacional e o nacionalismo no século XX**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1997.

HALL, S. The spectacle of the Other. In: HALL, S. **Representation: cultural representations and signifying practices**. Londres: Sage/The Open University, 1997.

HOBBSAWM, E.; RANGER, T. (orgs.) **A invenção das tradições**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

HOBBSAWM, E. **Tradições Inventadas**. Ministério da Educação – Direcção-Geral dos Desportos. Tip. Minerva do Comércio, 1988.

HOBBSAWM, E. **Nações e Nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

- HOBBSAWM, E. **Era dos Extremos. O breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.
- HUTCHINSON, J.; SMITH, A. (eds.). **Nationalism**. Oxford, New York: Oxford University Press, 1994.
- INICIADA a Semana da Pátria. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 01 setembro 1944. Noticiário, p.10.
- INICIARAM-SE os festejos da Semana da Pátria. **Correio do Povo**, 01 setembro 1939. Noticiário, p.03.
- INTERIOR do Estado. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 04 setembro 1947. Interior, p.02.
- INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **The Olympic flame and torch relay**. Lausanne: Olympic Museum and Studies Centre, 2002a.
- INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **The Olympic symbols**. Lausanne: Olympic Museum and Studies Centre, 2002b.
- INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **Olympic Charter**. Lausanne: IOC, 2003.
- INTERNATIONAL OLYMPIC COMMITTEE. **Seventy years since the Berlin Games**. IOC, 2006.
- JOUTARD, P. El tratamiento del documento oral. **Debats**. Valencia, nº 10, 1984, p.72-84.
- KIDANE, F. El relevo de la llama. **Revista Olímpica**. XXVI-33, Junio-julio, 2000, p.24-30.
- KUHN, T. **A Estrutura das revoluções científicas**. 8ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. 3ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- LENNARTZ, K. The Genesis of Legends. **Journal of olympic history** (formerly Citius, Altius, Fortius), Vol. 5, n. 1, Spring 1997, p.8-11.
- LENNARTZ, K. **Lauglauf durch die Olympische geschichte**. Band 2. Köln: Carl und Liselott Diem-Archiv, 2005.
- LIGA DA DEFESA NACIONAL. Diretoria Estadual do Rio Grande do Sul. **Boletim Informativo das Atividades Cívicas**. 1983.
- LIGA DA DEFESA NACIONAL. Diretoria Regional do Rio Grande do Sul. **Boletim Informativo**. Ano II, n. 3, set/out, 1998.

LIGA DA DEFESA NACIONAL. Diretoria Regional do Rio Grande do Sul. **Boletim Informativo**. Ano IV, jul/ago, 2000.

LIGA DA DEFESA NACIONAL. Diretoria Regional do Rio Grande do Sul. **Boletim Informativo**. Ano IV, set/out, 2000.

LIGA DE DEFESA NACIONAL. **Corridas do Fogo Simbólico**. Disponível em: <<http://www.ligadedefesanacional.org.br/index.htm>>. Acesso em: 25 setembro 2006.

LIMPERT, W. **The XIth Olympic Games Berlin, 1936 - Official Report**. Vol.I. Berlin: Organisations Komitee für die XI Olympiade Berlin, 1936.

LUZ, L. F. **Parque Farroupilha**: composição e caráter de um jardim publico de Porto Alegre. Porto Alegre, 1999. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Universidade Federal do rio Grande do Sul.

MACHADO, N. H. N. **Modernidade, Arquitetura e urbanismo**: o centro de Porto Alegre (1928-1945). Porto Alegre, 1998, v.2. Tese (Doutorado em História do Brasil). PPGH/PUCRS.

MALLON, B. The history of the opening ceremonies. **Olympic Review**. may, n. 199, 1984, p. 333-337.

MANHÃES, E. D. **Política de Esportes no Brasil**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MARONEZE, L. A. G. **Espaços de sociabilidade e memória**: fragmentos da 'vida pública' porto-alegrense entre os anos 1890 e 1930. Porto Alegre, 1994. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). PPGH/UFRGS.

MAZO, J. **A emergência e a Expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre (1867-1945)**: espaço de representação da identidade cultural brasileira. Porto, Portugal, 2003. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade do Porto (UP).

MAZO, J. **Catálogo do Esporte na Revista do Globo**. Porto Alegre: PUCRS, 2004.

MAZO, J. Z.; ROLIM, L. H. Memórias da participação dos clubes esportivos nas comemorações da Semana da Pátria em Porto Alegre (décadas de 1930 e 1940). In: GOELLNER, S. V.; JAEGER, A. A. **Garimpando Memórias**: esporte, educação física, lazer e dança. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007a.

MAZO, J. Z.; ROLIM, L. H. Os Clubes Esportivos e sua participação na Semana da Pátria em Porto Alegre: desfiles e competições cívico-educativas (1930/1940). **Arquivos em Movimento**. Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, julho/dezembro, 2007b.

MAZZONI, T. **Almanach Esportivo**. VII ano, 1934.

- MAZZONI, T. **Almanaque Esportivo**: a gazeta esportiva. 1939.
- MAZZONI, T. **Almanaque Esportivo**: Olympicus. São Paulo: Publicidade Sem Rival, 1942/1943.
- MAZZONI, T. **Almanaque Esportivo**: Olympicus. São Paulo: Publicidade Sem Rival, 1943/1944.
- MAZZONI, T. **Almanaque Esportivo**: Olympicus. São Paulo: Publicidade Sem Rival, 1945/1946.
- MAZZONI, T. **Almanaque Esportivo**: Olympicus. São Paulo: Publicidade Sem Rival, 1947/1948.
- MELO, V. A. Jogos Olímpicos e arte: Olympia. In: MELO, V. A e PERES, F. F. (orgs) **O esporte vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2005.
- MEZZADRI, Fernando Marinho. O Estado e a Legislação do Esporte no Brasil: da Lei 3.199/41 ao Projeto Pelé. **Treinamento Desportivo**. Londrina, v. 5, n. 2, 1999.
- MILLER, D. **Sobre la nacionalidad: autodeterminación y pluralismo cultural**. Barcelona/Buenos Aires/México: Paidós, 1997.
- MONTEIRO, C. **A inscrição da modernidade no espaço urbano de Porto Alegre (1924-1928)**. Porto Alegre, 1992. Dissertação (Mestrado em História do Brasil). PPGH/UFRGS.
- MONTENEGRO, A. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**. São Paulo: Contexto, 1992.
- MOTTIN, A.; MOREIRA, A. (orgs.). **Catálogo Literário da Revista do Globo**. Porto Alegre. Base de dados desenvolvida em software Micro-ISIS, de propriedade da UNESCO, v. 3.07, 1996.
- MOURA, G. Neutralidade Dependente: o caso do Brasil, 1939-42. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 6, n. 12, 1993, p.177-189.
- NEGREIROS, P. L. Berlim – 1936 e o corpo a serviço da Nação: organizando e disciplinando o futebol. In: TURINI, M. e DACOSTA, L. **Coletânea de Estudos Olímpicos**. vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002, p.653-682.
- OLIVEN, R. **Violência e cultura no Brasil**. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- OLIVEN, R. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação**. Petrópolis: Vozes, 1992.



OLIVEIRA, T. Algumas considerações acerca da memória como método histórico. **Revista de Pós-graduação em História da UNESP**. Assis, São Paulo, v. 4, 1996 p. 109-126.

OLIVEIRA, V. (org.) **Fundamentos Pedagógicos da Educação Física**. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1987.

OZOUF, M. A festa – sob Revolução Francesa. In: LE GOFF, J.; NORA, P. **História: novos objetos**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1976.

PAIXÃO CORTES, J. C. **Origem da Semana Farroupilha e Primórdios do Movimento Tradicionalista**. Porto Alegre: EVANGRAF, 1994.

PIMENTEL, F. (org.). Liga de Defesa Nacional: 5 anos de atividades (1937-1942). **Coletânea**. Porto Alegre, s/d.

PIMENTEL, F. **Aspectos Gerais de Pôrto Alegre**. Vol. I. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Imprensa Oficial, 1945.

PESAVENTO, S. J. **Memória Porto Alegre, Espaços e Vivências**. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Prefeitura Municipal, 1991 p. 133-145.

PESAVENTO, S. J. “De como os alemães se tornaram gaúchos pelo caminho da modernização”. In: MAUCH, C.; VASCONCELLOS, N. (orgs.). **Os alemães no sul do Brasil**. Canoas: Editora da ULBRA, 1994 p. 199-220.

PESAVENTO, S. J. O desfazer da ordem fetichizada: Walter Benjamin e o imaginário social. **Revista Cultura Vozes**. São Paulo, n. 5, set./out. 1995

PESAVENTO, S. J. **História & História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PORTELLI, A. O que faz a história oral diferente. **Projeto História**. São Paulo, n. 14, fev. 1997, p. 25-39.

POURET, H. Symbolism of the Olympic Flame. **Newsletter**. Sept., n. 12, 1968, p. 435-438

POURET, H. The Olympic Flame. **Olympic Review**. Nov-Dec, n. 85-86, 1974, p. 611-616

RENAUT, A. Lógicas de la nación. In: DELANNOI, G.; TAGUIEFF, P. (orgs.). **Teorias del nacionalismo**. Barcelona: Paidós, 1993 p. 37-62.

REVISTA DO GLOBO. Os esportes. Porto Alegre, n. 226, 1933. In: MAZO, Janice. **Catálogo do Esporte na Revista do Globo**. Porto Alegre: PUCRS, 2004.

REVISTA POLICIAL. **Revista Vida Policial**. Órgão da Repartição Central de Polícia do Rio Grande do Sul. Ano II, n. 17, dezembro de 1939.

RUBIO, K. Da Europa para a América: a trajetória do Movimento Olímpico brasileiro. **Geo Crítica / Scripta Nova**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de noviembre de 2005, vol. IX, n. 200.

RYAN, M. A parada norte-americana: representações da ordem social do século XIX. In: HUNT, L. (org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.178-209.

SAFADY, J. S. **Liga de Defesa Nacional**: fogo simbólico da pátria (sinopse). São Paulo: Editora Comercial Safady Ltda, 1960.

SAFADY, J. S. **Liga de Defesa Nacional**: fogo simbólico da pátria (terceira sinopse – segunda edição). São Paulo: Editora Comercial Safady Ltda, 1971.

SCHWARTZMAN, S.; BOMENY, H. e COSTA, V. **Tempos de Capanema**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra/EDUSP, 1984.

SEYFERTH, G. **Nacionalismo e identidade étnica. A ideologia Germanista e o grupo teuto-brasileiro numa comunidade no vale do Itajaí**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, FCC, 1982.

SEYFERTH, G. Os imigrantes e a campanha de nacionalização do Estado Novo. In: PANDOLFI, D. **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999 p.199-228.

SGANZERLA, C. **A Lei do Silêncio: repressão e nacionalização no Estado Novo em Guaporé (1937 – 1945)**. Passo Fundo: Editora UFP; EST Edições, 2001.

SMITH, A. **A identidade nacional**. Lisboa: Gradiva, 1997.

SOARES, L. **Gênero e poder na Revista do Globo**. Porto Alegre, 2001. Monografia (Graduação em Comunicação Social). PUCRS.

TEVE INÍCIO a Semana da Pátria de 1945. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 01 setembro 1945. Noticiário, p.08.

THIESSE, A. **A criação das identidades nacionais**. Lisboa: Temas e Debates Actividades Editoriais, 2000.

THOMPSON, P. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THORSTENBERG, V. **Página de Rosto: uma amostra do potencial literário da Revista do Globo**. Porto Alegre, 1998. Dissertação (Mestrado). PPGL/PUCRS.

TODT, N. **Educação Olímpica**: em direção a uma nova *Paidéia*. Porto Alegre, 2005. Tese (Doutorado em Educação). FAGED/PUCRS.

TORRES, A. S. **A campanha nacionalizadora cívico-educativa e a Semana da Pátria na Imprensa de Porto Alegre (1937-1945)**. Porto Alegre, 1997. Dissertação (Mestrado em História). PPGH/PUCRS.

TORRESINI, E. **Editora Globo: uma aventura editorial nos anos 30 e 40**. Porto Alegre: Editora da USP; Editora da UFRGS, 1999.

TOURAINÉ, A. **Crítica da Modernidade**. Lisboa: Instituto Piaget, 1992.

TRIVIÑOS, A. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VAINFAS, R. História das Mentalidades e História Cultural. In: CARDOSO, C. F. e VAINFAS, R. (orgs.). **Domínios da história**: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.127-162.

VOLDMAN, D. A invenção do depoimento oral. In: FERREIRA, M.; AMADO, J. (orgs.). **Usos & abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 247-265.

YALOURIS, N. (org.). **Os Jogos Olímpicos na Grécia Antiga**: Olímpia Antiga e os Jogos Olímpicos. São Paulo: Odysseus Editora, 2004.

## 8. APÊNDICES

### 8.1. Apêndice A – Banco de Dados

#### 1938 – 1ª edição da CFS

##### 1. Partida da CFS

No dia 31 de agosto às 21 horas em Viamão (RS) (CP, 01/09/1938).

- **Cerimônia de acendimento da tocha:** “A’s 21 horas o padre José Breidenbach accende o archote que seria conduzido pelos athletas porto alegrensens, e que accenderia a pyra na lampada votiva do altar consagrado a N. S. da Conceição, padroeira do Brasil, e que arde ininterruptamente desde 1741” (CP, 01/09/1938 p.11).
- **Autoridades presentes no acendimento da tocha:** “os srs. major Ignacio Rolim, Heraclides Cezimbra, capitão Lauro A. Corrêa, Onias de Almeida, da direcção da Liga de Defesa Nacional, José Carlos Dautd, presidente da Larg, Oswaldo Bruch e outros” (CP, 01/09/1938 p.11). Na saída da CFS o tenente Paranhos Antunes foi o orador.

##### 2. Atletas que conduziram o Fogo Simbólico

O atleta universitário Melchiades Soares foi o primeiro a conduzir o archote. “Hugo Ribeiro, o popular Tró-ló-ló, desce a conhecida ‘Lomba do Sabão’, conduzindo o archote, entregando-o, na divisa de Porto Alegre, no Passo do Sabão, ao corredor Mario Rosa” (CP, 01/09/1938 p.11). No Parthenon “entra na faixa de cimento conduzindo a tocha o athleta gremista Casemiro Marinho” (CP, 01/09/1938 p.11). Depois da parada, foi re-iniciada a Corrida, tendo levado o archote até a avenida João Pessoa o atleta Carlos Alencastro, que nesse ponto, entrega para Otto Ritter, que, “ao som das businas de innumeros autos segue em direcção á Pyra” (CP, 01/09/1938 p.11). Otto Ritter (decatleta gaúcho) acendeu o fogo na Pira da Pátria, (SAFADY, 1960 p.66).

##### 3. Percurso da CFS

Duas cidades (Viamão e Porto Alegre). Partiu da histórica capela da antiga capital gaúcha (Viamão), onde “ainda arde uma lâmpada votiva acesa por heróicos

guerrilheiros farrapos” (AMARO JR., 1944 p.40). Percorreu a Lomba do Sabão, o Passo do Sabão (divisa entre os municípios), Linha do Parthenon, avenida João Pessoa e chegada na Pira da Pátria localizada na rua Luiz Affonso (Parque Farroupilha) construída especialmente para a ocasião (CP, 01/09/1938).

- **Passagem pelo interior RS:** Não houve.
- **Passagem por cidades do Brasil:** Não houve.

#### 4. Chegada da CFS

No dia 1º setembro à 0 hora em Porto Alegre (RS) (CP, 01/09/1938).

- **Cerimônia de acendimento da Pira:** “Postado defronte á pyra, o último conductor do archote espera o momento de accendel-a. Diversas bandas de musicas executam o Hymno Nacional, que é cantado com entusiasmo pela grande multidão, sendo nesse momento acessa a pyra. Foi dada, em seguida, uma salva de artilharia” (CP, 01/09/1938 p.11).
- **Autoridades presentes no acendimento da Pira:** “No palanque official, defronte a pyra, viam-se o coronel Cordeiro de Farias, interventor federal, dr. Coelho de Souza, secretário da Educação e Saude Publica, dr. Darcy Azambuja, orador official” (CP, 01/09/1938 p.11).

#### 5. Extinção do Fogo Simbólico

Às 24 horas do dia 07 de setembro (CP, 07/09/1938 p.11).

#### 6. Quilometragem percorrida

26km (LDN, 2006); 36km (AMARO JR., 1944 p.40); 21km (AMARO JR., 1947 p.12).

#### 7. Percalços

Uma parada antes de chegar ao ponto final. “Chegaram os portadores do Fogo Symbolico ao fim da linha do Parthenon, ás 10,30 horas, pois que, prevendo que o mau tempo atrazaria a corrida, o major Ignacio de Freitas Rolim resolveu antecipal-a, mas os atletas, com grande ardor, enfrentando as intemperies e a estrada enlameada, chegaram até aquelle ponto em uma hora e vinte minutos” (CP, 01/09/1938 p.11).

#### 8. Transmissão

“Diversos funcconarios da Cia. Telephonica Rio Grandense acompanharam toda a corrida, tendo de diversos logares, feito, por intermedio de ligações de emergência um

serviço de informações do desenrolar da patriótica prova, dando a conhecer á população, por intermédio da P. R. C. 2, o seu desenvolvimento” (CP, 01/09/1938 p.11).

## **1939 – 2ª edição da CFS**

### **1. Partida da CFS**

No dia 31 de agosto às 12 horas em Rio Pardo (RS) (CP, 01/09/1939). Rio Pardo foi escolhida por ser uma “cidade tão cheia de caras tradições a gente gaúcha” (AMARO JR., 1944 p.40).

- **Cerimônia de acendimento da tocha:** “Na matriz, histórico e majestoso templo, repleto de exmas. famílias, colégios, associações e povo, foi acessa, pelo vigário padre Thomaz Broggi, que passou à veneranda rio pardense d. Ezelina Silva Cunha, de 84 annos de idade, na lâmpada que illumina ininterruptamente a sagrada eucharistia, a tocha que dahi a momentos transmitiria o fogo à pyra, erguida no lugar denominado Fortaleza. A veneranda senhora, acompanhada da directora do Grupo Escolar Ernesto Alves, representantes da Liga de Defesa Nacional, prefeito municipal e outras autoridades, atravessou o templo, ao som de cânticos sacros, entoados pelo coro Santa Cecília. Ao chegar a porta, a referida octogenária, passou a tocha as mãos do sr. Prefeito, que a entregou ao colegial João Herzog Filho, alumno Grupo Escolar” (CP, 01/09/1939 p.03).
- **Autoridades presentes no acendimento da tocha:** Ernesto Protasio Wunderlich (prefeito de Rio Pardo), coronel Hasslocher Mazon (vice-presidente da Liga Nacional), Dr. Nilo Teixeira de Souza (juiz municipal), vigário Thomaz Broggi (CP, 01/09/1939).

### **2. Atletas que conduziram o Fogo Simbólico**

Amaranio Ribeiro Lima (Guarany Foot Ball Club) conduziu a tocha acesa na Pira de Rio Pardo; Ernesto Appelt (América Foot Ball Club) conduziu o archote até a divisa com Santa Cruz; Lauro Kliemann (Turner-Bund, campeão sul americano de fundo) foi quem conduziu o archote até a Pira (CP, 01/09/1939). João Lauro Klieman (campeão brasileiro de 800 metros) acendeu o fogo da Pira da Pátria (SAFADY, 1960 p.66). João Hersog Filho primeiro atleta a conduzir a tocha em Rio Pardo (SAFADY, 1960 p.73).

### 3. Percurso da CFS

Passou por 10 cidades gaúchas (LDN, 2006). O archote foi aceso na Catedral da cidade de Rio Pardo (RS) e passou pelas cidades de Santa Cruz, Venâncio Aires, Lageado, Estrela, Taquari, Montenegro, São Sebastião do Caí, Novo Hamburgo, São Leopoldo, Canoas e Porto Alegre. O local da chegada foi no Altar da Pátria no Campo da Redenção (CP, 01/09/1939). Foi erigida pela Prefeitura Municipal de Rio Pardo em memória a Segunda Corrida do Fogo Simbólico uma Pira. O local escolhido é o da Fortaleza, Jesús Maria e José (1.751), baluarte do Regimento dos Dragões do Rio Pardo, fronteiras meridionais da Pátria (SAFADY, 1960 p.74).

- **Passagem pelo interior RS:** *Rio Pardo (31/09 por C.P.<sup>57</sup>):* Depois de acesa tocha “[...] ecoou longa e calorosa salva de palmas, ouvindo-se nesse momento, o hymno nacional, executado pela banda Carlos Gomes, toques de clarins e cornetas pelo Tiro de [ilegível] n. 159, em continência a Bandeira [...] Formou-se, após, imponente cortejo, com os athletas a frente rumando ao local onde se via a pyra construída nas ruínas da Fortaleza Jesus-Maria-José, para onde foi transportado o fogo symbólico. Lá chegados, foi inicialmente cantado o hymno nacional que, apesar do mau tempo, accorreu aquelle logar, seguiu-se a benção da pyra, pelo vigário Thomaz Broggi” (CP, 01/09/1939 p.03). Após foi aceso uma tocha dessa Pira que seguiu para outra cidade; *Farroupilha (31/09 C.P.):* “É esperada, hoje as vinte e uma hora, nesta cidade o ‘fogo symbólico’ que, vindo por Cahy, accenderá, a zero hora, a pyra do Altar da Pátria, levantado na cidade de Caxias” (CP, 01/09/1939 p.03); *Estrela (31/09 C.P.):* “Chegou, hoje as quatro horas da madrugada, a tocha do fogo symbólico, que foi recebida na divisa do município de Lageado [...] Daqui a tocha seguiu as sete horas rumo a villa de Bom Retiro, onde chegou as oito horas” (CP, 01/09/1939 p.03). A tocha ainda foi carregada até o município de Taquari; *Novo Hamburgo (31/09 por telefone):* “Constitui um verdadeiro acontecimento a passagem por aqui do ‘fogo symbólico’ as 20,30 horas. O archote recebido na divisa deste município com o de São Leopoldo, no logar denominado de Boa Saúde” (CP,

---

<sup>57</sup>C. P. provavelmente é uma forma de envio das informações ao jornal. As informações ainda chegavam por “Via Postal”, “Telefone”, etc.

01/09/1939 p.03). Foi acesa no centro da cidade, na praça 11 de julho a Pira da cidade.

- **Passagem por cidades do Brasil:** Não houve.

#### 4. Chegada da CFS

No dia 1º setembro à 0 hora em Porto Alegre (RS) (CP, 01/09/1939).

- **Cerimônia de acendimento da Pira:** “Ao som do hymno Nacional, executado por quatro bandas militares e cantado por todos os presentes, é, então accessa a ‘Pyra’, enquanto que uma bateria do C.P.O.R., fazia salva de vários tiros de canhão” (CP, 01/09/1939 p.03). Após a execução do hino discursos do Dr. Waldemar do Couto e Silva, pela Liga de Defesa Nacional e Dr. Antunes de Mattos. Esse último fez a leitura do folhetim intitulado “Creio no fogo sagrado acceso na Pyra da Pátria” posteriormente distribuído à população (CP, 01/09/1939 p.03). Ao final dos discursos novamente o hino Nacional (CP, 01/09/1939).
- **Autoridades presentes no acendimento da Pira:** Na tribuna de honra: “os srs. interventor federal [coronel Cordeiro de Farias], acompanhado de todos os secretários do Estado, o commandante da Região, os cônsules da Argentina e de Portugal nesta capital, um representante do commandante geral da Brigada Militar, que se encontra enfermo, o sub-prefeito do 1.º districto, representando o prefeito da cidade, o chefe do Estado-Maior da Terceira Região Militar, commandante de unidades federaes, officiaes do Exército e da milícia estadual, a directora da Instrucção Pública, a directoria da Liga de Defesa Nacional neste Estado, com todos os seus membros, o director do Thesouro do Estado, o chefe do Estado-Maior da Brigada Militar, o secretário da Interventoria, representações de entidades civis e militares e muitas outras pessoas gradas” (CP, 01/09/1939 p.03).

#### 5. Extinção do Fogo Simbólico

Dia 07 de setembro (CP, 07/09/1939 p.05).

#### 6. Quilometragem percorrida

299km (AMARO JR., 1947 p.12); 411km (LDN, 2006); 296km (CP, 01/09/1939 p.03).

#### 7. Percalços

Mau tempo constante (CP, 01/09/1939).



## 8. Transmissão

Não encontrado.

### 1940 – 3ª edição da CFS

#### 1. Partida da CFS

Florianópolis (SC) (LDN, 2006).

- **Cerimônia de acendimento da tocha:** Nada encontrado.
- **Autoridades presentes no acendimento da tocha:** Nada encontrado.

#### 2. Atletas que conduziram o Fogo Simbólico

Cap. Antonio Lyra (campeão sul americano de atletismo) foi quem conduziu a tocha até o acendimento da Pira (CP, 01/09/1940). Antônio Pereira Lira (campeão brasileiro de arremesso do peso) acendeu o fogo na Pira da Pátria (SAFADY, 1960 p.66).

#### 3. Percorso da CFS

Saiu da histórica Catedral e passou por 15 cidades (LDN, 2006).

- **Passagem pelo interior RS: *Garibaldi (31/09 C.P.):*** “Esta cidade viveu hoje momentos de intensa vibração cívica por ocasião da passagem do ‘Fogo Symbólico’, procedente de Florianópolis, em demanda dessa capital. Recebido pelo prefeito municipal no limite do município com Bento Gonçalves foi conduzido pelos atletas do Tiro de Guerra 311, chegando a esta cidade as 17 horas e 45 minutos, sendo recebido por grande massa popular, autoridades e collegiaes. Pronunciou o discurso na chegada o dr. Françaõs Nehme. Foi offerecida uma taça de champagne pela Liga de Defesa Nacional. A’s 18:35 horas reiniciou-se a marcha com destino a Farroupilha e P. Alegre” (CP, 01/09/1940 p.02); *Bento Gonçalves (31/09 C.P.):* “Com presença de todas as autoridades locais as 15 horas os atletas receberam na Igreja da Matriz o facho transportando-o até a divisa de Garibaldi. O prefeito do município fez a entrega ao prefeito de Garibaldi. Segundo o Fogo Symbolico acompanhado pelos srs. Tullio de Rose, Waldir Grizardi, Ernesto Capelli, Celeste Boniatti que seguirão hoje ainda para Farroupilha, onde pernoitarão” (CP, 01/09/1940 p.02-07); *Farroupilha (31/09 C.P.):* “Chegou hoje aqui, transportado por um grupo de atletas do Tiro de Guerra local e do destacamento da Brigada Militar

desta localidade, o Fogo Symbólico vindo da vizinha cidade de Caxias, as dez horas, pelo prefeito municipal tenente Januário Dutra foi acessa a pyra do altar da Patria erigido na Praça da Bandeira, no momento que se fez ouvir o dr. Olmiro de Azevedo. Após a cerimonia, a tocha seguiu para as cidades de Bento Gonçalves e Garibaldi, devendo regressar ainda esta noite para partir a zero hora para essa capital” (CP, 01/09/1940 p.07); *Osório (31/09 C.P.)*: “Com a presença dos prefeitos dr. Ary Tubbs de Gravatahy e Candido Osório Rosa, deste município, bem como o sr. Antonio Luz Osório Rosa, Mario Rosa, João Carmelindo Silva presidentes dos clubs sportivos de Gravatahy e grande assistência de populares realizou-se a solemnidade de transmissão do ‘Fogo Symbolico’ acceso na Igreja Matriz dessa cidade e trazido por atletas locais do local onde nasceu o general Osório para Gravatahy, onde será acessa a pyra” (CP, 01/09/1940 p.07); *Santo Antonio da Patrulha (31/09 C.P.)*: “Estão levantando no centro da avenida Borges de Medeiros o altar da Pátria. Onde se acha a pyra será acceso o fogo symbólico hoje a meia noite. O fogo virá do município de Osório, local onde nasceu general Osório, sendo conduzido até a divisa daquelle município pelos atletas de lá e até aqui pelos deste município” (CP, 01/09/1940 p.07).

- **Passagem por cidades do Brasil:** *Lages (SC) (27/08 Via Postal)*: “O archote, symbolizando a corrida do fogo olímpico, que a Liga de Defesa Nacional desse Estado vem promovendo em commemoração a Semana da Pátria foi recebido na divisa desse município com o de Bom Retiro, por um grupo de atletas do Instituto de Educação e do Gymnasio Diocesano desta cidade, chefiado pelo prefeito municipal [...] Depois de introduzido no edifício da Prefeitura, o fogo olympico foi collocado num altar [ilegível] preparado. Por essa ocasião fez uso da palavra o dr. Indalecio Arruda, prefeito municipal, que disse do significado dessa corrida e concitou os presentes a comparecer a partida do fogo symbolico, as 9 horas do dia seguinte. Hoje, dia 27 a hora aprazada, reuniram-se em frente a Prefeitura Municipal as autoridades civis, ecclesiasticas e militares, os atletas locais, compostos de elementos do 2º Batalhão Rodoviário, do Instituto de Educação e do Gymnasio Diocesano, e grande multidão de povo para assistir a partida do fogo symbolico” (CP, 01/09/1940 p.07).

#### 4. Chegada da CFS

No dia 1º setembro às 24h em Porto Alegre (RS) (CP, 01/09/1940 p.02).

- **Cerimônia de acendimento da Pira:** “[...] depois de percorrer inúmeras artérias da cidade chegou a rua Venâncio Ayres o ‘fogo simbólico’. Dahi até a ‘Pyra da Pátria’ localizada a Avenida João Pessoa, esquina João Pessoa, foi o archote empunhado pelo athetla [...] o desportista accendeu a ‘Pyra’, ouvindo-se, nessa ocasião, o hymno nacional, executado por cinco bandas militares e as salvas de artilharia [...] numerosos vapores ancorados no Caes do Porto, as vizinhas fabricas e milhares de automoveis puzeram em funcionamento suas sirenes e buzinas [...] A seguir, o dr. Damaso Rocha pronunciou o discurso official da solemnidade” (CP, 01/09/1940 p.02).
- **Autoridades presentes no acendimento da Pira:** “O interventor federal no Estado, cel. Cordeiro de Farias, bem como o commandante da 3ª Região Militar, gal. Leitão de Carvalho e os drs Miguel Tostes, secretário do Interior; J. P. Coelho de Souza, secretário da Educação; Loureiro da Silva, prefeito da cidade; Oscar Fontoura, secretário da Fazenda; Ataliba Paz, secretário da Agricultura; Meirelles Leite, secretário de obras públicas, acompanhados de seus auxiliares [...]” (CP, 01/09/1940 p.02).

#### 5. Extinção do Fogo Simbólico

Às 24 horas do dia 07 de setembro. “A solemnidade official foi rapida. Uma banda de musica do 7º Batalhão de Caçadores tocou o hymno nacional, que foi cantado por todos os presentes. A seguir, occupou a tribuna o sr. Clemenciano Barnasque, da Liga de Defesa Nacional, que pronunciou brilhante oração a pátria” (CP, 08/09/1940 p.02).

#### 6. Quilometragem percorrida

599km (LDN, 2006); 697km (AMARO JR., 1947 p.12).

#### 7. Percalços

Nada encontrado.

#### 8. Transmissão

Não encontrado.

## 1941 – 4ª edição da CFS

### 1. Partida da CFS

Ipiranga (AMARO JR., 1947 p.12); Monumento do Ipiranga (SP): Fogo aceso na Igreja da Boa Morte, em São Paulo, homenageando Independência do Brasil (LDN, 2006).

- **Cerimônia de acendimento da tocha:** Não encontrado.
- **Autoridades presentes no acendimento da tocha:** Não encontrado.

### 2. Atletas que conduziram o Fogo Simbólico

Arno Franzen (Clube de Regatas Almirante Barroso) conduziu a tocha da Igreja do Rosário até o acendimento da Pira (CP, 02/09/1941 p.09); Argemiro da Silva (Ginásio Municipal São Jacó) conduziu no município de Novo Hamburgo e Willy R. Zimmermann transferiu a chama a pira desta cidade; Benno Kroeff, conduziu no município de Taquara (CP, 03/09/1941); Teófilo Morsch, acendeu a Pira em Canoas (CP, 04/09/1941). Antônio Rosa (campeão universitário brasileiro de 400 metros) acendeu o fogo da Pira da Pátria (SAFADY, 1960 p.66).

### 3. Percurso da CFS

**Não encontrado.**

- **Passagem pelo interior RS:** *Caxias*: “Entre extraordinárias manifestações populares, chegou ontem, em Caxias, o Fogo Simbólico. A praça Dante achava-se totalmente ocupada pela massa do povo que ali se comprimia, aguardando a chegada do fogo, a qual se deu as 8,40 horas, sendo imediatamente conduzido a Catedral desta cidade, acompanhado por grande numero de automóveis e motocicletas. Ao ser o fogo colocado no Altar da Pátria, a Banda do 9º B. C. tocou o Hino Nacional, que foi cantado pela massa popular. Naquela ocasião, em nome da Liga de Defesa Nacional, falou o dr. Eduardo Ruiz Caravantes, juiz de direito. A Prefeitura Municipal, a Liga de Defesa Nacional e o comando do 9º B. C. tomaram o maior interesse e todas as providências para recepcionar os atletas que conduziram o Fogo Simbólico. Na manhã de hoje, presente grande número de populares, o fogo foi conduzido até Farroupilha, tendo falado, no ato da saída, o capitão Antonio Borges Filho” (CP, 02/09/1941 p.04); *Canoas (02/09)*: “Precisamente as 22,30 horas de ante-ontem deu-se o encontro das autoridades na divisa municipal de Canoas

com Porto Alegre, tendo prefeito daquela comuna. Dr. Aluizio Escobar se congratulado em nome do povo canoense pela passagem da chama olímpica, e apresentou cumprimentos ao sr. Loureiro da Silva, prefeito dessa capital [Porto Alegre]” (CP, 02/09/1941 p.09); *Caí (01/09 C.P.)*: “Precisamente às 17 horas, chegou a esta cidade, conduzido por atletas montenegrinos, o ‘Fogo Simbólico da Pátria’. Nas margens do Rio Caí, divisa deste município com o de Montenegro, foi o facho recebido pelo prefeito da comuna, oficialidade do batalhão do Tiro de Guerra 471, outras autoridades civis e militares e eclesiásticas, alunos de todos os colégios da cidade, batalhão do tiro e uma extraordinária massa de povo. Nessa ocasião, produziu uma oração o dr. Antonio Antonello, representante do município de Farroupilha. Em seguida, foi cantado pelos presentes o hino nacional, organizando-se extenso préstito até o centro da cidade. Após cerimônias cívicas, prosseguiu o Fogo Simbólico, já conduzido por atletas caxienses, até a divisa do município de São Leopoldo, acompanhado pelo prefeito, oficiais do tiro e outros elementos de destaque. Recebeu o archote, no ponto de divisas dos dois municípios, o dr. Vilanova, representante do prefeito de São Leopoldo [...]” (CP, 02/09/1941 p.09); *Novo Hamburgo (01/09 Via Postal)*: “O fogo simbólico chegou às 19,30 horas a este município, sendo recebido na divisa por uma turma numerosa de atletas, comboiada por um grupo de motociclistas e numerosos automóveis. Recebeu o archote das mãos de um atleta caxiense o aluno do Ginásio Municipal São Jacó [...] A’ praça 14 de Julho, junto ao altar da Pátria, uma multidão comprimia-se [...] a fim de assistir a solenidade da transmissão da chama à pira desta cidade [...] Nessa ocasião discursou o prefeito municipal [...] sendo em seguida, cantado o hino nacional [...] Pelo dr. Moacyr Dorneles, promotor público de Taquara, foi, após, em um discurso, transmitido o fogo à embaixada aquele município [...] Em seguida, prosseguiu, também o archote para essa capital, novamente comboiado por motociclistas e automóveis até a divisa do município, onde foi recebido pela missão de São Leopoldo [...]” (CP, 03/09/1941 p.04); *Flores da Cunha (29/08 Via Postal)*: “Passou, ontem, por esta cidade, o fogo simbólico, que partiu do Ipiranga, com destino a essa capital. No rio das Antas, o prefeito de Antonio Prado, major Valdemar Miranda, passou às mãos do prefeito deste município, dr. Oto Trindade, o archote, que foi

conduzido até Caxias por um grupo de cinquenta atletas locais, acompanhados por diversas autoridade e pessoas gradas [...] Na passagem por esta cidade, o facho demorou-se algum tempo na igreja matriz, onde foi saudado pelo rev. padre Eugenio de Garibaldi, vigário desta paróquia” (CP, 03/09/1941 p.04); *Cruz Alta (02/09 C.P.)*: “[...] Entre grandes manifestações de civismo da assistência, a zero hora do dia 1º do corrente, começou a arder, na pira erguida à praça General Firmino, o fogo simbólico, trazido da cidade de Ijuí por um grupo de atletas dos regimentos e organizações esportivas desta cidade, tendo comparecido a essa cerimônia cívica, autoridades militares e civis e grande assistência. Ao acender o fogo na pira, fez uso da palavra, o capitão Flamario Barreto Lima. A seguir, foi cantado o hino nacional, encerrando-se então aquela cerimônia” (CP, 04/09/1941 p.04); *Santa Maria (02/09 C.P.)*: “[...] iniciada ontem a zero hora [as comemorações da Semana da Pátria] O fogo simbólico foi conduzido por atletas em corrida de revezamento desde o Quartel General da Infantaria Divisória, sendo solenemente colocado no altar da pátria ao som do hino nacional e ao espocar de rojões” (CP, 04/09/1941 p.04); *Canoas (03/09 Via Postal)*: “O Fogo Simbólico foi recebido na divisa do município, na ponte do Esteio, pelo prefeito municipal, dr. Aloísio de Escobar, sendo a tocha trazida até a Praça da Bandeira, por 50 atletas das associações e colégios dos município. Entregue a tocha ao veterano [atleta] este acendeu a pira do monumento à Pátria [...] A massa popular cantou então o hino nacional [...] Uma delegação de atletas, vinda da cidade de Gravataí, acendeu uma tocha para levar, o Fogo Simbólico da Pátria, através os dois municípios, até à Praça da histórica Aldeia dos Anjos. Seguiu-se a cerimônia religiosa penetrando o Fogo Simbólico no recinto da Matriz, onde os corredores cercaram o altar durante a oração pró-pátria, pronunciada pelo vigário da Paróquia, padre Leo Hartmann. Sob os acordes do hino nacional, tocado ao órgão pelo rev. Irmão Marcel, da Congregação Lasalista,, saíram os atletas, levando emparelhadas a tocha oficial e a do município de Gravataí, prosseguindo a corrida de revezamento com 50 atletas escolhidos” (CP, 04/09/1941 p.04); *São Jerônimo (01/09 Via Postal)*: “Com brilhantismo tiveram inicio ontem, a meia noite, as festividades da Semana da Pátria, com a chegada do Fogo Simbólico, aceso na lâmpada votiva da igreja Santa Bárbara, situada na Vila Arroio dos Ratos, e trazidos

por atletas dessa localidade, secundados por atletas locais. Ao percorrer o Fogo Simbólico as principais ruas da cidade, repicaram os sinos, ao soar uma salva de 21 tiros. Na Praça da Liberdade, perante milhares de pessoas, foi acesa a Chama Simbólica da Pátria, ao som do hino nacional” (CP, 04/09/1941 p.04); *Montenegro (01/09 Via Postal)*: Cerca das 12 horas de ontem, os sinos da matriz anunciavam a incursão do Fogo Simbólico no município de Montenegro, pela vila de Poço das Antas, distante 42 quilômetros dessa cidade. Precisamente, as 14,30 horas, debaixo do troar de bombas, repicar dos sinos e do entusiasmo da assistência [...] o fogo simbólico, que então era conduzido pela F. B. C. Montenegro, chegou ao portão principal da matriz [...] Após ter sido amarrada no archote, pelo prefeito Carlos Correa da Silva, a placa de Montenegro e aceso a pira dessa cidade, o fogo simbólico, às 15,15 horas, ainda conduzido pelos atletas locais, partia com destino a cidade de Caí, sendo acompanhado, de automóvel, por grande número de pessoas” (CP, 04/09/1941 p.04); *Alfredo Chaves (30/09 Via Postal)*: “No dia 29, a ‘Tocha do Fogo Simbólico’ que vem sendo carregada pelos atletas nacionais, desde as margens do Ipiranga, fez o percurso deste município [...] conduziu-se à divisa deste município com o de Bento Gonçalves, onde foi organizada uma recepção com a concentração de alunos de várias escolas rurais, devidamente uniformizados. Logo após a ‘Tocha Simbólica’ chegava, entre aclamações dos presentes, à margem do Rio das Antas, onde uma grande barcaça, ornamentada com as cores nacionais, aguardava os atletas e a caravana da Liga de Defesa Nacional, para travessia [...] O archote foi carregado desde a margem do Rio das Antas pelos alunos do Tiro de Guerra local. A entrada do ‘Fogo Simbólico’ na cidade, milhares de alunos de todos os colégios locais fizeram a saudação olímpica, elevando vivas ao Brasil, sob palmas e aclamações [...] Encerrada a cerimônia com o hino nacional, o ‘Fogo Simbólico’ foi depositado na Gruta N. S. de Lourdes, local onde celebraram um ritual solene [...] Em seguida, os atletas prosseguiram sua corrida para as divisas do município do Prata” (CP, 04/09/1941 p.04); *Bagé (03/09 Via Postal)*: “Iniciados no dia 1º do corrente com a chegada, a zero hora, do fogo simbólico, conduzido por atletas desde o Forte de Santa Tecla [...]” (CP, 05/09/1941 p.04); *Canela (05/09 C.P.)*: “Desde primeiro do corrente, com grande brilhantismo, as comemoração da

Semana da Pátria. À noite, um grupo de atletas, trouxe o fogo simbólico da vizinha localidade de Gramado, acendendo a pira erguida a praça João Correa, falando o sr. Otaveline Zeni. Por fim, grande parte da população e do Grupo Escolar local entoaram o hino nacional” (CP, 07/09/1941 p.04); *São Leopoldo (06/09 Via Postal)*: “[...] A chegada do fogo simbólico, no dia 31 de agosto, revestiu-se de solenidade, tendo formado a guarnição federal e comparecido grande massa popular que enchia todo o largo fronteiro ao Palácio Municipal, em cuja frente se achava instalado o altar da Pátria. Acendeu a pira o governante municipal, sendo em seguida entoado o hino nacional por todos os presentes” (CP, 07/09/1941 p.04);

- **Passagem por cidades do Brasil:** Não encontrado.

#### 4. Chegada da CFS

No dia 1º setembro a 0h em Porto Alegre (RS) (CP, 02/09/1941).

- **Cerimônia de acendimento da Pira:** “A’s 23 horas, sob entusiásticas aclamações, o ‘Fogo Simbólico’ atingiu a rua Vigário José Inácio, artéria tradicional da cidade e onde se acha localizada a Igreja do Rosário [...] Depois de conceder sua benção aos manifestantes, o arcebispo metropolitano, d. João Becker, conduziu a chama olímpica até o altar de Nossa Senhora Aparecida, iluminando-o com potente lâmpada votiva que arderá perpetuamente na tradicional Igreja [...] Depois de deixar a Igreja do Rosário, o ‘Fogo Simbólico’ se dirige para a avenida João Pessoa, entre calorosas ovações [...] Precisamente à 0 hora apagaram-se todas as luzes que iluminavam o ‘Altar da Pátria’. Chegara o Fogo Simbólico, cujo condutor, [...] sobre vagorosamente e solenemente a Pira, inflamando-o após saudação olímpica. No mesmo momento, repicam todos os sinos da cidade e businam os automóveis. Uma bateria do Centro de Preparação dos Oficiais da Reserva, magnificamente adextrada, encarrega-se das 21 salvas de estilo, e seus estrondos anunciam aos porto-alegrenses o início das comemorações da Independência [...] Após a execução do hino nacional, falou o dr. Loureiro da Silva, prefeito da cidade [...]” (CP, 02/09/1941 p.09).
- **Autoridades presentes no acendimento da Pira:** “[...] delegação da Liga de Defesa Militar tendo a frente o nosso companheiro Tulio de Rose [...] interventor federal no Estado, cel. Cordeiro de Farias, o comandante da 3ª Região Militar,



general Estevão Leitão de Carvalho; arcebispo metropolitano, d. João Becker; dr. Antonio Meireles Leite, secretário das obras públicas; dr. Coelho de Souza, secretário da Educação; dr. Ataliba Paz, secretário da Agricultura;; dr. Antonio Dias Lopes, representando o secretário da Fazenda; dr. Mário Antunes, representando o secretário do Interior; tem. cel. Aurélio da Silva Pi, chefe de polícia no Estado; dr. Loureiro da Silva, prefeito municipal; cel. Ângelo de Melo, comandante Geral da Brigada Militar; major Valter Perachi Barcelos, assistente militar de interventoria; dr. Bonifácio Paranhos da Costa, diretor do D. E. S.; dr. Irio do Prado Lisboa, diretor da Faculdade de Engenharia; bem como assim representações de departamentos estaduais, federais e municipais e demais autoridades” (CP, 02/09/1941 p.09).

#### **5. Extinção do Fogo Simbólico**

Às 24 horas do dia 07 de setembro. “[...] A convite do capitão Darci Vignoli, presidente da Liga de Defesa Nacional e a quem se deve as recentes comemorações cívicas, o nosso companheiro Tulio de Rose realizou a extinção solene do fogo simbólico, apagando a Pira da Pátria” (CP, 09/09/1941 p.12).

#### **6. Quilometragem percorrida**

2.123km (LDN, 2006; AMARO JR., 1947 p.12).

#### **7. Percalços**

Não encontrado.

#### **8. Transmissão**

Não encontrado.

### **1942 – 5ª edição da CFS**

#### **1. Partida da CFS**

Dia 08 de agosto no município São João Del Rei em Tiradentes (MG) (CP, 01/09/1942 p.12; LDN, 2006). Partiu das ruínas da casa onde nasceu o protomártir da Independência, no Estado de Minas Gerais (AMARO JR, 1944).

- **Cerimônia de acendimento da tocha:** Nada encontrado.
- **Autoridades presentes no acendimento da tocha:** Nada encontrado.

#### **2. Atletas que conduziram o Fogo Simbólico**

“O campeão continental Oscar Barbosa dos Santos, escoltado pelo campeão universitário Antonio Rosa e pelo campeão continental Eugênio Carlos Pinto, levou o archote até o alto da Pira” (CP, 01/09/1942 p.12); Otto Ritter conduziu até a Igreja N. S. das Dores (CP, 01/09/1942). Oscar Barbosa dos Santos (campeão sul americano de remo) acendeu o fogo da Pira da Pátria (SAFADY, 1960 p.66).

### **3. Percurso da CFS**

Exaltando as figuras exponenciais da Inconfidência Mineira passando por Belo Horizonte, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba e Florianópolis (LDN, 2006). Seis Estados, noventa e quatro municípios e mais de quinhentas localidades (CP, 01/09/1942 p.12). “A maratona do Fogo Simbólico até Porto Alegre constituiu um acontecimento verdadeiramente admirável, trazidos pelos atletas de todas as regiões do Brasil, desde a longínqua cidade de Tiradentes. E o archote continuou sua trajetória, para percorrer os municípios do sul do nosso Estado até alcançar a Barra do Chuí, extremidade meridional” (CP, 02/09/1942 p.03).

- **Passagem pelo interior RS:** “A Liga de Defesa Nacional recebeu um telegrama de Passo Fundo comunicando a partida da Centelha inflamada no facho simbólico, que dali saiu percorrendo os municípios de Carazinho e Cruz Alta, onde duas novas centelhas foram inflamadas, um em direção a Ijuí, Santo Angelo, São Luiz, São Borja, Itaqui, Uruguaiana e Quarai; outra deixou Cruz Alta, em direção a Santa Maria, onde novas serão inflamadas partindo em direção a São Sepé e Caçapava, outra a São Gabriel, São Sebastião e Bagé e duas outras inflamadas em São Gabriel, com destino a Alegrete e Livramento [...] Do Prefeito de Júlio de Castilhos: [...] A's 11,30 horas, entregaremos o fogo ao representante de Santa Maria, na divisa dos municípios [...] De Tupanciretã [...]: O Fogo Simbólico passou por este município na madrugada de hoje. Nossos atletas, em belíssima corrida, fizeram o percurso de 46 quilômetros em 3 horas e 45 minutos [das 2 horas da madrugada as 5:45h]. Apesar da hora tardia da passagem nesta cidade, grande massa do povo aguardou, com vivo entusiasmo, a chegada do facho, à Igreja local. O dr. Hélio Fernandes, prefeito municipal, acompanhou o fogo em todo o percurso, entregando o mesmo na divisa de Júlio de Castilhos [...] Em Estrela, com grande solenidade, foi inflamada uma centelha e, direção a Venâncio Aires, Santa Cruz, Rio Pardo e Encruzilhada [...] A centelha do Fogo Simbólico, que recebemos ontem [prefeito de

Venâncio Aires] do município de Lajeado, foi transmitida hoje pela madrugada a Santa Cruz. A Pira da Pátria nesta localidade será acesa as 24 horas de hoje, com grande solenidade [...] De Montenegro: [...] o Fogo Simbólico chegou ontem as 19,35 horas, a divisa deste município, atingindo a matriz da cidade as 22,45 horas [...] Foi cantado o hino nacional a passagem da tocha. O fogo foi retirado da matriz hoje as 5 horas, sendo entregue ao representante do Caí [...] Em Porto Alegre, após a chegada do facho simbólico, foi inflamado uma centelha que fará o seguinte percurso: Guaíba, primeiro de setembro, as 8 horas; Barra do Ribeiro, as 10,30 horas; Tapes, as 15 horas; Camaquã, dia 2 setembro as 7 horas; São Lourenço, no mesmo dia, as 14 horas, chegando a Pelotas as 20 horas do mesmo dia. De Pelotas uma centelha prosseguirá para Arroio Grande, Jaguarão e outra rumando para o município de Rio Grande, alcançando Santa Vitória, até chegar a Barra do Chuí” (CP, 01/09/1942 p.12); *São Leopoldo (29/08 Via Postal)*: “O facho do Fogo Simbólico é aguardado no próximo dia 31 do corrente mês” (CP, 01/09/1942 p.02); *São Leopoldo (31/08)*: “Temos a imensa satisfação de comunicar ao amigo a passagem, hoje, as 9,30 horas, nesta cidade [...] trazido do glorioso berço da Inconfidência Mineira, foi aqui recebido na Praça Tiradentes [...] onde acendemos a Pira [...] Amanhã às 8,30 horas, na presença de autoridades e do povo, partirá para o interior do município, afim de acender as piras nos altares da Pátria em todas as sedes distritais, não percorridas pelo fogo simbólico trazido de Minas Gerais, facho que levará a todos os recantos do território municipal a chama de nossa grande fé nos destinos gloriosos e imperecível do Brasil” (CP, 02/09/1942 p.06); *Caxias (26/08 Via Postal)*: “Deverá chegar hoje a tarde, a esta cidade, o Fogo Simbólico, que será recolhido a Catedral local. Deverá falar na ocasião o capitão Mario Fonseca, em nome da Liga de Defesa Nacional” (CP, 01/09/1942 p.02); *Carasinho (29/08 C. P.)*: “Hoje, precisamente às 12 horas, chegou aqui, trazido por atletas da E. M. I. 396, desta cidade o Fogo Simbólico, que se destina à Santa Maria, vindo acompanhado pelo dr. Vitor Graeff, prefeito de Passo Fundo e tenente Carlos Frederico Cotrin, do 8º R. I. O facho foi recebido na divisa do município pelo prefeito e representantes da Liga de Defesa Nacional. Na Matriz foi acesa pelo prefeito, tendo o Fogo Simbólico, após o discurso do dr. Edgar Kasper, prosseguindo sua rota, com destino a Cruz

Alta, acompanhado por autoridades locais” (CP, 01/09/1942 p.02); *Ijuí (01/09)*: “O facho do Fogo Simbólico foi recebido em Fachinal, ontem, a uma e meia horas, e entregue a municipalidade de Santo Ângelo, em Catuípe, as seis e meia horas do mesmo dia. No trajeto por este município, o Archote foi recebido pelos agricultores [...] Tomaram parte na corrida setenta e um atletas, todos rigorosamente uniformizados, sendo trinta e cinco do Tiro de Guerra, vinte e dois do Instituto Comercial e quatorze do Clube Comercial” (CP, 01/09/1942 p.05); *Campo Bom (31/08 Por telefone)*: “A passagem do Fogo Simbólico por esta vila verificou-se as 19,30 horas, constituindo um verdadeiro acontecimento. A’ frente da Sociedade Concórdia, achava-se armado o altar da pátria, sendo a pira acesa entre cantos patrióticos. Depois de vários discursos e outras manifestações, o fogo simbólico foi transportado rumo a essa capital” (CP, 01/09/1942 p.12); *Marechal Floriano (ex Novo Hamburgo, 01/09 Via Postal)*: Com a vinda do Fogo Simbólico, iniciaram-se, segunda-feira, a noite, as comemorações da Semana da Pátria [...] A chama sagrada da Pátria chegou a divisa do município pelas 20,30 horas, sendo aguardada por uma grande multidão, sendo o archote recebido pelos atletas locais, representativos de diversas corporações desportivas, Tiro de Guerra, Escola de Instrução Militar, Escoteiros, etc., que o conduziram até a praça 14 de Julho, onde se acha armado o Altar da Pátria, artisticamente construído [após acender a Pira] o Fogo Simbólico prosseguiu a sua marcha [...]” (CP, 02/09/1942 p.02); *Barra do Ribeiro (01/09)*: “Tendo partido de Guaíba as 8 horas, o Fogo Simbólico chegou as 10,40 horas, sendo acesa a Pira com solenidades de estilo. Sob grandes aclamações populares seguiram três archotes para Mariana Pimentel, Sertão de Santana e Tapes [...]” (CP, 02/09/1942 p.06); *Rio Pardo (29/08)*: “O Fogo Simbólico será, recebido na divisa do município no dia 31 as 10 horas e entregue à Encruzilhada no mesmo dia, as 16 horas” (CP, 02/09/1942 p.06); *Montenegro (31/08)*: “[...] o Fogo Simbólico chegou, ontem, as 19,35 horas na divisa deste município, atingindo a matriz da cidade às 22,15 horas [...] O fogo foi retirado da matriz, hoje, as 6 horas, sendo entregue ao representante de Caí na divisa do município” (CP, 02/09/1942 p.06); *Cachoeira (31/08)*: “[...] recebido, hoje, nesta cidade o Fogo Simbólico da Unidade Nacional. O facho foi conduzido pelos atletas

caçapavanos [...] Levaremos amanhã a divisa de Lavras, no Rio Camaquã [...]” (CP, 02/09/1942 p.06); *Torres*: [...] a centelha do Fogo Simbólico chegou ontem a esta cidade, as 5,45 horas” (CP, 04/09/1942 p.04); *São Luiz*: [...] o facho do Fogo Simbólico foi recebido a zero hora do dia 1º sob magnífica demonstração de entusiasmo cívico. A’s 10 horas do dia 1º entregamos a tocha, solenemente, na divisa do município, ao prefeito de São Borja” (CP, 04/09/1942 p.04); *Tapes*: “O fogo da Pátria chegou nesta cidade a zero hora, seguindo logo após para Camaquã [...]” (CP, 04/09/1942 p.04); *Encruzilhada (01/09)*: “O Fogo Simbólico foi recebido as 17 horas do dia 31, distante 50 quilômetros dessa cidade. Fez a entrega o prefeito de Rio Pardo, Ernesto Wunderlich, ao prefeito de Encruzilhada, Honório Carvalho [...] O percurso foi feito entre vivas demonstrações de contentamento dos camponeses, alcançando a média de dez minutos por quilometro. A’ zero hora de hoje, foi aceso o fogo simbólico no majestoso altar da pátria, construído dentro da Praça Júlio de Castilhos” (CP, 04/09/1942 p.04); *Guaíba (02/09)*: “[...] o Fogo Simbólico partiu de Guaíba as 8 horas. Da Barra do Ribeiro as 10,50 horas, sendo entregue na divisa do município de Tapes, as 12,10 horas [...]” (CP, 04/09/1942 p.04); *Camaquã (02/09)*: “A’s 19 horas de ontem foi inflamada a pira, erguida na Praça 15 de novembro, nesta cidade, com o Fogo Simbólico da Pátria vindo desta capital [...] A’s 9 horas de hoje foi entregue o Fogo Simbólico da Pátria aos atletas de São Lourenço, no Passo do Mendonça” (CP, 04/09/1942 p.04); *Dom Pedrito (01/09)*: “[...] a corporação do 14º R.C.I. e o Ginásio Municipal trouxeram de São Sebastião a esta cidade o Fogo Simbólico, percorrendo os atletas 56 quilômetros, vencido em seis horas e vinte minutos” (CP, 04/09/1942 p.05); *Canoas*: “[...] recebeu, na noite do dia 31, o Fogo Simbólico. Uma centena de corredores, escalonados desde o Rio Esteio até o Gravataí uma guarda de honra composta de outros tantos corredores, todos eles cedidos pelas entidades esportivas e departamentos esportivos dos colégios locais, conduziram o facho através do município, nos 11 quilômetros da faixa de cimento” (CP, 04/09/1942 p.05); *Jaguarão*: “[...] o Fogo simbólico aqui chegou as 17,15 horas, conduzidos por atletas desse município” (CP, 06/09/1942 p.11); *Rio Grande*: “[...] ontem, as 7,30 horas, em São Gonçalo, recebi das mão do colega prefeito de Pelotas o Fogo Simbólico, aqui chegada as 17 horas [...] Em seguida, o Facho foi

transportado para a matriz de São Pedro, onde acendeu a lâmpada votiva” (CP, 06/09/1942 p.11); *São Lourenço*: “Comunico que o prefeito municipal recebeu o Fogo Simbólico as 9,30 horas da manhã do dia 02, no Passo do Mendonça e o entregou as 16 horas no Passo do Rio Grande [...] Tomaram parte na corrida cerca de 90 atletas, inclusive o Tiro de Guerra e do Destacamento Policial. As Piras desta cidade e de Boqueirão foram acesas com maior entusiasmo” (CP, 06/09/1942 p.11); *Osório*: “Temos a honra de comunicar a realização da corrida do Fogo Simbólico no município de Santo Antônio, Osório e Torres, num percurso de 100 quilômetros, alcançando feliz êxito” (CP, 06/09/1942 p.11).

- **Passagem por cidades do Brasil:** *Florianópolis*: “Agradecendo a diretoria regional da Liga de Defesa Nacional a comunicação da chegada a essa cidade do Fogo Simbólico [...]” (CP, 04/09/1942 p.04).

#### 4. Chegada da CFS

Dia 01 de setembro às 24 horas (CP, 01/09/1942 p.12).

- **Cerimônia de acendimento da Pira:** “Nos limites do município de Gravataí com Porto Alegre, o ‘Fogo Simbólico’ foi aguardado pelo dr. Loureiro da Silva, prefeito da capital, que se achava acompanhado dos chefes de todos os departamentos municipais [...] A passagem do ‘Fogo Simbólico’ pelo arrabalde S. João deu motivo a varias manifestações patrióticas, sendo recebido por mais de 5.000 pessoas na frente da sede do Grêmio Esportivo Rener [...] Acesa a pira armada na sede do citado grêmio, entoaram-se hinos patrióticos [...] Após atravessar toda a capital, o ‘Fogo Simbólico’ chegou as escadarias da Igreja de Nossa Senhora das Dores, cerca de 23,30 horas [...] Levado para a parte direita do altar-mor, s. excia. rvma. [d. João Becker] com ele acendeu a lâmpada votiva doada pelo comando da 3ª Região Militar [...] Retirado o fogo simbólico por um aluno da Escola Preparatória de Cadetes, a cerimônia terminou antes da meia noite com o hino nacional entoado por toda a multidão” (CP, 01/09/1942 p.12). “Mais de cinquenta mil pessoas se comprimiam no Parque Farroupilha, ao longo da avenida João Pessoa, onde se encontravam postados corpos da cavalaria e infantaria do Exército e da Brigada Militar e representações dos Tiros de Guerra e entidades esportivas [...] Sob grandes demonstrações de entusiasmo popular, chegaram ao local os atletas,

conduzindo o Fogo Simbólico [...] No momento em que era inflamada a Pira, fizeram-se ouvir alvoradas pelas Bandas de Música, salvas de Artilharia, repique de todos os sinos da capital, salvas de morteiros, em todos os distritos de Porto Alegre, apitos de vapores, de fábricas, sirenes de jornais, businas de automóveis. A seguir, fez uso da palavra o desembargador Vieira Pires, pronunciando a oração [...] Encerrando a solenidade, o capitão Darcy Vignoli agradeceu a presença de todos, ao mesmo tempo solicitava ao povo que o acompanhasse um grito de 'VIVA O BRASIL'. Elementos do Tiro de Guerra nº 399, da Barra do Ribeiro, continuaram a maratona, levando o archote para aquele município, de onde continuará, de mão em mão, até a Barra do Chuí" (CP, 01/09/1942 p.12).

- **Autoridades presentes no acendimento da Pira:** “[...] general Cordeiro de Farias, interventor federal [...] o comandante da Terceira Região Militar, general Benício da Silva, o comandante da Brigada Militar, coronel Ângelo Melo, diretório central da Liga de Defesa Nacional, tendo à frente o capitão Darcy Vignoli e sr. Fortunato Pimentel, drs. Coelho de Souza e Oscar Fontoura, respectivamente, secretários da Educação e da Fazenda, representantes das altas autoridades administrativas, um grupo de Samaritanas, chefiadas pela sra. Adila Gay da Fonseca e elementos do Estado Maior do Exército” (CP, 01/09/1942 p.12).

##### **5. Extinção do Fogo Simbólico**

Às 24 horas do dia 07 de setembro. “[...] o capitão Darcy Vignoli, presidente da Liga de Defesa Nacional, convidou o coronel Rinaldo Câmara a apagar o fogo simbólico, trazido de Minas Gerais, berço da Inconfidência, através [de] cidades e vilas, aldeias e povoados, na maior e mais empolgante maratona que a história registra” (CP, 08/09/1942 p.22).

##### **6. Quilometragem percorrida**

3.974km (LDN, 2006; AMARO JR., 1947 p.12; CP, 01/09/1942 p.12).

##### **7. Percalços**

Nada encontrado.

##### **8. Transmissão**

Rádio Difusora (CP, 01/09/1942 p.12).

## 1943 – 6ª edição da CFS

### 1. Partida da CFS

São Salvador (AMARO JR., 1947 p.12); Salvador (BA) (LDN, 2006).

- **Cerimônia de acendimento da tocha:** Nada encontrado.
- **Autoridades presentes no acendimento da tocha:** Nada encontrado.

### 2. Atletas que conduziram o Fogo Simbólico

Carlos Eugenio Pinto (campeão sul americano de salto triplo) acendeu a Pira em Porto Alegre, acompanhado do esportivo Mario Nascimento Medeiros (CP, 01/09/1943).

Carlos Eugênio Pinto (campeão sul americano de salto triplo) acendeu o fogo na Pira da Pátria (SAFADY, 1960 p.66).

### 3. Percurso da CFS

Fogo foi aceso na Basílica da cidade de Salvador (AMARO JR., 1944 p.40). Relembrando a primeira Capital do Brasil e o 1º Governador Geral, Thomé de Souza passou pelo Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Porto Alegre (LDN, 2006). “O percurso vencido pelos atletas compreendeu sete Estados brasileiros, Baía, Minas, Estado do Rio, Distrito Federal, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul” (MAZZONI, 1943/1944 p.235).

- **Passagem pelo interior RS:** *Antonio Prado (25/08 Via Postal):* “[...] O fogo simbólico, conforme comunicado da L. de Defesa Nacional, passará aqui no dia 31 do corrente” (CP, 01/09/1943 p.02).
- **Passagem por cidades do Brasil:** Nada encontrado.

### 4. Chegada da CFS

A 0 hora do dia 01 de setembro (CP, 01/09/1943).

- **Cerimônia de acendimento da Pira:** “Com admirável precisão, cerca das 22 horas apontava o atleta que conduzia o archote na divisa municipal [...] Entre aplausos e manifestações, passando de mão em mão, o archote percorreu então, diversas ruas e avenidas da capital, conduzido por atletas dos clubes e organizações esportivas e segundo o programa organizado pela F. A. R. G. em cooperação com a Liga de Defesa Nacional [...] Entre salvas de palmas e vivas da multidão, Carlos Eugênio Pinto [atleta] subiu a plataforma superior da pira e incendiou-a com o ‘Fogo



Simbólico', rompendo neste instante o hino nacional. Simultaneamente, os canhões deram a salva de vinte e um tiros. A seguir, usou a palavra o orador oficial [...]” (CP, 01/09/1943 p.08).

- **Autoridades presentes no acendimento da Pira:** “[...] gal. Cordeiro de Farias, interventor federal, e esposa, d. Avani Cordeiro de Farias; o gal. Valentin Benicio da Silva, comandante da Terceira Região Militar, secretários do Estado, outras autoridades civis e militares e muitas outras pessoas gradadas” (CP, 01/09/1943 p.08).

### 5. Extinção do Fogo Simbólico

Dia 07 de setembro. “Coube a honra de extinguir o Fogo Simbólico ao dr. Renato Costa, na qualidade de primeiro reservista do Exército Nacional. Na ocasião s. s. pronunciou um apreciadíssimo discurso. Encerrando a solenidade foram dadas as salvas de estilo e executado o hino nacional brasileiro” (CP, 09/09/1943 p.03).

### 6. Quilometragem percorrida

4.400km (AMARO JR., 1947 p.12); Cerca de 5.000km (MAZZONI, 1943/1944 p.235); 4.639km (LDN, 2006; CP, 01/09/1943 p.08).

### 7. Percalços

Nada encontrado.

### 8. Transmissão

Nada encontrado.

## 1944 – 7ª edição da CFS

### 1. Partida da CFS

“Da Igreja de N. Sra. dos Prazeres, situada sob o monte Guararapes [...] Prazeres é um pequeno município vizinho de Recife” (BAPTISTA, 1944 p.04); Recife (PE) (LDN, 2006); Guararapes (AMARO JR., 1947 p.12).

- **Cerimônia de acendimento da tocha:** Nada encontrado.
- **Autoridades presentes no acendimento da tocha:** Nada encontrado.

### 2. Atletas que conduziram o Fogo Simbólico

Darci Jardim (Grêmio Esportivo Renner) acendeu a Pira em Porto Alegre (CP, 01/09/1944). Enio Borges Prestes acendeu a Pira em Rio Pardo (CP, 03/09/1944 p.02).

Ângelo Tesser acendeu a Pira em Carasinho (CP, 07/09/1944 p.02). Arno Franzen (campeão sul americano de remo) acendeu o fogo da Pira da Pátria (SAFADY, 1960 p.66).

### 3. Percurso da CFS

“Pernambuco, terra de grandes heróis da nacionalidade” (AMARO JR., 1944 p.40). Relembrando os Guararapes e seus heróis: Vidal de Negreiros, Fernandes Vieira, Henrique Dias e Poty passou por Maceió, Aracaju, Salvador, Rio de Janeiro, Belo horizonte, são Paulo, Paraná, Santa Catarina e Porto Alegre (LDN, 2006). *Em Porto Alegre*: Rua Sertório, Avenida Eduardo, Rua Quintino Bandeira, Rua Conde de Porto Alegre, Rua do Parque, Rua Conselheiro Travassos, Rua Álvaro Chaves, Avenida Farrapos, Rua Ramiro Barcelos, Rua Cristóvão Colombo, Avenida Alberto Bins, Avenida Otávio Rocha, Rua Vigário José Inácio, Rua dos Andradas, Rua da Independência, Rua Barros Cassal, Avenida Osvaldo Aranha, Rua Sarmento Leite, João Pessoa, Pira – passando pelas igrejas do Rosário, das Dores e da Conceição, além da capela do Bom Fim para acender as respectivas lâmpadas votivas (CP, 01/09/1944).

- **Passagem pelo interior RS:** “Simultaneamente com as festividades nesta capital [Porto Alegre], foram inflamadas Piras da Pátria nos demais municípios do Rio Grande do Sul, iniciando-se, assim, em todo o Estado, as comemorações da Semana da Pátria de 1944” (CP, 01/09/1944 p.10); *Caí (26/08 Via Postal)*: “[...] Desde já há grande entusiasmo na população para a recepção do Fogo Simbólico, que transitará por aqui, na tarde do próximo dia 31 do corrente, com destino à pira da Pátria, nessa capital, onde deverá chegar a 0 hora desse dia” (CP, 02/09/1944 p.02); *Rio Pardo (01/09 C. P.)*: “Iniciaram-se os festejos da Semana da Pátria, com a corrida de revezamento do fogo simbólico, que, do Estádio Municipal a pira da Pátria, foi acompanhado por numerosa procissão da juventude esportiva, tiro de guerra e Grupo Ernesto Alves, que empunhavam tochas [...]” (CP, 03/09/1944 p.02); *Pinheiro Machado (01/09 C. P.)*: “[...] À zero hora, foi aceso o fogo simbólico no Altar da Pátria, erguido na Praça Angelino Goulart. O facho simbólico foi trazido por atletas desta cidade, desde o Passo da Candiota, nos limites com Bagé” (CP, 03/09/1944 p.02); *Santa Cruz (01/09)*: “[...] chegou, precisamente, a meia noite de

ontem, o Fogo da Pátria, aceso pelos atletas locais na chama vinda de Pernambuco” (CP, 05/09/1944 p.02); *Antonio Prado (31/08 Via Postal)*: “[...] Pelas 8,30 horas, sob o espocar de foguetes, palmas e vivas ao Brasil, surgiu, em uma volta da estrada, conduzido pelo dr. Adão Brum Viana, o Facho Sagrado da Pátria [...] Nesta cidade, sob salvas de palmas, foguetes e apitos de fábricas, em sincronização com festivo toque dos sinos, foi o Facho acender a Pira no Altar da Pátria, armado no recinto da Igreja Matriz [...] A seguir, debaixo de vivas ao Brasil, acompanhado de verdadeira multidão, foi o Facho Sagrado conduzido até o Rio das Antas, divisa com o município de Flores da Cunha [...]” (CP, 05/09/1944 p.02); *Bagé (01/09 Via Postal)*: “[...] O Fogo Simbólico, conduzido da divisa do município de São Gabriel, pelos atletas das unidades militares desta guarnição, chegou ao Altar da Pátria à 0 hora [...] Os atletas que conduziram as tochas do Fogo da Pátria do antigo Forte de Santa Tecla, cobriram o percurso em 30 minutos, saindo vencedora a equipe do 3º RADC” (CP, 05/09/1944 p.02); *Encantado (01/09 Via Postal)*: “[...] O Fogo Simbólico será recebido, na divisa do município de Encantado com o de Arroio do Meio, por uma turma de atletas do Tiro de Guerra e alunos da Escola Técnica de Comércio” (CP, 05/09/1944 p.02); *Santa Maria (02/09 C.P.)*: “O Fogo Simbólico, que foi recebido em Val da Serra por quarenta atletas santamarienses, acaba de chegar, sendo ovacionado por uma grande multidão, ao badalar do sinos de todos os cultos” (CP, 05/09/1944 p.02); *Garibaldi (02/09 Do correspondente)*: “[...] Ante-ontem, foi recebida a centelha do Fogo Simbólico na divisa com o município de Farroupilha e, ontem, à meia noite, foi dado o solene inicio às comemorações” (CP, 05/09/1944 p.02); *Rio Grande (05/09 C.P.)*: “O Fogo Simbólico foi recebido às margens do rio São Gonçalo, pelas autoridades locais, que o entregaram a atletas do Capão Seco, Povo Novo e Quinta, passando por essas localidades, sob grandes aclamações. Os atletas locais o conduziram até o altar da pátria, ali chegando as 17 horas, quando o aguardava enorme multidão [...] O Fogo Simbólico foi levado a igreja matriz, sendo colocado num altar. Esta manhã ,as 10,30, foi ele retirado por atletas de São José do Norte [...]” (CP, 06/09/1944 p.02); *Taquara (03/09 Via Postal)*: “[...] Precisamente às 23,45, acompanhada por uma formação de atletas, que empunhavam tochas, a comitiva deu entrada na zona suburbana da cidade [Essa comitiva] fora buscar, no

vizinho município de Novo Hamburgo, a centelha do Fogo Simbólico, no momento de sua passagem por essa cidade, vindo dos Montes Guararapes” (CP, 06/09/1944 p.02); *Canela (03/09 C.P.)*: “[...] Ante-ontem, o núcleo local da Liga de Defesa Nacional [...] foram buscar o Fogo Simbólico, em Gramado distrito de Taquara. Ao chegar aqui, as 21 horas, foi acesa a pira [...] (CP, 06/09/1944 p.02); *Montenegro (04/09 Via Postal)*: “Com a corrida de revezamento do Fogo Simbólico, trazido por atletas locais e que foi aceso, na vizinha cidade de Caí, no facho vindo de Guararapes [...] O archote, que chegou aqui as 19 horas, foi acolhido com grande manifestação popular, defronte a matriz da cidade” (CP, 06/09/1944 p.02); *Montenegro (02/09 Via Postal)*: “[...] Na divisa deste município com o de Caí, foi a chama recebida por uma comissão local [...] A frente da Igreja da Matriz, formaram os colégios e milhares de pessoas, que ovacionaram a chegada do contingente de atletas que escoltava o archote” (CP, 07/09/1944 p.02); *Carasinho (03/09 Via Postal)*: “[...] Às 13 horas do mesmo dia [01/09] chegou a esta cidade o Fogo Simbólico, que foi trazido por um grupo de atletas locais, que o foi receber na fronteira deste com o município de P. Fundo. Ao espocar dos foguetes, o facho chegou até o Altar, onde foi acesa a Pira [...] No mesmo instante, uma turma de atletas de Não-me-toque, 2º distrito, recebeu a chama, seguindo para aquela vila, onde chegou as 2,40 horas, sendo aceso no altar da Pátria dali, e seguindo para os distritos de Tapera, Cochinho, Selbach, donde prosseguiu para B. Esperança e para C. Alta, onde chegou as 22,30 horas” (CP, 07/09/1944 p.02); *Barra do Ribeiro (07/09 C.P.)*: “[...] O Fogo Simbólico, que partiu desta capital [Porto Alegre] à meia noite, passou em Guaíba e dali seguiu para aqui, onde foi recebido [...] Acendida a pira, daqui partiram centelhas do referido fogo para Mariana Pimentel, Sertão de Santana, Tapes, Colônia Barão do Triunfo, Camaquã, Paraguassu e S. Lourenço, para, por ultimo, atingir a cidade de Pelotas” (CP, 09/07/1944 p.02).

- **Passagem por cidades do Brasil:** Nada encontrado.

#### 4. Chegada da CFS

À zero hora do dia 01 de setembro (CP, 01/09/1944).

- **Cerimônia de acendimento da Pira:** “Às 22 horas, a embaixada do Fogo Simbólico, chefiada pelo nosso companheiro e seu organizador, o jornalista Túlio de

Rose, atingiu a divisa de Porto Alegre com Canoas [após passar pelas ruas de Porto Alegre, com parada especial no Bairro São João] foi inflamada a Pira da Pátria pelo atleta que conduzia o archote, ouvindo-se, então, o Hino Nacional por várias bandas militares, uma salva de artilharia de 21 tiros por uma bateria do CPOR desta capital, ao mesmo tempo que repicavam os sinos das igrejas próximas [...] Após fala o discurso oficial [...]” (CP, 01/09/1944 p.10).

- **Autoridades presentes no acendimento da Pira:** “[...] o interventor federal, o comandante da Região, secretários do Estado, prefeito da capital, chefe de Polícia e outras altas personalidades do mundo oficial, assim como diretores da Liga de Defesa Nacional, representações diversas, etc.” (CP, 01/09/1944 p.10).

#### **5. Extinção do Fogo Simbólico**

A 0 hora do dia 07 de setembro. “Após, após o cap. Darcy Vignoli, chefe de Polícia, como presidente do diretório regional da Liga de Defesa Nacional, ordenou [que] fosse extinto o ‘Fogo Simbólico’, o que foi feito pelo jornalista Túlio de Rose, realizador da grande marcha do Archote, ao som do Hino Nacional e sob salva de diversos canhões” (CP, 09/09/1944 p.04).

#### **6. Quilometragem percorrida**

6.367km (LDN, 2006; AMARO JR., 1944 p.40; BAPTISTA, 1944 p.04); 6.279km (AMARO JR., 1947).

#### **7. Percalços**

Nada encontrado.

#### **8. Transmissão**

Nada encontrado.

### **1945 – 8ª edição da CFS**

#### **1. Partida da CFS**

Natal (AMARO JR., 1947 p.12). Monte Castelo, na Itália (LDN, 2006).

- **Cerimônia de acendimento da tocha:** Nada encontrado.
- **Autoridades presentes no acendimento da tocha:** Nada encontrado.

#### **2. Atletas que conduziram o Fogo Simbólico**

Érika Renner (atleta gaúcha recordista brasileira) conduziu o Fogo até Pira, onde o Cap. Joaquim da Rosa Cruz (Força Expedicionária Brasileira) acendeu em Porto Alegre (CP, 01/09/1945). João Adornetti Castro acendeu a Pira em Camaquã (07/09/1945). Major Joaquim Rosa Cruz (Força Expedicionária Brasileira) acendeu o fogo da Pira da Pátria (SAFADY, 1960 p.66).

### 3. Percurso da CFS

Comemorou-se a vitória dos Aliados na II GG. Percurso a pé até Nápoles e via aérea, veio a Natal, de onde seguiu para Porto Alegre (LDN, 2006). “A grande arrancada cívica, realização empolgante e tradicional da Liga de Defesa Nacional, partiu de Natal, da Base de Parnamirim. A Chama simbólica que incendiou o archote fora trazida, por via aérea, da Itália. Nessa viagem primeira cruzando os Apeninos<sup>58</sup> e voando sobre o Mediterrâneo e através o Atlântico, seguiu o fogo da Pátria o mesmo roteiro cobertos pelas forças brasileiras em sua gloriosa jornada de guerra. E assim o fazendo, ligou, num expressivo simbolismo, Natal – trampolim da Vitória, e Monte Castelo – cenário do grande feito militar da FEB, esses dois marcos imperecíveis que lembrarão para a posteridade o relevante papel desempenhado pelo Brasil na guerra de libertação dos povos oprimidos” (CP, 01/09/1945 p.08).

- **Passagem pelo interior RS:** *Antonio Prado (31/08 Via Postal):* “[...] Assim, hoje, pela manhã, na divisa deste município com o de Vacaria [...] aguardava a vinda do facho da pátria [...] Na igreja-matriz, o fogo acendeu a pira [...] Momentos após, numerosos atletas conduziam o facho rumo ao município de Flores da Cunha [...]” (CP, 05/09/1945 p.02); *São Jerônimo (03/09 Via Postal):* “A 31 do mês recém findo, a zero hora, perante numerosa assistência, chegou, aqui, o Fogo Simbólico que percorreu as ruas principais [...] Após ser acesa a pira da pátria [...] atletas, conduziram a chama para as minas do Arroio [...]” (CP, 05/09/1945 p.02); *Canoas (06/09 Via Postal):* “[...] Na noite de 31 para 1º, foi recebido com toda solenidade o fogo simbólico, que daqui foi ramificado para o 2º distrito [...]” (CP, 06/09/1945 p.02); *Tapes (05/09 Via Postal):* “A’s 13 horas do dia 1º do corrente, o prefeito municipal [...] recebeu, na divisa do município, o ‘Fogo Simbólico’, que era conduzido [...] pelo prefeito de Guaíba [...] Conduzida a chama votiva por diversas atletas, chegou a

---

<sup>58</sup> Cadeia dos Apeninos.

esta cidade as 16 horas [...] Terminadas as manifestações cívicas, uma outra comitiva [...] acompanhou os atletas que foram levar o Fogo Simbólico até a divisa do município, onde foi entregue ao prefeito de Camaquã, que o aguardava” (CP, 06/09/1945 p.06); *General Vargas (03/09 Via Postal)*: “Às 19 horas do dia 31, partiu o fogo simbólico para a cidade de Cacequi. O archote foi aceso na lâmpada da igreja matriz. Fizeram o transporte atletas daquela cidade” (CP, 07/09/1945 p.02); *Camaquã (02/09 Via Postal)*: “Pelos atletas do Grêmio Esportivo Camaquense e por praças do destacamento da Brigada Militar do Estado [...] foi conduzido o fogo simbólico, desde o Passo da Maria Gomes até esta cidade, aqui chegando as 20 horas, sendo aclamado por grande massa popular, postada à praça 15 de Novembro, onde se acha erguida a Pira da Pátria [...] Amanhã, pelos mesmos atletas, será o fogo simbólico conduzido até as divisas deste município com o de São Lourenço do Sul” (CP, 09/09/1945 p.02).

- **Passagem por cidades do Brasil:** Nada encontrado.

#### 4. Chegada da CFS

À 0 hora do dia 01 de setembro (CP, 01/09/1945 p.08).

- **Cerimônia de acendimento da Pira:** “Cerca das 22 horas, bandas de clarins e salvas de artilharia anunciavam ao povo de Porto Alegre que o ‘Fogo Simbólico’ chegara aos limites do município [...] Vindo de Canoas, o archote foi recebido na divisa desse município com a capital [...] Imediatamente a tocha tomou o rumo do centro da cidade, conduzida por atletas pertencentes a Escola Preparatória de Porto Alegre, Tiros de Guerra ns. 4 e 318, aos clubes esportivos porto-alegrenses, contando-se nesta representações campeões do Brasil e sul-americanos [...] Antes de atingir o Parque Farroupilha, onde deveria incendiar a Pira da Pátria, o archote passou pelas igrejas de N. S. da Conceição, do Rosário, de N. S. das Dores, e, pela primeira vez, esteve na Catedral Metropolitana, onde teve lugar belíssima cerimônia [...] O fogo ainda esteve na capela do Bom Fim [...] Minutos antes da meia noite, grande multidão enchia as imediações da Pira da Pátria [...] Por detrás [da Pira], a Liga de Defesa Nacional fez erguer três esplendidos obeliscos, dois recordando as corridas anteriores, e o central, em homenagem aos bravos soldados combatentes do Brasil [...] Os obeliscos estavam ligados por um grande ‘V’ da Vitória, com as

cores nacionais [...] Precisamente as 23,55 horas, as sirenes dos carros do 2º R.M.M., assim como o espocar de foguetes anunciavam a massa ali reunida, a chegada do archote, recebido com aplausos consagradores [...] Aproximando-se o instante solene de ser inflamada a Pira da Pátria, a senhorita [...] passou o archote ao capitão [...] o momento preciso da meia-noite, anunciado pelo apagar das luzes no Parque Farroupilha incendiou então o fogo que arderá durante toda a ‘Semana da Pátria’ [...] as bandas militares fizeram ouvir o hino nacional, enquanto uma bateria do C.P.O.R. dava as salvas de estilo [após] pronunciou o discurso oficial [...] Foram lidas, após, diversas mensagens trazidas pelo jornalista Túlio de Rose, procedentes de diversas cidades atravessadas pelo fogo simbólico [...]” (CP, 01/09/1945 p.08).

- **Autoridades presentes no acendimento da Pira:** “[...] srs. interventor federal, tenente-coronel Ernesto Dorneles, o general Estillac Leal, que responde pelo comando da Terceira Região Militar, secretários de Estado e outras altas figuras do nosso mundo oficial, o capitão Darci Vignoli, presidente da Liga de Defesa Nacional, e demais dirigentes da Liga, elementos representativos civis, militares e eclesiásticos e senhoras da nossa sociedade” (CP, 01/09/1945 p.08).

### **5. Extinção do Fogo Simbólico**

Às 24 horas do dia 07 de setembro. “Uma bateria do CPOR deu as salvas de artilharia, ouvindo-se o toque de ‘silêncio’ e ‘alvorada’, enquanto bandas de musica tocavam o hino nacional. A chama foi apagada pelo jornalista Túlio de Rose, a quem se deve o êxito da grande marcha” (CP, 09/09/1945 p.20).

### **6. Quilometragem percorrida**

6.367km (AMARO JR., 1947 p.12); 6.370km (LDN, 2006); 5.279km (CP, 01/09/1945 p.08).

### **7. Percalços**

Nada encontrado.

### **8. Transmissão**

Nada encontrado.



## 1946 – 9ª edição da CFS

### 1. Partida da CFS

Fortaleza (CE) (AMARO JR., 1947 p.12). Washington, nos EUA (LDN, 2006). Tumulo de Roosevelt, em *Hyde Park* (CP, 01/09/1946).

- **Cerimônia de acendimento da tocha:** Nada encontrado.
- **Autoridades presentes no acendimento da tocha:** Nada encontrado.

### 2. Atletas que conduziram o Fogo Simbólico

Carlos Montagna (campeão brasileiro de ciclismo) acendeu o fogo da Pira da Pátria (SAFADY, 1960 p.66).

### 3. Percurso da CFS

Homenagem à memória do Presidente Roosevelt. Veio de avião até Fortaleza e daí fez o revezamento pelas capitais no mesmo roteiro de 1945 (LDN, 2006).

- **Passagem pelo interior RS:** *Gravataí (02/09 Via Postal)*: “[...] O fogo simbólico da Pátria, cujo facho luminoso partiu de *Hyde Park*, ao lado do tumulo do maior vulto da democracia americana, Franklin Roosevelt, foi conduzido por um grupo de atletas desta cidade, que o recebeu na cidade de São Leopoldo. A’ chegada a praça, sob o repicar dos sinos da Igreja Matriz e estrugir de dinamites, os atletas conduzindo o archote dirigiram-se ao templo local” (CP, 08/09/1946 p.02); *Bento Gonçalves (31/08 Via Postal)*: “Chegou, hoje, procedente de Garibaldi, uma centelha do fogo simbólico e que foi recebida na divisa com aquele Município [...] Transportado por atletas, chegou, ao escurecer, sendo levado a matriz local de onde será transportado a 7 de setembro, para a Pira que será armada de frente ao Palácio Municipal” (CP, 12/09/1946 p.02); *Santa Cruz (07/09 Via Postal)*: “[...] Precisamente a meia noite do dia 1º setembro, chegou, conduzido pelos atletas locais, acompanhado por mais de 100 tochas, o fogo simbólico, que foi aceso na pira armada no largo da Matriz, perante enorme assistência [...]” (CP, 13/09/1946 p.02); *Tapes (12/09 Via Postal)*: “[...] No dia primeiro [...] A’ tarde às quatorze horas, foi recebido o fogo simbólico [...]” (CP, 12/09/1946 p.02); *São Jerônimo (03/09 Via Postal)*: “A zero do dia 31 foi inflamada a Pira da Pátria, na praça Julio de Castilhos, tendo o fogo simbólico, vindo do município de Triunfo que tirou-o do fogo aceso junto ao túmulo de Roosevelt.

Daqui foi o fogo conduzido por atletas para as localidades de Charqueadas e vila Arroio dos Ratos [...]” (CP, 14/09/1946 p.02).

- **Passagem por cidades do Brasil:** Nada encontrado.

#### 4. Chegada da CFS

À 0 hora do dia 01 de setembro (CP, 01/09/1946 p.24).

- **Cerimônia de acendimento da Pira:** “[...] A chegada da delegação que conduzia o fogo simbólico a esta capital verificou-se as 23 horas [...] O largo da Pira encontrava-se feéricamente iluminado, destacando-se na armação do fundo um grande letreiro onde se lia ‘A liberdade é o fogo que ilumina o caminho da paz’, ladeado pelas datas ‘1922’ e ‘1946’ [...] Momentos antes da zero hora deu entrada no recinto da formações militares um piquete do Terceiro Regimento de Cavalaria Divisionária precedendo o atleta que conduzia o archote que iluminaria a Pira da Pátria momentos depois. Um carro de bombeiros vinha após sirenando e iluminando os demais carros do cortejo que chegava. Sob entusiasmo geral o atleta subiu a longa escada da Pira permanecendo alguns minutos da hora precisa, que foi anunciada com a extinção das luzes do ambiente. Nessa altura, foi ateado fogo à Pira, seguindo-se as salvas de artilharia que assinalavam o acontecimento. Uma banda militar postada junto ao palanque, executou o Hino Nacional, cantado por todos os presentes [...] A seguir, usou da palavra, como orador oficial [...] o prefeito da cidade [...] um coro de 100 vozes do Colégio Americano e do Instituto Porto Alegre, na presença de altas autoridades civis e militares, entou o Hino Norte Americano, seguindo-se, depois, a vocalização de ‘Deus Salve a América’, pelo Orfeão Riograndense” (CP, 01/09/1946 p.24-10).
- **Autoridades presentes no acendimento da Pira:** “[...] dr. Cilon Rosa; interventor federal, gal Gustavo Cordeiro de Farias, comandante da Região; ministro José Acioli Peixoto, presidente do Tribunal de Contas do Estado; cel. Justino Marques de Oliveira e ten. cel. Walter Perachi de Barcelos, comandante e chefe do Estado Maior da Brigada Militar; dr. Otacílio Morais, secretário do Interior; dr. Desidério Finamor, secretário da Agricultura; dr. Brochado da Rocha, secretário da Educação; dr. Roque Aita Junior e dr. Nelson Martins, respectivamente chefe de Polícia do Estado e delegado auxiliar; dr. Egídio Costa, prefeito da Capital; d. Odila Gay da Fonseca,

presidente da Cruz Vermelha Brasileira; cel. Armando Cattani, da Liga de Defesa Nacional, representantes do clero, oficiais superiores do Exército e da Brigada Militar e representantes da imprensa” (CP, 01/09/1946 p.24).

### **5. Extinção do Fogo Simbólico**

Às 24 horas do dia 07 de setembro. “Junto a gigantesca pira, localizada à avenida João Pessoa, em frente a rua Luiz Afonso, as 24 horas, foi solenemente extinto o Fogo Simbólico, cabendo essa honra ao desportista Túlio de Rose, que dirigiu a grande maratona desde Fortaleza até a capital” (CP, 08/09/1946 p.04).

### **6. Quilometragem percorrida**

7.100km (AMARO JR., 1947 p.12); 5.459km (LDN, 2006).

### **7. Percalços**

Nada encontrado.

### **8. Transmissão**

Nada encontrado.

## **1947 – 10ª edição da CFS**

### **1. Partida da CFS**

13 de agosto no cemitério de Pistóia, na Itália (CP, 07/09/1947). Cemitério de Pistóia, Itália (LDN, 2006).

- **Cerimônia de acendimento da tocha:** Nada encontrado.
- **Autoridades presentes no acendimento da tocha:** Nada encontrado.

### **2. Atletas que conduziram o Fogo Simbólico**

Túlio de Rose foi mencionado como desportista que carregou a tocha desde Pistola, Itália (CP, 02/09/1947). Capitão Mário Márcio Cunha (Força Expedicionária Brasileira) acendeu o fogo da Pira da Pátria (SAFADY, 1960 p.66).

### **3. Percurso da CFS**

Em memória dos que tombaram pela liberdade do mundo. Foi a Roma e, daí, de avião, veio até o Rio de Janeiro, seguindo para o Sul (LDN, 2006).

- **Passagem pelo interior RS:** “Daquela chama tão invocadora, foram retiradas centenas de centelhas, que percorreram o Estado e, nesta capital [Porto Alegre],

foram derivadas para as pequenas piras, instaladas na grande maioria dos estabelecimentos de educação de Porto Alegre” (CP, 07/09/1947 p.28). *São Lourenço (22/08 C.P.)*: “No próximo dia 2 de setembro, na localidade de Boqueirão, uma comissão do núcleo local da Liga de Defesa Nacional, autoridades e atletas, aguardarão ali a passagem do ‘Fogo Simbólico’ que procede do Cemitério de Pistoia, na Itália, em comemoração à ‘Semana da Pátria’” (CP, 02/09/1947 p.02); *Guaíba (01/09 C.P.)*: “Ontem, uma comissão [...] foi a São Leopoldo buscar o Fogo Simbólico a fim de dar início, nesta cidade, aos festejos da Semana da Pátria. O archote que foi aceso além da ponte do rio dos Sinos, chegou a esta cidade, as 11,30 horas, tendo feito a travessia do Guaíba na barçaça do D.A.E.R. e foi imediatamente levado para a igreja matriz onde se acendeu a lâmpada votiva. Hoje às 9 horas, um grupo de atletas da Barra do Ribeiro levou o archote até a praça da Bandeira, onde o reverendo José Tichemborguer acendeu a pira da Pátria sob uma calorosa salva de palmas, sendo dada uma salva de 21 tiros e cantado o hino nacional [...]” (CP, 02/09/1947 p.02); *Montenegro (31/08 C.P.)*: “Iniciando as comemorações da ‘Semana da Pátria’ chegou aqui ontem a 0 hora, o ‘Fogo Simbólico’ sendo recepcionado na Praça Independência onde foi acesa a Pira pelo prefeito municipal ao som do Hino Nacional [após houve discurso]” (CP, 04/09/1947 p.02); *São Pedro (03/09 C.P.)*: “O fogo simbólico foi conduzido até a divisa do município pelo prefeito de Santa Maria [...] sendo precedido por atletas do 3º B.C.C. daquela cidade. A chama cívica foi recebida sobre o rio Ibicuí, pelo prefeito Plauto de Abreu, que ali compareceu acompanhado de autoridades, pessoas gradas e atletas do Esporte Clube União Sanpedrense, sendo a chama levada, em seguida, até a histórica igreja [...] Hoje, a tarde, os desportistas locais, acompanhado do prefeito e demais autoridades e numerosas pessoas, levarão a centelha até a divisa do município General Vargas [...]” (CP, 04/09/1947 p.02); *Rio Grande (03/09 C.P.)*: “O ‘Fogo Simbólico’ foi recebido, hoje, do outro lado do São Gonçalo, pelas autoridades e atletas citadinos precisamente as 11,30 horas. Em seguida, foi acesa a Pira no Altar da Pátria [...] Quinta-feira, amanhã, o Fogo Simbólico será levado para São José do Norte” (CP, 04/09/1947 p.02); *Santa Cruz do Sul (04/09 C.P.)*: “[...] Precisamente à 0 hora do dia 1º, chegou a tocha vinda de Pistoia que foi recebida

nos arredores da cidade por grande número de atletas, os quais acompanharam o 'Fogo Simbólico' até a Pira, armada na Praça Getúlio Vargas, onde foi acesa ao som do Hino Nacional" (CP, 09/09/1947 p.02); *São Lourenço (30/08 C.P.)*: "[...] Dia 02, chegada do Fogo Simbólico, cuja tocha foi acesa no cemitério de Pistoia, na Itália, às 12 horas em Boqueirão" (CP, 10/09/1947 p.02); *Cruz Alta (03/09 C.P.)*: "[...] Ontem, às 20,30 horas, foi aceso o Fogo Simbólico na pira que se acha armada na praça Gal. Firmino [...] O Fogo Simbólico, que procede do cemitério de Pistoia, onde jazem soldados da FEB foi recebido na divisa deste município com o de Carazinho [...] Após a cerimônia de recepção da tocha do Fogo Simbólico, que até ali foi conduzida pela representação do governo municipal de Carazinho, foi ela entregue a um grupo de atletas da Liga de Reservistas deste município que a conduziram a esta cidade" (CP, 10/09/1947 p.02); *Camaquã (04/09 C.P.)*: "[...] A' noite [do dia 1º] deu-se a chegada do Fogo Simbólico, que veio conduzido de Tapes por um grupo de Atletas do Ginásio São João Batista e dos clubes desportivos Atlético e Guarani, ficando na Praça 15 de Novembro, onde está erguida a 'Pira' da Pátria" (CP, 12/09/1947 p.02); *Canoas (09/09 C.P.)*: "[...] No campo do 'Frigoríficos Nacionais F. C.' esteve instalada a pira, onde já a diversos anos é aceso o fogo simbólico [...] Pelos atletas do referido clube foi deslocado uma centelha do fogo simbólico, vindo de Pistoia, para as comemorações locais, na ponte do rio Gravataí" (CP, 13/09/1947 p.02); *Bagé (08/09 C.P.)*: "[...] Os atos comemorativos tiveram início dia 6, as 22 horas, com a chegada do fogo simbólico a Matriz de Na. Sa. Auxiliadora [...] A's 23 hs, por uma equipe de atletas, foi o fogo simbólico conduzido daquele templo até a Praça Silveira Martins [...]" (CP, 13/09/1947 p.02); *Vila Três Coroas (08/09 C.P.)*: "[...] Três Coroas teve o prazer de mais uma vez receber o Fogo Simbólico, que aqui chegou às 16 horas do dia 6, conduzido desde a divisa deste distrito com o de Igrejinha por um grupo de atletas locais" (CP, 13/09/1947 p.02).

- **Passagem por cidades do Brasil:** Nada encontrado.

#### 4. Chegada da CFS

À 0 hora do dia 01 de setembro (CP, 02/09/1947 p.14).

- **Cerimônia de acendimento da Pira:** "O governador do Estado, dr. Valter Jobim, recebeu o archote e o entregou ao major Juremir Pires de Castro, oficial

expedicionário, tendo este membro da FEB inflamado a pira da Pátria, ao mesmo tempo em que uma bateria de canhões saudava a abertura da comemorações cívicas de setembro com o ribombar de 21 tiros [após houve discurso]" (CP, 02/09/1947 p.14).

- **Autoridades presentes no acendimento da Pira:** Estavam presentes altas autoridades (CP, 02/09/1947). Não são citados os nomes como nas edições anteriores.

#### **5. Extinção do Fogo Simbólico**

Às 24 horas do dia 07 de setembro (CP, 07/09/1947).

#### **6. Quilometragem percorrida**

3.535 km (LDN, 2006).

#### **7. Percalços**

Nada encontrado.

#### **8. Transmissão**

Nada encontrado.

## 8.2. Apêndice B – Termo de Consentimento e Declaração do Entrevistado

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

Você está sendo convidado, como voluntário, a participar desta pesquisa, por se enquadrar no perfil necessário para que a mesma se realize. O objetivo deste estudo é compreender as representações da identidade cultural brasileira que foram construídas pelos clubes esportivos e pela Liga de Defesa Nacional através da “Corrida de Revezamento do Fogo Simbólico” na cidade de Porto Alegre entre 1938 a 1947. Se você concordar em participar desta pesquisa terá que responder uma entrevista com um roteiro elaborado. Sua participação é muito importante para que possamos construir informações necessárias para nossos estudos, a partir da visão de quem vivenciou esse evento no período estudado.

Cabe ressaltar que não existirão riscos de exposição a partir da sua entrevista. O pesquisador envolvido neste estudo tratará sua identidade com padrões éticos de sigilo. Seus dados serão confidenciais. O nome ou o material que indique os participantes não será liberado sem permissão por escrito do entrevistado. No caso do entrevistado autorizar a divulgação pública das informações concedidas na entrevista, as fitas gravadas serão encaminhadas para o Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS. Caso contrário, as fitas gravadas serão mantidas em sigilo pelo pesquisador. Os participantes não serão identificados em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo, a não ser se o entrevistado assim o desejar. Você é livre para recusar sua participação a qualquer momento. A participação é voluntária e a recusa em participar do estudo não acarretará em qualquer penalidade ou perda de bens, pois todos os procedimentos da entrevista serão fornecidos gratuitamente. Não será disponível nenhuma compensação financeira adicional.

#### Declaração do Entrevistado

Eu, \_\_\_\_\_,  
portador do CPF número \_\_\_\_\_ fui informado dos objetivos

da pesquisa acima de maneira clara e detalhada, tendo tempo para ler e pensar sobre a informação contida no Termo de Consentimento antes de participar do estudo. Recebi informação a respeito dos procedimentos de avaliação realizados, esclareci minhas dúvidas e concordei voluntariamente em participar deste estudo. Além disso, sei que terei liberdade de retirar meu consentimento de participar da pesquisa frente a estas informações. Os pesquisadores certificaram-me também de que todos os dados dessa pesquisa serão confidenciais. Fui informado que caso existirem danos a minha imagem, causados diretamente pela pesquisa, terei direito a indenização conforme estabelece a lei.

Também sei que sou eximido de qualquer gasto referente à pesquisa. Caso tiver nova perguntas sobre este, a Prof. Luis Henrique Rolim, pesquisador responsável pelo estudo, estará à disposição nos telefones (51) 33433816 ou (51) 99072551 para qualquer pergunta sobre meus direitos como participante desse estudo.

Declaro que recebi cópia do presente Termo de Consentimento.

.....  
Assinatura do Entrevistado e data/local

Autorizo o encaminhamento da(s) fita(s) gravada(s) para o Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS.

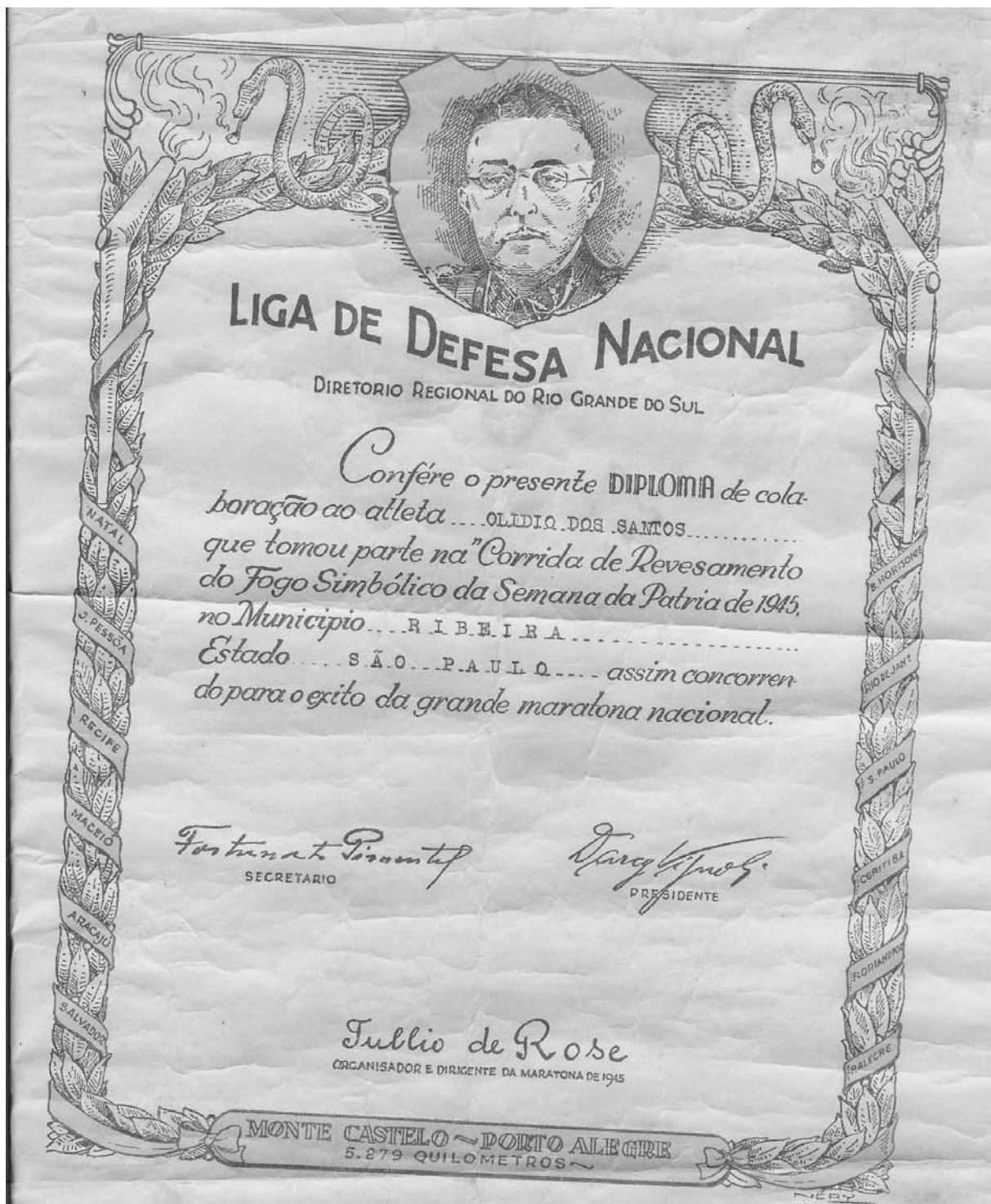
.....  
Assinatura do Entrevistado e data/local

.....  
Assinatura do Pesquisador e data/local



## 9. ANEXOS

## 9.1. Anexo A – Diploma de Participação



## 9.2. Anexo B – Reportagem Zero Hora

### *Túnel do Tempo*



O fogo simbólico de 1944 foi aceso em Recife e levou semanas para chegar a Porto Alegre

## O fogo simbólico

Porto Alegre, que está na rota da tocha dos Jogos Pan-Americanos deste ano, mantém desde 1938 uma corrida de revezamento que neste ano chegará à 70ª edição. Foi em 1936 que um grupo de líderes esportivos gaúchos aprovou a idéia de fazer uma Corrida de Revezamento. Naquele ano haviam assistido à chegada da Corrida de Revezamento da Tocha Olímpica nos Jogos Olímpicos de Berlim. Tratava-se de uma iniciativa pioneira, pois pela primeira vez um revezamento saía das ruínas de Olímpia na Grécia para chegar no dia de abertura dos jogos. Os gaúchos ficaram entusiasmados com aquela celebração e buscaram fazer algo semelhante no nosso país.

Somente em 1938, ocorreu a primeira Corrida do Fogo Simbólico. A tocha saiu

de Viamão e chegou a Porto Alegre à Oh do dia 1º de setembro, quando foi acesa a Pira da Pátria localizada no Parque Farroupilha.

Nas edições de 1939 a 1947, o fogo saiu respectivamente de Rio Pardo (RS), Florianópolis (SC), São Paulo (SP), Tiradentes (MG), Salvador (BA), Recife (PE), Monte Castelo (Itália), Washington (EUA) e Pistóia (Itália).

A história dessas corridas está sendo estudada num projeto do Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano da UFRGS. Os pesquisadores procuram informações e participantes, principalmente do período de 1938 a 1947 (Contatos com Luis Henrique Rolim: (51) 3343-3816 ou (51) 9907-2551 ou [llrsilva@yahoo.com.br](mailto:llrsilva@yahoo.com.br)).

**CATALOGAÇÃO NA FONTE**

- R748c Rolim, Luis Henrique  
A chama que arde em nossos clubes! : a corrida de revezamento do fogo simbólico de pátria em Porto Alegre (1938-1947). / Luis Henrique Rolim. - Porto Alegre: Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.  
186 f.: il.
- Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Educação Física. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre, BR-RS, 2008.
1. Esporte : história. 2. Corrida de revezamento. 3. Tradição inventada. 4. Jogos Olímpicos. 5. Clubes esportivos. I. Título. II. Mazo, Janice Zarpellon, orientadora.
- CDU: 796(091)